



A EPOPEIA DE GILGAMESH

ANÔNIMO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A EPOPEIA DE GILGAMESH

ANÔNIMO

A Epopeia de Gilgamesh

A Epopeia de Gilgamesh

Anônimo



wmf **martinsfontes**

SÃO PAULO 2012

Título original: THE EPIC OF GILGAMESH.
Copyright © N. K. Sandars, 1960, 1969, 1972 para o aparelho
crítico e estabelecimento do texto.

Copyright © 1991, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

a
1 • edição 1992
a
3 • edição 2011
a
2 • tiragem 2012

Tradução realizada a partir da versão inglesa
estabelecida por N. K. Sandars por:
CARLOS DAUDT DE OLIVEIRA

Revisão da tradução
Marcelo Brandão Cipolla
Revisões gráficas
Helena Guimarães Bittencourt
Solange Martins
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação
Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Epopeia de Gilgamesh / Anônimo ; tradução realizada a partir da versão inglesa estabelecida por N.K. Sandars por Carlos Daudt de Oliveira. – 3 **a** ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Título original: The Epic of Gilgamesh.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7827-359-0

1. Gilgamesh I. Sandars, N.K.. II. Oliveira, Carlos Daudt de.
10-13113

CDD-892.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Gilgamesh : Literatura semítica 892.1

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora WMF Martins Fontes Ltda.
Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325.030 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

Introdução

Agradecimentos

A Epopeia de Gilgamesh

Prólogo: Gilgamesh, rei de Uruk

1. A chegada de Enkidu

2. A jornada na floresta

3. Ishtar e Gilgamesh, e a morte de Enkidu

4. A busca da vida eterna

5. A história do dilúvio

6. A volta

7. A morte de Gilgamesh

Glossário onomástico

Apêndice: fontes

1. A história da Epopeia

A Epopeia de Gilgamesh, o famoso rei de Uruk, na Mesopotâmia, provém de uma era totalmente esquecida até o século passado, quando os arqueólogos começaram a escavar as cidades soterradas do Oriente Médio. Até então, toda a história relativa ao longo período que separa Noé de Abraão estava contida em dois dos livros menos atraentes, por serem de cunho genealógico, do Livro do Gênesis. Destes capítulos, apenas dois nomes são lembrados até hoje no linguajar cotidiano: o do caçador Nimrod e o da torre de Babel. O ciclo de poemas reunidos em torno de Gilgamesh nos leva, contudo, de volta ao meio daquele período.

Estes poemas têm direito a um lugar na literatura mundial, não apenas por precederem às epopeias homéricas em pelo menos mil e quinhentos anos, mas principalmente pela qualidade e originalidade da história que narram. Trata-se de uma mistura de pura aventura, moralidade e tragédia. Por meio da ação estes poemas nos revelam uma preocupação bastante humana com a mortalidade, a busca do conhecimento e a tentativa de escapar ao destino do homem comum. Os deuses não podem ser trágicos, pois não morrem. Se Gilgamesh não é o primeiro herói humano, é o primeiro herói trágico sobre o qual conhecemos alguma coisa. E aquele com quem mais nos identificamos e que melhor representa o homem em busca da vida e do conhecimento, uma busca que não pode conduzi-lo senão à tragédia. Pode talvez causar alguma surpresa o fato de que algo tão antigo quanto uma história do terceiro milênio a.C. tenha ainda algum poder para comover e continuar atraindo leitores no século XX; isto no entanto acontece. A narrativa está incompleta e pode ser que continue assim; ela é, porém, o mais admirável poema épico que nos chegou de todo o período anterior ao aparecimento da *Ilíada* de Homero; e é também incomparavelmente mais antigo.

Temos boas razões para crer que a maior parte dos poemas de

Gilgamesh já haviam sido escritos nos primeiros séculos do segundo milênio a.C. e que provavelmente já existiam numa forma bastante semelhante muitos séculos antes disso, ao passo que o texto definitivo e a edição mais completa da epopeia vêm do século VII, da biblioteca de Assurbanipal, antiquário e último dos grandes reis do Império Assírio. Assurbanipal foi um grande general, o saqueador do Egito e de Susa; mas foi também o compilador de uma notável biblioteca, composta por documentos relativos à história contemporânea e por hinos, poemas e textos científicos e religiosos muito mais antigos. Ele nos conta que enviou seus servos aos antigos centros de saber de Babilônia, Uruk e Nippur para que pesquisassem seus arquivos e copiassem e traduzissem para o semítico acadiano da época os textos escritos na antiga língua suméria da Mesopotâmia. Entre esses textos, “Copiados segundo o original e cotejados no palácio de Assurbanipal, Rei do Mundo, Rei da Assíria”, estava o poema que chamamos a Epopeia de Gilgamesh.

Não muito depois de este trabalho de cotejo ter sido concluído, a epopeia virtualmente perdeu-se e o nome do herói foi esquecido, deturpado ou desfigurado até se tornar praticamente irreconhecível – até ser redescoberto no século passado. Esta descoberta deveu-se, em primeiro lugar, à curiosidade de dois ingleses, e depois ao trabalho de muitos estudiosos em diferentes partes do mundo, que juntaram, copiaram e traduziram as tábuas de argila onde o poema foi escrito. Esta é uma obra ainda em andamento, e a cada ano que passa mais lacunas são preenchidas; mas o corpo principal da epopeia assíria não tem sido alterado em seus aspectos essenciais desde a monumental publicação do texto, com transliteração e comentários, por Campbell Thompson, em 1928 e 1930. Mais recentemente, contudo, atingiu-se um novo estágio, e uma nova onda de interesse surgiu em torno do trabalho do prof. Samuel Kramer, da Pensilvânia, cujo cotejo e tradução dos textos sumérios levam a história da epopeia de volta ao terceiro milênio a.C. Já é possível agora combinar e comparar um corpo de escritos bem maior e bem mais antigo do que o que tínhamos até então.

2. A descoberta das tábuas

A descoberta das tábuas remonta à era heroica das escavações, em meados do século XIX, quando, embora os métodos não fossem sempre tão escrupulosos nem os objetivos tão estritamente científicos como hoje, as dificuldades e até mesmo os perigos do empreendimento eram bem maiores, e os resultados causavam um impacto capaz de alterar profundamente a perspectiva intelectual da época. Em 1839, um

jovem inglês, Austen Henry Layard, partiu com um amigo para uma viagem por terra até o Ceilão; mas ele se deteve por algum tempo na Mesopotâmia para fazer um reconhecimento das colinas assírias. A demora de algumas semanas se estendeu por anos, mas por fim Nínive e Nimrud foram escavadas; e foi de uma dessas escavações que Layard trouxe para o Museu Britânico uma grande parte de sua coleção de esculturas assírias, junto com milhares de tábuas quebradas do palácio de Nínive.

Quando Layard começou a escavar em Nínive, esperava encontrar inscrições; mas a realidade, uma biblioteca soterrada contendo toda uma literatura perdida, superou suas maiores expectativas. Na verdade, a extensão e o valor da descoberta só foram avaliados posteriormente, depois que as tábuas com caracteres em forma de cunha foram decifradas. Como era de esperar, algumas dessas tábuas se perderam; mas mais de vinte e cinco mil tábuas quebradas, uma quantidade enorme, foram levadas para o Museu Britânico. O trabalho de decifração foi iniciado por Henry Rawlinson, na residência oficial do governador-geral em Bagdá, onde Rawlinson ocupava o cargo de agente político. Antes de ir para Bagdá, Rawlinson, então um oficial do exército a serviço da Companhia das Índias Orientais, havia descoberto aquilo que acabaria se revelando a principal chave para a decifração do cuneiforme: uma grande inscrição, a “Inscrição de Dario”, encontrada na rocha de Behistun, perto de Kermanshah, na Pérsia, escrita em caracteres cuneiformes em três línguas – o persa, o babilônico e o elamita arcaicos. O trabalho iniciado por Rawlinson em Bagdá prosseguiu no Museu Britânico quando o orientalista retornou à Inglaterra em 1855. Logo após seu retorno, começou a publicar *Cuneiform Inscriptions of Western Asia*. Em 1866, George Smith juntou-se a Rawlinson como assistente no trabalho de decifração das tábuas.

Nesse meio-tempo, Rassam, o colaborador e sucessor de Layard em Nínive, havia escavado em 1853 a parte da biblioteca em que estavam as tábuas com o cotejo assírio da Epopeia de Gilgamesh. A importância da descoberta só foi percebida vinte anos mais tarde, quando, em dezembro de 1872, num encontro da recém-fundada Sociedade de Arqueologia Bíblica, George Smith anunciou: “Pouco tempo atrás, descobri entre as tábuas assírias no Museu Britânico um relato do dilúvio.” Era a décima primeira tábua da recensão assíria da Epopeia de Gilgamesh. Logo depois desta revelação, Smith publicou *Chaldean Account of the Deluge*, contendo um resumo da narrativa de Gilgamesh. O interesse foi imediato e geral; mas a própria tábua do Dilúvio estava incompleta, e isto fez com que se iniciasse uma nova busca para trazer de volta mais tábuas. O *Daily Telegraph* contribuiu com mil guinéus para que fossem feitas mais escavações em Nínive. George Smith comandaria o trabalho em nome do Museu Britânico.

Pouco depois de sua chegada a Nínive, Smith encontrou as linhas que faltavam da descrição do dilúvio. Este material era na época, e ainda é, a parte mais completa e bem preservada de toda a epopeia. Muitas outras tábuas foram achadas naquele ano e no ano seguinte, e Smith pôde reconstituir a maior parte da versão assíria antes de sucumbir, em 1876, à doença e à fome, vindo a falecer perto de Alepo aos trinta e seis anos; mas já desbravara todo um novo território na área dos estudos bíblicos e da história antiga.

Ao publicar o “Dilúvio” assírio, Smith afirmou tratar-se evidentemente de uma cópia de uma versão muito mais antiga feita em Uruk, a Erech da Bíblia, conhecida hoje como Warka. Alguns anos antes, entre 1849 e 1852, W. K. Loftus, membro da Comissão de Fronteira Turco-Persa, passara duas curtas temporadas escavando em Warka, onde encontrou curiosos restos, inclusive tábuas e o que hoje sabemos ser paredes de mosaico do terceiro milênio. Mas Warka teve de esperar até os anos vinte e trinta deste século para vir a receber mais atenção; foi quando os alemães empreenderam grandes escavações que revelaram uma longa série de construções, bem como tábuas e esculturas. Graças a esse trabalho, sabe-se muito hoje em dia a respeito da antiga Uruk, de seus templos e da vida de seus habitantes.

Ainda mais importantes para a história da Epopeia de Gilgamesh foram as atividades de uma expedição americana da Universidade da Pensilvânia, comandada por John Punnet Peters, que ao final do século XIX começou a trabalhar no monte de Niffer, a antiga Nippur, no sul do Iraque. Já se tinha nessa época bem mais experiência com os problemas que envolviam a escavação de cidades antigas; mas ainda assim os riscos eram enormes. O primeiro período em Nippur, 1888-89, começou alegremente com a chegada de Peters e seu grupo ao sítio de escavação, depois de um galope desenfreado através dos bambuzais em cima de fogosos garanhões; mas sua última visão do monte ao final da temporada foi a de árabes hostis executando uma dança de guerra nas ruínas do acampamento. O trabalho continuou, contudo, no ano seguinte, e um total de trinta a quarenta mil tábuas foram encontradas e distribuídas entre museus na Filadélfia e Istambul. Em um pequeno grupo destas tábuas encontram-se as versões mais antigas do ciclo de Gilgamesh na língua suméria. O trabalho em campo e nos museus continua. Com a publicação das tábuas de Ur que se encontram no Museu Britânico, novos acréscimos foram feitos ao texto conhecido. Foram também identificadas tábuas em Bagdá e em outras partes, algumas de importância histórica, outras diretamente relacionadas ao texto. A dispersão deste material tem complicado o trabalho de decifração, pois, em alguns casos, metade de uma tábua importante está guardada na América e a outra em

Istambul, fazendo-se necessário juntar cópias de ambas as partes para que seu conteúdo possa ser compreendido.

A maioria dos textos antigos são documentos comerciais e administrativos, arquivos de negócios, listas e inventários que, embora sejam profundamente interessantes para o historiador, não o são para o leitor médio. A recente decifração da escrita conhecida como “linear B”, da Era do Bronze de Micenas e Creta, não revelou literatura alguma. Uma enorme biblioteca descoberta em Kültepe, na Anatólia Central, compõe-se integralmente de registros de transações comerciais; excetuando-se um solitário texto, que, além disso, é uma maldição, não há ali nada de natureza literária. A importância das escavações em Nippur, Nínive e em outros grandes centros da antiga civilização mesopotâmica é terem restaurado uma literatura de alta qualidade e de caráter único.

A Epopeia de Gilgamesh deve ter sido bastante conhecida no segundo milênio antes de Cristo, pois encontrou-se uma versão da narrativa nos arquivos da capital imperial hitita em Boghazköy, na Anatólia, escrita em acadiano semítico; e foi também traduzida para o hitita indo-europeu e para a língua hurrita. Encontraram-se partes da epopeia em Sultantepe, no sul da Turquia; e um fragmento, pequeno mas importante, descoberto em Megido, na Palestina, aponta para a existência de uma versão cananeia ou palestina mais moderna, o que sugere a possibilidade de os primeiros autores da Bíblia estarem familiarizados com a história. O fragmento palestino vem da tábua que descreve a morte de Enkidu. A versão que mais se aproxima deste fragmento é a do conhecido relato de Boghazköy. As escavações feitas em Ras Shamra, a antiga Ugarit, na costa síria, trouxeram de volta à vida uma literatura épica independente, cujas versões escritas datam em sua maioria da segunda metade do segundo milênio. Esta literatura era também conhecida na capital hitita, e um de seus fragmentos refere-se a uma narrativa do dilúvio que provavelmente foi derivada da narrativa de Gilgamesh. Percebe-se, então, que as várias tradições literárias da época, incluindo as hititas, coincidiam em muitos pontos e às vezes chegavam a se misturar, e recentemente levantou-se a hipótese da provável existência de uma tradição poética egeia-micênica bem semelhante, cujos elementos teriam sobrevivido à era das trevas e reaparecido na poesia homérica e na poesia grega posterior. Toda a questão envolvendo a data e a natureza deste indiscutível elemento asiático na mitologia e nas primeiras produções poéticas da Grécia ainda está sob discussão e se mantém envolta em incertezas.

Tenha ou não chegado ao Egeu a fama de Gilgamesh de Uruk – e esta é uma ideia fascinante –, não resta a menor dúvida de que o herói gozou de tanto renome quanto qualquer outro de tempos posteriores.

Seu nome tornou-se aos poucos tão familiar que passaram a lhe imputar anedotas e outras invenções, como numa fraude popular que sobreviveu em tábuas do século VIII a.C., que provavelmente são cópias de um texto mais antigo. Trata-se de uma carta supostamente escrita por Gilgamesh a um outro rei, com ordens para que enviasse uma quantidade absurda de gado e metais, assim como de ouro e pedras preciosas, que serviriam à confecção de um amuleto para Enkidu, que não pesaria menos de quinze quilos. A anedota deve ter sido muito bem recebida, pois sobreviveu em quatro cópias, todas de Sultantepe. O texto foi recentemente traduzido e publicado pelo dr. Oliver Gurney.

3. O contexto histórico

As escavações arqueológicas e a decifração dos textos ensinaram-nos muito a respeito do contexto histórico e literário da Epopeia. Embora somente a última versão, a da biblioteca de Assurbanipal, tenha sobrevivido em forma relativamente completa, a impressão que se tem é de que todos os elementos mais importantes da história existiam como poemas separados na literatura suméria mais antiga; poemas estes que podem ter sido, e é quase certo que foram, compostos e recitados oralmente muito antes de terem sido registrados em forma escrita. Embora nenhum elemento da história possa ser posterior à destruição de Nínive no século VII, uma situação típica do terceiro milênio é discernível por detrás de grande parte da ação e provavelmente proporcionou seu contexto. A tradição por trás disso remonta mais uma vez à era anterior ao aparecimento da escrita, na fronteira entre a lenda e a história, um pouco depois do dilúvio, quando os deuses foram substituídos pelos mortais nos tronos das cidades-estados. Estamos falando da civilização suméria arcaica.

Os sumérios foram os primeiros habitantes da Mesopotâmia a conhecer a escrita, e é na língua deles que foram escritas as mais antigas tábuas de Nippur relacionadas a Gilgamesh. Eles já haviam irrigado o país e povoado o território com suas cidades antes da invasão das tribos semíticas no decorrer do terceiro milênio. Os próprios sumérios devem ter sido os primeiros conquistadores a entrar na região pelo norte e pelo leste durante o quarto milênio. A influência deste povo talentoso, demonstrada nas leis, na língua e no campo das ideias, persistiu por muito tempo após a invasão de seus vizinhos semitas. Esta influência tem sido comparada, e com justiça, à de Roma sobre a Europa medieval. Seu idioma continuou sendo utilizado na escrita, como o latim na Idade Média, por muitos séculos após a perda de sua identidade política. Por isso, não representa

anacronismo algum o fato de encontrarmos os primeiros textos de Gilgamesh escritos nesta língua “cultu”, embora a maior parte deles date do começo do segundo milênio, após a conquista semita.

As escavações mostram que a civilização suméria arcaica do começo do terceiro milênio, também chamada civilização do antigo período dinástico, é posterior aos notáveis sinais de enchentes constatados em vários sítios importantes: entre eles, Shurruk, Kish e Uruk. Estes sinais coincidem com o final do último período pré-histórico, que os arqueólogos chamam Período de Jemdet Nasr; mas não há provas de que tenham sido rigorosamente contemporâneos. Sir Leonard Wolley identificou em Ur uma catástrofe ainda mais antiga, mas sua extensão foi apenas local, e não há provas arqueológicas que corroborem a ocorrência de um desastre natural de proporções devastadoras; nem mesmo as mais antigas tradições sumérias fazem menção a um dilúvio de consequências catastróficas. Nos escritos sumérios posteriores, bem como nos antigos textos babilônicos, as enchentes e os dilúvios são enviados pelos deuses, junto com outros castigos igualmente catastróficos: a doença, a seca e a fome. Citam-se cinco cidades que teriam existido antes do dilúvio e, para elas, “o Poder Real descia do Céu”. Após a catástrofe, “O Poder Real mais uma vez desceu à Terra”, e as cidades-estados que surgiram nessa época frequentemente se punham em guerra umas contra as outras. A semi-histórica “Lista Dinástica Suméria”, composta no começo do segundo milênio, mostra que Kish foi a primeira cidade a ganhar preeminência; mas, algum tempo depois, Uruk derrotou Kish e tirou-lhe a supremacia. Estes dois Estados eram tradicionalmente rivais. Na lista dinástica, Gilgamesh consta como o quinto monarca da primeira dinastia pós-diluviana de Uruk (ver abaixo).

A riqueza destas cidades tornava-as alvo de cobiça, uma grande tentação para as tribos semitas selvagens da Arábia e para os povos guerreiros do Elam e das regiões montanhosas da Pérsia, a leste. Pouco depois da queda da dinastia de Uruk, quando os semitas se instalaram em Agade, no norte, seu rei, Sargão, afirmou ter sob seu comando um exército fixo de 5.400 soldados. Entre suas principais façanhas estava a destruição das muralhas de Uruk. Estas muralhas haviam se tornado proverbiais. Dizia-se “Uruk das fortes muralhas”, e, tradicionalmente, fora Gilgamesh o grande construtor.

No antigo período dinástico sumério, cada cidade já tinha seus próprios templos em homenagem aos deuses. Eram construções magníficas, decoradas com mosaicos e relevos, e geralmente compreendiam um grande pátio e um santuário interno, tendo às vezes, como em Uruk, um zigurate na parte de trás. O zigurate era uma montanha sagrada em miniatura: uma antecâmara entre o Céu e a Terra, onde os deuses podiam conversar com os homens. Assim,

quando Gilgamesh evoca a deusa Ninsun, sua mãe divina, ela sobe ao topo do templo para oferecer orações e sacrifícios ao grande Deus-Sol. Os templos eram cuidados por um corpo perpétuo de sacerdotes, em cujas mãos, em determinada época, chegou a ficar quase toda a riqueza do Estado. Entre os sacerdotes estavam os arquivistas e os professores, os estudiosos e os matemáticos. Logo no começo, todo o poder temporal estava em suas mãos, já que eram servos do deus cujas propriedades administravam. Mais tarde, um único indivíduo passou a ser o “locatário da fazenda” ou o zelador, até o momento em que o “Poder Real desceu do Céu”, quando o poder foi secularizado, e as dinastias reais, de aspecto agressivo e competitivo, passaram a suceder-se umas às outras. O grande prestígio dos templos, porém, permaneceu inalterado.

Uma das causas do militarismo no terceiro milênio era o fator econômico. A parte sul da Mesopotâmia até o golfo Pérsico era, e ainda é, um território pantanoso, quente e plano, bastante produtivo quando drenado, mas, com exceção das tamareiras, absolutamente desprovido de madeira e metais. O que as cidades rivais necessitavam de seus vizinhos nas montanhas ia além do que a troca pacífica de mercadorias poderia fornecer. Foram criadas colônias de mercadores e entrepostos comerciais, mas o tráfego de caravanas era frequentemente interrompido, e a matéria-prima acabava sendo tirada à força de relutantes tribos da Pérsia, da Arábia ou da Capadócia. Foi assim, pois, que se estabeleceu a imemorial hostilidade entre os montanheses e os homens da planície, sentimento que serviu de tema para um grupo de poemas sumérios que descrevem o relacionamento conturbado entre Uruk e Aratta, um Estado nas colinas orientais.

Possuímos documentos históricos com registros quase contemporâneos de várias expedições empreendidas durante o terceiro milênio por Sargão de Agade e Gudea de Lagash, para proteger suas colônias de mercadores e obter madeira para suas construções. Tais expedições, além disso, certamente não foram as primeiras. O cedro vinha das montanhas Amano, no norte da Síria e sul da Turquia, e talvez do Líbano e do sudeste da Pérsia. Relata-se que Sargão empreendeu uma campanha vitoriosa pelos territórios do norte, e que seu deus Dagon deu-lhe a “região superior” até a “Floresta de Cedros” e a “Montanha de Prata”. A floresta de cedros, neste caso, é certamente Amano. Por sua vez, quando Gudea, rei de Lagash, quis construir um templo para o deus Ningirsu, “Trouxeram para Gudea o cobre de Susa, do Elam e das terras ocidentais... trouxeram-lhe grandes toras de salgueiro e ébano, e Gudea abriu uma trilha na montanha de cedros onde ninguém jamais penetrara; ele cortou os cedros com grandes machados. Balsas de cedro, como gigantescas cobras, flutuavam rio abaixo vindas da montanha de cedro; balsas de

pinho vinham da montanha de pinheiro. Em pedreiras, onde ninguém jamais esteve, Gudea, o sacerdote de Ningirsu, abriu uma trilha; as pedras chegavam em grandes blocos, e chegavam também caçambas de betume e gesso das montanhas de Magda; tantos quantos os barcos que trazem aveia dos campos.” Por detrás do Gudea de carne e osso podemos discernir a figura nebulosa de Gilgamesh, o grande construtor de templos e cidades, que se aventurou pelo interior das florestas trazendo de volta a preciosa madeira do cedro.

4. O contexto literário

Sobreviveram da literatura suméria cinco poemas relacionados a Gilgamesh. Destes poemas, dois foram utilizados e combinados com material mais recente nesta versão da epopeia; são eles “Gilgamesh e a Terra dos Vivos” e fragmentos da “Morte de Gilgamesh”, que, como sabemos hoje, fazia parte de um texto bem mais longo, de pelo menos 450 linhas. A linguagem usada aqui é muito semelhante à de um lamento por Ur-Nammu, monarca de Ur que viveu por volta de 2100 a.C., cujo texto, de passagem, cita o nome de Gilgamesh. Um outro poema, enfocando “Gilgamesh e o Touro do Céu”, está por detrás dos episódios da recensão ninivita que descrevem o insulto à deusa Ishtar e sua vingança. Uma grande parte do poema sumério “Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Inferior” foi traduzida quase que literalmente e acrescentada à epopeia assíria (Tábua XII) sem tentativa de adaptação, embora seja incompatível com eventos anteriormente descritos (Tábua VII). Este adendo, porém, parece fornecer uma alternativa ao “Sonho” e à “Morte de Enkidu”, episódios colocados no centro da versão assíria. O episódio “Gilgamesh e Agga”, assim como “A Morte de Gilgamesh”, é conhecido apenas em sumério. Tratava-se de uma narrativa não muito heroica e sem muita relação com o resto do texto, sobre disputas e um leve conflito armado envolvendo os Estados rivais de Kish e Uruk. Embora seu espírito seja típico de parte da poesia suméria, foge demais ao estilo do resto da obra para que possa ser incluído numa “Epopeia de Gilgamesh”. Não seria surpreendente descobrir que os estudiosos e copistas de Assurbanipal o rejeitaram, embora, é claro, talvez desconhecassem sua existência.

A história do dilúvio não fazia parte do ciclo de Gilgamesh na literatura suméria; era um poema independente que tinha no papel de Noé um herói chamado Ziusudra, nome que significa “ele viu a vida”. Há também um “dilúvio” babilônico arcaico, datando da primeira metade do segundo milênio, no qual o herói chama-se Atrahasis. Neste poema, a enchente é apenas a última de uma série de catástrofes enviadas para destruir a humanidade. A primeira parte da história

ocupa-se de outros assuntos, incluindo a criação do homem. Já fizemos menção aqui a um fragmento achado em Ugarit, na Síria. Uma versão posterior do poema de Atrahasis foi escrita no reino de Assurbanipal. É impossível dizer em que época o dilúvio foi incorporado ao ciclo de Gilgamesh, uma vez que não há informações suficientes relativas ao período babilônico antigo. Têm surgido muitas controvérsias em torno da relação existente entre o dilúvio do Gênesis e o dos escritores assírios, babilônios e sumérios. A opinião geral que se tinha até certa época, segundo a qual o relato do Gênesis seria uma versão mais refinada e recente de uma história bastante conhecida nas cidades da Babilônia, já não é de aceitação geral; muitos sustentam a ideia de que tenha se originado diretamente de uma história muito antiga e independente. Não é preciso abordar esta complexa controvérsia para que se possa acompanhar o relato do dilúvio tal como ele nos é narrado na décima primeira tábu da Epopeia de Gilgamesh. A decifração de novos textos pode vir a esclarecer melhor toda esta questão, mas, no momento, é provável que a melhor maneira de avaliarmos o relato do Gênesis seja utilizando como pano de fundo as muitas histórias antigas de dilúvios, histórias que não estão necessariamente relacionadas à mesma catástrofe e que têm protagonistas – humanos e divinos – diferentes. É possível que nem todas as versões correntes na Mesopotâmia e no Oriente Próximo durante o terceiro milênio tenham sobrevivido até os dias de hoje. Uma mostra de que diferentes narrativas persistiram independentemente no passado está no fato de que o herói de uma versão do século III a. C. – que pode até ser de autoria de Beroso, um sacerdote helenófono da Babilônia – recebeu o nome de Xisuthros ou Sisuthros, que não pode ser senão o Ziusudra sumério, embora o nome tenha desaparecido das versões semíticas conhecidas.

Fora do ciclo de Gilgamesh sobreviveram dois poemas sumérios (incompletos, como de costume) que tratam de um certo Enmerkar, um antecessor de Gilgamesh no trono de Uruk; na lista dinástica suméria, ele é o segundo nome após o dilúvio. Nos poemas de Enmerkar, o rei está em conflito com o senhor de Aratta, Estado situado a leste, nas montanhas da Pérsia. O motivo da briga é comercial e parece girar em torno de uma troca do trigo de Uruk por pedras para construção e metais preciosos, ouro, prata e lápis-lazúli de Aratta. Embora o texto conte com a participação de arautos e grandes guerreiros, sua ação é ainda menos heroica do que a de “Gilgamesh e Agga”. Como poderia se esperar de uma obra originada em Uruk, o Estado sai sempre vencedor em suas contendas contra Aratta.

Também herói de dois poemas é Lugulbanda. Este rei é o terceiro da lista dinástica, e Gilgamesh às vezes se refere a ele como sendo seu “pai” semidivino. Lugulbanda é uma figura mais interessante do que

Enmerkar e, como Gilgamesh, é um viajante. Em “Lugulbanda e Enmerkar”, ele é vassalo e paladino deste último. Também como Gilgamesh, Lugulbanda atravessa grandes montanhas e o rio Kur (isto é, o rio do mundo inferior) antes de conseguir livrar Enmerkar de seus inimigos. Em “Lugulbanda e o Monte Hurrum”, ele é dado como morto e abandonado por seus companheiros em uma outra jornada pelas montanhas, desta vez em Aratta. Por meio de piedosos sacrifícios, Lugulbanda obtém a proteção do Deus-Sol; e, mais uma vez, tal como Gilgamesh em suas peregrinações pelas regiões agrestes, ele come carne de animais selvagens e plantas silvestres como se fosse um pobre caçador. Nossa epopeia parece conter uma alusão proposital a este episódio, quando os conselheiros de Gilgamesh o fazem recordar-se da devoção de Lugulbanda e o exortam a fazer sacrifícios ao sol e a “não se esquecer de Lugulbanda”. É possível então que os compiladores mais recentes tenham se inspirado também neste ciclo, além do ciclo original de Gilgamesh.

A epopeia suméria foi provavelmente criada na fase proto-histórica da civilização suméria arcaica, no começo do terceiro milênio. O poema, contudo, só veio a ser transcrito muitos séculos mais tarde. Segundo uma teoria bastante aceita, estes sumérios chegaram à Mesopotâmia antes de 3 000 a.C. Instalaram-se em suas férteis planícies, herdando a prosperidade dos habitantes originais, que, não dominando a escrita, são conhecidos apenas pela beleza de sua cerâmica e por suas aldeias de cabanas cobertas de colmos e casas de tijolos secos ao sol. Segundo uma teoria alternativa, os próprios sumérios foram os primeiros agricultores na Mesopotâmia. De qualquer maneira, o mundo descrito nas “epopeias” é bem semelhante àquele dos primeiros cinco séculos do terceiro milênio, antes da unificação do Panteão no fim do milênio (sob a terceira dinastia de Ur) e antes da padronização e do formalismo do segundo milênio.

Dentre as primeiras obras literárias sumérias, os poemas de Enmerkar parecem mais narrativas de disputa e debate argumentativo do que epopeias heroicas. Não se traduziu ainda o suficiente do ciclo de Lugulbanda para se julgar até que ponto seu estilo pode ser considerado épico e heroico. A maior parte dos demais poemas sumérios são hinos e lamentos dirigidos aos deuses, ou que se ocupam de seus atributos e atividades. Conhecem-se alguns poemas “épicos”, todos mais ou menos fragmentários, do período babilônico arcaico ou de períodos mais recentes, mas seus protagonistas são em geral deuses ou monstros. Gilgamesh é o único personagem humano de estatura heroica que chegou a nossos dias, embora alguns fragmentos heroicos possam ser encontrados em outros textos literários, como o “Cântico de Débora” no Livro dos Juízes.

5. O herói da Epopeia

As dúvidas quanto à existência de um Gilgamesh histórico não afetam seriamente a nossa fruição da epopeia; mas recentemente os estudiosos conseguiram comprovar, sem sombra de dúvida, que um homem, um rei, chamado Gilgamesh, viveu e reinou em Uruk em alguma época da primeira metade do terceiro milênio. A questão se limita agora a determinar se ele viveu por volta do ano 2 700 a.C. ou uns cem anos mais tarde. Foram encontrados em vasos e tijolos os nomes dos antecessores de Gilgamesh e de seus contemporâneos; ao mesmo tempo, certos documentos semi-históricos – a “Lista Dinástica Suméria”, da qual já falamos, e a chamada “História de Tummul” – fornecem testemunhos históricos e genealógicos conflitantes. Segundo a lista dinástica, Gilgamesh foi o quinto na linha de reis que se seguiram à fundação da primeira dinastia de Uruk (após o dilúvio) e teria reinado por 126 anos; seu filho, contudo, reinou por meros trinta anos, e daí por diante os reis viveram e reinaram por períodos humanos comuns. O documento de Tummul, também datado do começo do segundo milênio, diz que Gilgamesh reconstruiu o santuário da deusa Ninlil em Nippur, depois das restaurações anteriores feitas pelos reis de Kish.

As várias discrepâncias cronológicas são de menor importância em vista da comprovação da existência de Gilgamesh como personagem histórico: um rei que provavelmente comandou uma bem-sucedida expedição para trazer madeira das florestas do norte e que certamente foi um grande construtor. As muralhas de Uruk eram famosas, mas ainda não eram construídas com tijolo cozido. Trata-se de um anacronismo possivelmente originado pela má compreensão de redatores mais modernos de um texto mais antigo.

Evocava-se a qualidade superior dos tijolos “plano-convexos” utilizados na construção das fortalezas. As escavações em Warka mostram o esplendor dos templos ainda no período do surgimento da escrita. Gilgamesh, contudo, também é lembrado como um juiz justo, e relatos posteriores o transformaram, como o Minos de Creta, num juiz do mundo inferior, a quem as pessoas dirigiam suas orações e que era invocado através de encantamentos e rituais. Uma prece começa: “Gilgamesh, rei supremo, juiz dos Anunnaki.”

O herói é descrito no começo do poema. Ele é dois terços deus e um terço homem, pois sua mãe era uma deusa, como a mãe de Aquiles. Dela Gilgamesh herdou grande beleza, força e inquietude. De seu pai herdou a mortalidade. A história tem muitos desdobramentos, mas eis sua tragédia: o conflito entre os desejos do deus e o destino do homem. A mãe de Gilgamesh era uma deusa relativamente obscura, que possuía um templo-palácio em Uruk. Na lista dinástica, seu pai é

descrito um tanto misteriosamente como um “lillû”, que quer dizer um “tolo” ou um demônio vampiresco, e também como um sumo sacerdote. Na versão suméria, Gilgamesh é o “sacerdote de Kullab”, uma área de Uruk, mas em seus momentos de tensão ele invoca Lugulbanda chamando-o de “pai”. O reinado de Lugulbanda foi o segundo antes de Gilgamesh e o terceiro após o dilúvio. Ele era o protetor da cidade e era chamado de deus. Lugulbanda reinou por 1 200 anos.

Numa obra que existe há tanto tempo e que foi tão frequentemente copiada e alterada, é inútil buscar precisão histórica nos eventos narrados. Exprimi a opinião de que a situação política do terceiro milênio constitui o mais provável pano de fundo da ação. O fato mais impressionante é o grau de unidade espiritual encontrado em todo o ciclo – no sumério, no babilônio antigo e no assírio –, unidade que se origina do caráter do herói e de uma atitude profundamente pessimista em relação ao mundo e à vida humana. A insegurança da vida na Mesopotâmia explica, pelo menos em parte, essa atitude. Havia, além disso, aquele sentimento a que Henri Frankfort deu o nome de “angústia implícita”, devida ao “terror obsessivo de que forças turbulentas e misteriosas pudessem trazer a qualquer momento uma catástrofe à sociedade humana”. Percebemos de antemão no caráter de Gilgamesh uma preocupação dominante com a fama e a reputação, assim como a revolta do homem mortal contra as leis da separação e da morte. O conflito do homem selvagem ou “natural”, representado pelo personagem Enkidu, com o civilizado, representado por Gilgamesh, parece menos fundamental, embora tenha sido reenfatizado recentemente por pelo menos um autor.

A história é dividida em episódios: um encontro de amigos, uma jornada pela floresta, o insulto a uma deusa caprichosa, a morte do companheiro e a busca da sabedoria ancestral e da imortalidade. Por todos eles perpassa uma mesma ideia, como no refrão do poeta medieval, *“Timor mortis conturbai me”*. No episódio da Floresta de Cedros, esta ideia central funciona apenas como um estímulo à ambição do herói de deixar um nome a ser lembrado; mas após a morte de seu fiel companheiro o tema torna-se mais imperioso: “Como posso descansar depois que Enkidu, a quem amo, virou pó, e quando também eu morrerei e serei enterrado para sempre?” No final do poema, este espírito se transforma em mofa devido às oportunidades perdidas e às esperanças desfeitas. Esta atmosfera continua até a cena final, a da morte do próprio herói, quando a ambição humana é tragada pelo destino e acaba por se realizar através dos antigos rituais.

A causa do pessimismo que dominava o pensamento mesopotâmico jaz em parte na precariedade da vida nas cidades-estados, uma vida submetida aos caprichos das enchentes, das secas e

das ações de uma vizinhança turbulenta. O destino destes povos dependia também do caráter dos deuses, que eram considerados os poderes responsáveis por tais condições. Uma vez que os deuses desempenham um papel tão importante na epopeia, é bom falarmos um pouco a respeito destas criaturas imprevisíveis e aterrorizantes. Seus nomes e principais atributos estão arrolados no Glossário (p. 175), mas alguns deles, que desempenham um papel decisivo na ação, exigem por isso uma descrição um pouco mais detalhada. Seus nomes parecem estranhos e soam pouco familiares aos ouvidos ocidentais, e a topografia de seu mundo é, à primeira vista, tão peculiar, que uma explicação mais pormenorizada parece se fazer necessária. O leitor pode, contudo, se assim o desejar, deixar de lado o capítulo seguinte até o momento em que se sentir propenso a conhecer mais a respeito dos principais deuses e de suas habitações no céu ou no mundo inferior.

6. Os principais deuses da Epopeia

As cidades da Mesopotâmia compartilhavam um mesmo panteão, mas os deuses não eram cultuados em todas as partes sob os mesmos nomes. Os semitas, ao invadirem a Mesopotâmia, herdaram a maioria dos deuses sumérios, mas alteraram seus nomes, a relação que mantinham entre si e muitos de seus atributos. Hoje, é impossível dizer se qualquer um desses deuses originou-se na própria Mesopotâmia, se pertenceu ao panteão mitológico daquele estrato populacional ainda mais antigo que pode ter ocupado o território mesopotâmico antes da chegada dos sumérios; mas são os deuses destes últimos que desempenham os principais papéis em toda a Epopeia; e este é um argumento a mais, se mais algum argumento fosse necessário, a favor da grande antiguidade de todos os episódios. Deuses mais recentes, como Marduk, de Babilônia, não são mencionados em Gilgamesh.

Cada cidade tinha seu próprio protetor, que morava entre seus muros e zelava por sua fortuna. Anu (o An sumério) era um pai dos deuses, guardando menos identidade com Zeus do que com Urano, o Deus-Céu, que para os gregos não representava mais do que um elo ancestral na corrente da criação e de cuja união com a Terra, segundo algumas genealogias, surgiram o Oceano, os rios, os mares, os Titãs e, finalmente, Crono, o pai de Zeus. Numa reconstrução da teogonia suméria, feita pelo prof. Kramer, An foi o primogênito do mar primordial. Ele era o firmamento, as camadas superiores do céu, e não o ar que sopra sobre a terra. Como Urano, An se uniu à Terra (a Ki suméria) e gerou Enlil, o deus do ar. Nesta época o mundo ainda

estava envolto na escuridão, e Enlil, o ar, vivia aprisionado entre o teto escuro do céu, uma noite sem estrelas e a superfície da terra. Enlil gerou então a lua, Nanna (o Sin dos semitas), que viajou num barco e trouxe a luz aos céus de lápis-lazúli; e Nanna por sua vez gerou o sol, Utu (o Shamash dos semitas), e Inanna (a Ishtar dos semitas), a deusa do amor e da guerra. Os textos permanecem muito obscuros; um deles é a introdução ao poema sumério que trata da descida de Enkidu ao mundo inferior. Anu nesta época ainda não é tão ignorado quanto Urano, mas também já não é visto como o criador ativo dos deuses. Esta posição suprema foi sendo gradualmente usurpada por Enlil, e em nosso poema é Enlil que profere os destinos, como sinal de sua autoridade. Mas ele, por sua vez, acabaria destronado por um novo deus, o Marduk babilônio.

Enlil, que tinha Nippur como sua cidade, era o vento e a tempestade, o hálito e o “verbo” de Anu, pois, segundo os hinos em seu louvor, “O espírito do verbo é Enlil, o espírito do coração de Anu”. Enlil é o poder em ação, enquanto Anu é o poder em essência. Ele é “o verbo que acalma os céus”, mas também é “um violento dilúvio que perturba o semblante dos homens, uma torrente que destrói baluartes”. Na Epopeia de Gilgamesh ele aparece mais frequentemente sob seu aspecto destrutivo; Anu, por sua vez, é um ser remoto que vive bem longe, no firmamento, além dos portões do céu. Em um dos textos Enlil parece encorajar a jornada à Montanha dos Cedros, mas também é ele quem repreende Gilgamesh e Enkidu por assassinar o sentinela da floresta.

Figuras igualmente importantes na Epopeia são Shamash, o Deus-Sol, a quem os sumérios chamavam Utu, e Ishtar, a bela mas terrível deusa do amor. O sol em árabe ainda é “shams”, e naquela época Shamash era a entidade onisciente e onividente, o grande juiz a quem os mortais aflitos podiam apelar contra as injustiças sofridas, sabendo que seriam ouvidos. Os hinos de Nínive descrevem seus muitos atributos: “A humanidade inteira se regozija em vós, oh, Shamash, o mundo inteiro anseia por vossa luz... numa voz cavernosa, o homem fraco clama por vós... quando está longe de sua cidade e de sua família, o menino pastor temeroso do campo aberto recorre a vós, o pastor confuso entre seus inimigos... a caravana que marcha aterrorizada, o comerciante, o mascate com seu saco de pesos.” Nada escapa aos olhos do sol: “Guia e farol que passa constantemente sobre o mar infinito, cuja profundidade os grandes deuses do céu desconhecem; vossos raios brilhantes penetram o Abismo, e os monstros das profundezas veem vossa luz... queimais por sobre imensuráveis extensões de terra por horas sem fim... a terra é esmagada por vosso terrível brilho.” Os dois aspectos de onisciência e justiça em Shamash estão unidos na imagem da rede: “Vossa rede está

estendida para apanhar o homem que cobiça” e “Vossos raios caem como uma rede sobre a terra”. Ele é também o deus dos oráculos: “Através da taça do adivinho, dos feixes de cedro, instruis o sacerdote do oráculo, o intérprete de sonhos, o feiticeiro...”; e em outro hino ele é o juiz: “Proferis diariamente os veredictos do céu e da terra; o fogo e as chamas que vos acompanham em vossa vinda ofuscam todas as estrelas do céu.” Foi também ele quem deu a Hamurabi seu sistema de leis.



Ishtar (a Inanna dos sumérios) era cultuada, junto com Anu, num grande templo em Uruk. Ela é a rainha do céu e, como deusa do amor e da guerra, uma personagem ambígua; “uma deusa bela e terrível”, como Afrodite. A maioria dos deuses tinha um lado benigno e outro perigoso, e até mesmo Shamash podia ser terrível; mas neste poema, exceto por um só instante, vemos Ishtar somente por seu ângulo mais sombrio. Que ela sabia ser encantadora, isto mostra-nos um hino composto por volta do ano 1 600 a.C. “Reverenciai a rainha das mulheres, a maior entre todos os deuses; o amor e o deleite revestem seu corpo; ela está cheia de ardor, encanto e voluptuosa alegria; seus lábios são doces, sua boca é a Vida, a felicidade atinge seu auge quando ela está presente; que visão gloriosa, os véus cobrindo seu rosto, suas graciosas formas, seus olhos cheios de brilho.” Esta é a radiante deusa do amor em sua primeira aparição a Gilgamesh, mas seu aspecto logo se transforma e ela assume uma face mais familiar, o da “senhora das dores e das batalhas”. É a este lado de seu caráter que lhe foi dirigido um hino de Babilônia: “Oh, estrela da lamentação, fazeis com que irmãos na paz se ponham em luta uns contra os outros e, no entanto, inspireis uma amizade leal e perseverante. Oh,

poderosa, senhora das batalhas, que derruba montanhas.”

Resta apenas mais um deus a desempenhar um papel importante no poema; é Ea (o Enki sumério), o deus da sabedoria, cujo elemento era a água doce que traz vida à terra, e cujo lar ficava em Eridu, então situada às margens do golfo Pérsico. Ele aparece como um ser benigno, um pacificador, mas nem sempre é um amigo confiável, pois, como tantos expoentes da sabedoria primitiva, ele se utilizava de truques e subterfúgios, sendo, ocasionalmente, um tanto malévolo. Mas aqui ele aparece como o grande “senhor da sabedoria que vive nas profundezas”. Sua origem é obscura, mas às vezes é chamado de filho de Anu, “gerado à sua própria imagem... de grande inteligência e enorme força”. Ele é também, em certo grau, o criador e benfeitor da humanidade.

Em contraposição ao céu e suas divindades, encontra-se o mundo inferior com suas divindades sombrias. No antigo mito sumério da criação, ao qual já nos referimos, depois de An ter arrebatado os céus e ter-se apossado do firmamento, e depois de Enlil ter arrebatado a terra, Ereshkigal foi levada como prêmio para o mundo inferior (ou talvez tenha sido *ela* a levar o mundo inferior como prêmio). O significado deste mito é obscuro, mas parte dele parece descrever um outro rapto de Perséfone. Algumas vezes se referiam a Ereshkigal como a irmã mais velha de Ishtar, tendo talvez, em determinado momento, sido ela própria uma deusa do céu que acabou tornando-se rainha do mundo inferior; mas ela não obteve o direito de voltar à terra em toda primavera.

O nome que os sumérios davam ao mundo inferior, “Kur”, também servia para designar “montanha” e “terra estrangeira”, e há frequentemente uma grande ambiguidade em seu uso. O mundo inferior ficava abaixo da superfície da terra, mas acima das águas inferiores, do grande abismo. O caminho para o inferno começava “montanha adentro”, mas havia muitos circunlóquios para designar o lugar em si ou o caminho que levava a ele. Falava-se da “estrada da carruagem” ou da “estrada sem retorno”. Nós, contudo, não somos tão diferentes dos sumérios nesse aspecto; para prová-lo, basta comparar o número de sinônimos nos dicionários ingleses sob os verbetes “Vida” e “Morte”.

Aparentemente, a história do rapto (se é que houve algum) foi mais tarde esquecida ou perdeu a importância, e com isso perdeu-se também a personalidade de “Kur”; pois, como aconteceu a Hades, o sinistro deus acabou tornando-se pouco mais do que um lugar escuro e Ereshkigal desposou outros maridos. A Rainha do Mundo Inferior é um ser absolutamente aterrador, sempre descrita de maneira evasiva: “Aquele que descansa, aquela que descansa, a mãe de Ninazu, as roupas não cobrem seus sagrados ombros, o linho não cobre seus

seios.” Há vários poemas, sumérios e semíticos, que descrevem o mundo inferior. Às vezes ele é cenário de alguma jornada empreendida por algum deus ou mortal. Certo príncipe assírio, sob o pseudônimo de “Kummu”, legou uma terrível visão da morte e do além. É um apocalipse sombrio em que os anjos são todos demônios; onde podemos reconhecer a esfinge, o leão e o grifo, o querubim com mãos e pés humanos, ao lado de muitos monstros da imaginação que durante muito tempo apossaram a mente humana. Eles reaparecem continuamente em sinetes de pedra, marfins e rochas, e sobreviveram através da iconografia medieval e da heráldica até os dias de hoje. Embora possam ter perdido sua força simbólica, os mistérios que representavam são os mesmos que ainda hoje nos deixam perplexos.

Pode-se sentir por toda a Epopeia de Gilgamesh a presença do mundo inferior. Já se sabe de antemão que é lá que terminará a jornada do herói, por mais que lute para escapar a esse destino, pois “só os deuses vivem para sempre”. Enkidu sonha com o mundo inferior antes de sua morte, e, num outro poema, o mesmo Enkidu desce vivo pela “estrada sem retorno” para trazer de volta um tesouro perdido. Mas, ao contrário das jornadas de Hércules e Teseu, os heróis gregos que partiram em missões semelhantes, a aventura de Enkidu foi fatal; apenas um breve retorno lhe foi permitido, provavelmente na forma de um fantasma, uma substância não mais concreta do que um sopro de brisa que, ao ser inquirido por Gilgamesh, respondeu: “Senta-te e chora; meu corpo, que costumavas tocar e enchia teu coração de alegria, os vermes devoram como se fosse um velho agasalho.”

Seria demasiado simplista dizer que, enquanto os egípcios nos fornecem uma visão do céu, os babilônios nos dão uma visão do inferno; há, contudo, certa verdade nisso. No universo sumério-babilônico, apenas os deuses habitavam o céu. Entre os mortais, apenas um foi transportado à vida eterna, “lá longe, na foz dos rios”, e ele viveu naqueles obscuros dias da época antediluviana, tal como Enoc, que “caminhou com Deus e desapareceu, pois Deus o levou”. Os mortais comuns tinham de ir para “A casa onde ficam sentados no escuro, onde o pó é sua comida e o barro sua carne; vestem-se como os pássaros, tendo asas como traje; por sobre o ferrolho e a porta jazem o pó e o silêncio”. É uma visão deprimente de pássaros pesados, mudos e apáticos, agachados na sujeira com suas penas enlameadas. Neste mundo inferior viviam também os Anunnaki, os “Magníficos” sem nome, que, como Ereshkigal, chegaram a viver no alto entre os anjos do céu, mas que por causa de uma má ação foram de lá banidos para se tornarem os juizes do mundo inferior, quase da mesma forma como os Titãs foram banidos por Zeus, ou como sucedeu a Lúcifer, o anjo caído. Na Babilônia, a alma de um homem morto era exorcizada com o seguinte encantamento: “Deixai-o ir para o sol poente, deixai

que seja confiado a Nedu, o porteiro-mor do mundo inferior; que Nedu o vigie atentamente, que sua chave cerre a fechadura.”

Talvez este cenário não tenha sido sempre tão sombrio. Um fragmento de uma tábua suméria nos diz que a alma do justo não sucumbirá e insinua a existência de um juiz a quem os virtuosos não precisam temer; mas, no que diz respeito aos poemas de Gilgamesh, o mundo inferior é aquele lugar de lamentações que Enkidu, ou seu espírito, descreve na Tábua XII. A jornada faz lembrar o último livro da Odisseia, em que os pretendentes à mão de Penélope são levados, “algaraviando como morcegos que guincham e esvoaçam nas profundezas de uma misteriosa caverna quando um deles cai do teto rochoso ao soltar-se do aglomerado formado por seus companheiros. Nesta estridente algazarra de discórdia o grupo foi conduzido por Hermes, seguindo o Libertador pelos sombrios caminhos da ruína. Eles o seguiram para além da corrente do Oceano, do rochedo alvo, para além dos portões do sol e da região dos sonhos, e logo chegaram ao campo de asfódelos, onde moram as almas, os espíritos descarnados dos homens”. Ao contrário do que aconteceu a Enkidu, que foi conduzido ao palácio de Ereshkigal por uma criatura com garras e ar sinistro, este grupo foi escoltado pelo “Libertador” Hermes. Fora isso, esta descrição é bastante semelhante à visão babilônica dos momentos finais, e até mesmo a alegoria dos morcegos foi usada pelo autor de um poema em homenagem a Inanna. Aparentemente, tal concepção da região dos mortos também era familiar ao autor do Salmo XLIX, que escreveu: “Eles formam um rebanho destinado ao Inferno; a morte os conduz ao pasto, e os justos os dominarão pela manhã; sua beleza será consumida pelo Inferno, para que não haja lugar para ela.”

Por sua vez, o egípcio às portas da morte tinha uma modesta pretensão ao paraíso para confortá-lo e encorajá-lo em seus últimos momentos. Após o julgamento e a pesagem das almas, o justo podia ter esperança de entrar nos campos do paraíso através de uma espécie de renascimento: “Conheço os campos de colmos de Re... a altura de sua cevada... ela é ceifada pelos habitantes do horizonte e pelas Almas do Oriente.” Este renascimento não era apenas para o homem excepcional ou para o rei, mas para “milhões de milhões... não há ninguém que não consiga chegar lá... quanto à duração da vida na terra, trata-se de uma espécie de sonho. Àqueles que chegam ao Oeste é dito: ‘Bem-vindo, são e salvo.’”

7. A narrativa

Embora os deuses desempenhem papéis importantes em *Gilgamesh* – pelo menos nas últimas versões do poema –, a Epopeia parece ter

sido uma obra tão secular quanto a *Odisseia*. Mesmo contendo elementos quase religiosos, como as lamentações pelos mortos e as composições formalizadas sobre a “Sabedoria”, não há indício de que fosse recitada em rituais religiosos, como acontecia com o grande poema babilônico sobre a Criação, o *Enuma Elish*. *Gilgamesh* é uma narrativa secular, dividida em episódios vagamente relacionados, que cobrem os eventos mais importantes da vida do herói.

Estes poemas não atribuem a Gilgamesh um nascimento fantástico ou lendas de infância, como aquelas dos heróis folclóricos. Quando a história começa, ele já é um homem maduro e supera todos os outros em beleza, força e nos desejos insatisfeitos de sua natureza semidivina, uma natureza que não lhe deixa rivais no amor ou na guerra; ao mesmo tempo, é possuidor de uma energia demoníaca que exaure seus súditos. Estes são obrigados a invocar a ajuda dos deuses, e o primeiro episódio descreve como conseguem arranjar-lhe um companheiro que é seu oposto. Trata-se de Enkidu, o “homem natural”, criado entre os animais selvagens e rápido como uma gazela. Enkidu acaba sendo seduzido por uma meretriz da cidade, e a perda da inocência representa um passo irreversível para a domesticação de seu espírito selvagem. Os animais passam a rejeitá-lo, e ele gradualmente se deixa civilizar, aprendendo a vestir-se, a comer comida humana, a pastorear, a guerrear o lobo e o leão, até finalmente chegar à grande cidade de Uruk. Ele não torna a pensar em sua antiga vida de liberdade até seus momentos finais, no leito de morte, quando é dominado por um sentimento de dor e de arrependimento que faz com que amaldiçoe todos os educadores. Esta é a história da “Queda” contada ao contrário, uma *felix culpa* despojada do desenvolvimento trágico; mas é também uma alegoria dos estágios por meio dos quais o homem atinge a civilização, partindo da selvageria, passando pelo pastoreio, até finalmente chegar à vida urbana. Chegou-se até mesmo a afirmar que esta história provava que os babilônios eram evolucionistas sociais! Recentemente, o prof. G. S. Kirk fez uma interessante tentativa de interpretar Enkidu – seu nascimento, sua sedução e sua luta com Gilgamesh – à luz do estruturalismo de Lévi-Strauss; tendo Enkidu como símbolo da “natureza” em oposição a Gilgamesh como representante da “cultura”, o propósito da história seria o de mediar essas contradições e resolver a tensão entre elas. Embora esta possa ser uma das facetas do poema, não creio que seja a mais importante. Ela sugere uma identificação infundada do homem civilizado com a doença, do homem natural com a saúde e o bem-estar; ao mesmo tempo, é bastante ilusório tentar equiparar o ambiente sofisticado e letrado da Babilônia do segundo milênio e da Assíria do começo do primeiro milênio com o mundo simples dos gregos do tempo de Homero ou Hesíodo, isso sem falar no dos ameríndios de Lévi-Strauss.

De qualquer maneira, a impressão que se tem é a de que Enkidu está longe de ser um mero “personagem-tipo”. Num prefácio ao livro que contém as mais recentes traduções das tábuas de Ur, o prof. Gadd chama a atenção para a conversa do fadado e moribundo Enkidu com o Deus-Sol, na qual se insinua que ele tivera uma vida feliz nas planícies ao lado de sua mulher, uma “mãe de sete”. O prof. Gadd vê nesta história uma tragédia tripla: a do marido seduzido por encantos meretrícios que acabam por levá-lo a uma vida da qual ele logo se cansa; a do nômade perdido na cidade para onde fora levado; e, finalmente, a do “nobre selvagem” tentado por uma mulher que lhe transmite um tipo de conhecimento que só lhe trará infortúnios.

A grande amizade entre Gilgamesh e Enkidu, que tem início com uma luta corpo a corpo em Uruk, é o elo que liga todos os episódios da história. Até mesmo em sonho, antes de vir a conhecer Enkidu, Gilgamesh se sentia atraído por ele “como pelo amor de uma mulher”. Após o encontro entre os dois, Enkidu torna-se “um irmão mais moço”, um “amigo querido”, embora os poemas sumérios, que não fazem nenhuma referência ao passado de Enkidu, deem mais ênfase à relação entre servo e senhor. É Enkidu quem traz notícias sobre a misteriosa floresta de cedros e seu terrível sentinela, com quem eles se verão face a face num encontro que é o tema do segundo episódio.

A jornada na floresta e a batalha daí resultante podem ser lidas em diferentes planos de realidade, tal como uma alegoria medieval. A floresta é uma floresta de verdade, algumas vezes identificada como Amano, no norte da Síria, ou talvez Elam, no sudoeste da Pérsia; mas é também a morada de poderes sobrenaturais e o cenário de estranhas aventuras, como as vividas pelos heróis celtas e os cavaleiros medievais; e é ainda a obscura floresta da alma. No primeiro nível, o histórico, a necessidade que as cidades tinham de madeira é a razão de todo o empreendimento. Gilgamesh, o jovem rei de Uruk, desejava ostentar seu poder e ambição construindo templos e grandes muralhas, como fizeram Sargão de Agade e Gudea de Lagash. Mas nas montanhas viviam tribos desconhecidas que opunham resistência a qualquer tentativa de remoção dos cedros pela força. Era preciso lutar para que a valiosa mercadoria pudesse ser embarcada para Uruk, e na batalha os deuses das tribos da floresta lutavam por trás de seu próprio povo. Era, portanto, essencial recrutar contra eles um dos grandes deuses da Mesopotâmia, usando sua mágica superior contra a mágica do inimigo. Shamash acede, em face da promessa de um novo templo a ser erigido em sua honra, e concede sua proteção especial ao empreendimento. Entre os terrores da montanha estavam os vulcões e os terremotos. Há uma falha geológica que atravessa a Anatólia e a Armênia, e é provável que os vulcões da área ainda estivessem ativos por volta do terceiro milênio a.C., um fato que acrescenta interesse à

acurada descrição de um vulcão em erupção contida num dos sonhos de Gilgamesh na Montanha dos Cedros.

No segundo nível, este episódio é uma aventura. Dois jovens heróis partem em busca de fama; a montanha e os cedros, com seu sentinela, são desafios que ultrapassam os horizontes da vida cotidiana. Eles partem armados mas sós, e sozinhos encontram o gigante Humbaba, que foi diversamente identificado como um deus do norte da Síria, da Anatólia ou do Elam, dependendo do destino que se imagine ter tido a expedição – as montanhas do norte ou do leste. Ele protege a floresta com vários encantamentos, embora talvez tenha havido uma confusão no que diz respeito ao portão encantado que Enkidu deveria abrir e que acabaria lhe trazendo sofrimentos. Mais tarde, na conversa que Enkidu tem em seu leito de morte, fala-se de um portão situado em Uruk, feito com a madeira vinda da floresta. Há ainda o misterioso sono ao qual Gilgamesh sucumbe logo após ter derrubado o grande cedro; e, quando o herói finalmente descobre Humbaba nas profundezas da floresta, o gigante quase o mata ao balançar sua cabeça lançando-lhe um “olhar” mortal. A criatura só é dominada com o auxílio de Shamash e dos oito ventos. Esses eram armas bastante poderosas, pois foi com eles que o deus Marduk subjugou as águas do caos primevo na batalha do começo do mundo, tal como ela é narrada no *Enuma Elish*.

Há também um terceiro nível, pois Humbaba é o “Mal”. A primeira referência que lhe é feita é simplesmente esta: “Por causa do mal que existe sobre a terra, nós iremos à floresta destruir esse mal.” Gilgamesh desempenha, então, o papel do cavaleiro que mata o dragão. Os dois companheiros saem vitoriosos do conflito; apesar disso, por terem tomado partido entre duas divindades, usando as armas de Shamash para destruir o protegido de Enlil, acabam incorrendo na ira do rancoroso e irascível deus da tempestade, vindo a sofrer as consequências disso mais tarde. Realmente, visto de determinado ângulo, todo o episódio da floresta não é senão uma cruel armadilha de Enlil para destruir Gilgamesh e Enkidu.

A floresta é “a Terra dos Vivos”, ou simplesmente “a Terra”, que fica em alguma parte para além dos limites do mundo e da realidade terrestres. No meio dessa Terra está a montanha, que é ao mesmo tempo a moradia dos deuses e o mundo inferior, o lugar de onde vêm os sonhos. Mas a floresta está também relacionada ao “Jardim do Sol”, onde Gilgamesh acaba entrando numa jornada futura e onde reencontra, não em sonho, mas face a face, o grande Deus-Sol, pois “a Terra pertencia a Shamash”. A floresta é estranhamente familiar, assim como seu sentinela. “Vereis um vale semelhante a um grande canal e no meio desse vale uma grande árvore cujos galhos têm pontas mais verdes do que o mais verde dos pinheiros. E sob essa árvore

encontra-se uma fonte.” São estas as instruções que Cynon recebe do sentinela da floresta em suas peregrinações “através do mundo e de sua imensidão”, tal como nos diz um dos romances galeses do *Mabinogion*. Lá ele encontrou “o mais belo vale do mundo, as árvores da mesma altura, e havia um rio correndo através do vale com um caminho que seguia à sua margem”. Embora isto seja um texto galês do século XII, ele descreve o que Gilgamesh e Enkidu viram ao entrar na floresta de cedros: o cedro em frente à montanha, a clareira coberta de mato verde e a estrada larga e fácil de percorrer.

No relato, o sentinela da floresta tinha poder sobre os animais que pastavam ao seu redor na clareira; o sentinela da floresta de cedros do poema semítico conseguia “ouvir uma novilha se mexer a sessenta léguas de distância”. Humbaba é o perpétuo Monstro-Pastor, como o horrível homem da clava que Cynon ou o Cavaleiro Verde do poema setentrional encontram em suas aventuras; é uma divindade da natureza selvagem que, como as próprias florestas, os séculos não conseguem mudar. No poema sumério, contudo, ele tem ainda um aspecto ígneo, talvez relacionado aos vulcões.

Após o episódio da floresta, concluído com aparente sucesso, vem o grande ato de glorificação de Gilgamesh, o Rei: paramentado, com coroa e manto, quase tão belo quanto um deus, o herói lembra Ulisses depois de sua penosa aventura no mar, quando Atena dotou-o de beleza divina. Neste momento a deusa Ishtar o vê e passa a desejá-lo apaixonadamente; tenta seduzi-lo com promessas tentadoras, após o que vem uma notável passagem: a deusa é insultada por um desdenhoso mortal. Há algo aqui do orgulhoso Hipólito, ou de Pi-cus e Circe em Ovídio, ou de Anquises, o menino pastor do Monte Ida, que no hino homérico foi, para sua desgraça, seduzido por Afrodite, pois “Aquele que se deita com uma deusa imortal perde para sempre a sua força e vigor”. Gilgamesh então acusa Ishtar, lembrando-a do miserável destino reservado a seus infelizes amantes do passado, um deles tendo sobrevivido como um pássaro com a asa quebrada, outro como um lobo, e um terceiro como uma toupeira cega; pois Ishtar tinha os poderes de Circe. Estes acontecimentos bem poderiam ter feito parte de uma “Metamorfose” babilônica.

A seguir vem a morte do “Touro do Céu”, um monstro que personifica a seca de sete anos enviada pela deusa como castigo por ter sido rejeitada por Gilgamesh. Anu a princípio se recusa a criar o touro; quando, porém, a enfurecida Ishtar ameaça pôr abaixo os portões do inferno e trazer os mortos para comerem com os vivos, ele aquiesce, pois não se trata de uma simples ameaça, já que, como nos narra um outro poema, o episódio realmente se concretizou. O feito acrobático por meio do qual o touro é morto assemelha-se aos feitos executados nas touradas de Creta.

O desastre chega através da *hubris*. Enkidu se recusara a atender ao pedido de clemência de Humbaba e insultara Ishtar. Gilgamesh parece menos culpado desse pecado, pois ele se comovera com as súplicas de Humbaba, embora tivesse permitido, depois de terem matado o touro, que os jovens que se juntaram ao seu redor para admirá-lo gritassem: “Gilgamesh é o mais glorioso dos heróis, Gilgamesh é o mais eminente entre os homens.” Por isso, a vingança divina recai primeiro sobre Enkidu. Ele é avisado em sonho. Vê os deuses reunidos em conselho, e ouvimos retumbar a ominosa pergunta: “Por que estão reunidos os grandes deuses?” Anu declara sua imparcialidade, como convém a um personagem tão majestoso e distante: “Um dos dois tem de morrer.” Shamash vem em defesa de ambos, mas a contenda entre Shamash e Enlil, como a existente entre o sol e a tempestade, torna a irromper, e Shamash só pode salvar um deles, Gilgamesh, seu protegido: Enkidu tem de morrer. À noite, Enkidu tem uma visão da morte. Esta visão é uma de nossas principais fontes de conhecimento acerca do que era a vida após a morte para os babilônios. Uma outra fonte é o poema sumério independente “Enkidu e o Mundo Inferior” e suas traduções acadianas, que foram incorporadas à Epopeia de Gilgamesh na décima segunda tábuia da recensão ninivita. Enkidu desce vivo ao Mundo Inferior para trazer de volta um misterioso tambor e sua baqueta, talvez objetos xamanísticos, que Gilgamesh havia ali deixado cair. Apesar dos avisos, ele quebra todos os tabus e é preso, “pois o Rei do Mundo Inferior o pega”; mas um buraco é feito na crosta da terra para que ele (ou seu espírito) possa retornar e descrever o que viu.

Com a morte de Enkidu, ultrapassamos a metade da história. O companheirismo é interrompido e Gilgamesh fica só. Depois de experimentar as alegrias de uma amizade quase perfeita, ele tem de aprender a viver sem ela; mas isso é exigir demais. O conhecimento de que a morte é inevitável servira antes como um desafio a empreendimentos audazes e ações vitoriosas; mas agora estultifica a ação e traz consigo um novo sentimento, o da derrota. O grande rei é, no final das contas, um mortal comum. No meio desta crise ele relembra seus antepassados, e especialmente Utnapishtim, que, segundo se dizia, alcançara a vida eterna, passando a integrar a companhia dos deuses. Ele fora o sobrevivente do dilúvio, um outro Noé, a quem os deuses levaram “para viver na foz dos rios” e era chamado “o Longínquo”. Depois disso segue-se a procura pela sabedoria ancestral, que conduz Gilgamesh aos limites da terra, como aconteceu a Ulisses em sua jornada em busca de Tirésias. Esta segunda jornada não é uma repetição da primeira, à Montanha dos Cedros. Ela não pode basear-se em nenhum fato histórico; a topografia é sobrenatural como antes não o era. Nesta aventura, os planos espiritual e romântico se fundem. Embora revestida de uma aparência

de geografia primitiva, a paisagem é tão espiritual quanto a Selva Escura, a Montanha e o Abismo de Dante. Não se conhece até agora nenhum correspondente sumério deste episódio; não é impossível, porém, que algo venha a ser encontrado no ciclo inédito de Lugulbanda.

Após uma longa peregrinação pelo mundo selvagem, vivendo como um caçador pobre e vestindo peles de animais, Gilgamesh chega a um desfiladeiro, onde mata leões que vê brincando sob a luz da lua. Este curto episódio é introduzido quase casualmente, mas é provável que tivesse um significado que se perdeu para nós, pois um grande número de sinetes ostenta uma imagem em que um homem, que se acredita ser Gilgamesh, trava combate com leões; e por todo o resto da jornada, até chegar à Fonte da Juventude, o herói veste a pele do leão. O grupo heráldico com um guerreiro flanqueado por dois leões rampantes passou para a iconografia do mundo clássico, medieval e moderno e é até hoje conhecido como “o motivo de Gilgamesh”. Sabemos que o leão encontrado por Dante no sopé da montanha, “Fronte erguida e louco de fome”, simbolizava o pecado da Soberba, enquanto a pantera entalhada no coro de uma igreja medieval pode estar simbolizando Cristo, visto como a pantera que matou o dragão, dormiu por três dias e então refrescou o mundo com seu hálito. Mas como poderíamos compreender estas imagens, tão corriqueiras para nossos ancestrais da Idade Média, sem as pesquisas feitas pelos medievalistas com o intuito de explicá-las? Por isso, não chega a surpreender que não tenhamos hoje em dia nenhuma pista em relação ao significado real deste combate com o leão. A versão hitita do poema é a única a oferecer um indício de uma possível relação especial entre os leões e o Deus-Lua.

Do desfiladeiro onde matou os leões, Gilgamesh vai para a montanha do sol, guardada por terríveis sentinelas, seres parte homem, parte dragão, com cauda de escorpião. Pode ser que o objetivo dessa descrição seja o de lembrar-nos de que o homem-escorpião foi um dos monstros criados pelo caos no começo do mundo, segundo o *Enuma Elish*. A montanha aparece em vários sinetes, com o sol se pondo por trás. Ela se situa na última cordilheira do horizonte ocidental; atrás de sua enorme massa pétrea, Shamash desaparece no ocaso e torna a aparecer no romper da aurora; ela é ao mesmo tempo a muralha do céu e o portão do inferno. Para os sumérios, o sol dormia à noite no seio de sua mãe, a terra; mas os semitas sustentavam que ele continuava sua jornada num barco, passando por baixo da terra e sobre as águas do mundo inferior até chegar à montanha oriental, elevando-se no céu pela manhã, acompanhado de sua noiva, a aurora. Gilgamesh, em sua jornada através da montanha Mashu, refaz a pé o itinerário solar; os dois

cumes da montanha representam o nascer e o pôr do sol, e o destino final da viagem é o jardim do Deus-Sol, que fica nas margens do Oceano.

Este jardim dos deuses não é a morada celeste, mas antes um paraíso terrestre; é a terra da aurora, “situada a leste, no Éden”. Mas, ao contrário da terra de Dilmun, para onde o sobrevivente do dilúvio foi levado para passar a eternidade, este lugar fica na margem de cá do rio da morte. Infelizmente, o episódio chegou até nós em estado bastante fragmentário, e a narrativa das maravilhas do jardim, com seus frutos adornados de joias, foi quase toda perdida; restou apenas o suficiente para nos fornecer um dos raros vislumbres do jardim do Éden segundo o antigo idioma semítico. Ali, caminhando de madrugada, o deus do sol vê Gilgamesh desmazelado, com ar de desespero. Ele o repreende, mas Gilgamesh segue em frente, apesar de avisado de que sua busca certamente resultaria em fracasso. Numa casa à beira do mar ele encontra uma mulher, Siduri, com suas vinhas e adegas. Ela também é chamada *Sabit*, que, antes de tornar-se um nome próprio, significava “taberneira”. Pode ser que haja também uma relação entre esse nome e o da sibila caldeia descrita por Beroso. Siduri é uma figura enigmática, nunca explicada, mas sua linguagem é semelhante à de Circe, que era filha do sol. Circe habitava uma ilha no meio do oceano, onde o leste e o oeste se confundiam e onde cresciam ervas mágicas e móli. Como Circe e seu filho Como, Siduri é partidária da “filosofia” do comer, beber e ser feliz, “pois isto também é o destino do homem”. A imagem da carregadora de vinho ainda foi usada pelos poetas sufistas medievais, para quem ela era o símbolo da “realidade revelada”. Gilgamesh foi instruído por Siduri sobre como atravessar as águas da morte, assim como Ulisses foi informado por Circe do caminho para o Hades através do “rio Oceano”. Mas, ao contrário de Ulisses, Gilgamesh está só e não tem um barco; tem de achar o barqueiro, e as instruções dadas por Siduri são confusas e pouco confiáveis. Há uma outra grande diferença: embora esta expedição acarrete a travessia do Oceano e das águas da morte, não é uma jornada pelo mundo inferior, nem tampouco Urshanabi é o barqueiro dos mortos. A rota é, ainda, o caminho percorrido pelo sol toda noite até “o ponto de trânsito na foz dos rios”. Para chegar até Utnapishtim, “o Longínquo”, Gilgamesh tem de atravessar o mesmo Oceano que representava a última fronteira do território conhecido ou conhecível para todos os povos antigos, gregos, semitas ou sumérios. Era uma barreira intransponível, pois se comunicava com as águas da morte e com o abismo, o “Absu”, as águas que estão acima do firmamento. Até mesmo os experientes romanos temiam o Atlântico, e a travessia de César para a Grã-Bretanha foi vista como um ato de ousadia quase sobre-humana, pois, ao contrário do mar Mediterrâneo,

o canal da Mancha era considerado o começo do Oceano.

Para os sumérios, o Oceano ficava em algum lugar para além do Golfo Pérsico, e era lá também que se situava Dilmun, onde os rios desembocavam no mar. Deste modo, “a foz dos rios” correspondia exatamente às “nascentes do Oceano” dos gregos, o lugar onde ficavam os Campos Elíseos e as ilhas abençoadas de Homero e Hesíodo, “em direção à noite, no longínquo Ocidente, nas suaves campinas, entre as flores da primavera”. O Dilmun, como o paraíso grego, não era para os mortais comuns. Utnapishtim não morreu, mas foi escolhido para viver lá para sempre, assim como Menelau entre os heróis gregos, que foi enviado “às planícies elísias no fim do mundo para se juntar ao ruivo Radamanto, na terra onde a vida é mais fácil para os homens, onde não há neve, onde o vento é sempre suave e onde nunca chove; onde, dia após dia, a brisa melodiosa do Vento Oeste chega do Oceano para refrescar sua gente”. Há uma descrição muito antiga de Dilmun, escrita numa tábuas de Nippur. Segundo este registro, no começo do mundo, quando o trabalho da criação havia apenas começado, Dilmun era um lugar onde “não se ouvia o grasnido do corvo, a ave da morte não lançava o grito da morte, o leão não devorava, o lobo não lacerava a ovelha, a pomba não pranteava, não havia viúvas, doenças, velhice ou lamentação”.

Apesar da publicação recente de escritos inéditos, nossos textos ainda são bastante problemáticos na parte da obra que descreve o encontro de Gilgamesh com o barqueiro e a partida de ambos em viagem. Alguns sinetes mostram duas figuras humanas, que podem ser Gilgamesh e Urshanabi, navegando em um barco com proa em forma de serpente. Esta proa pode ser a explicação para a serpente mencionada quando do encontro de Gilgamesh com o barqueiro; mas a natureza dos “Objetos de Pedra” que Gilgamesh imprudentemente despedaça permanece um mistério. Tudo o que pode ser dito a respeito deles é que sua destruição tornou necessário o uso de varas para a propulsão do barco e que eles estavam de alguma maneira relacionados a “asas” ou a “seres ou figuras aladas”, mas, no mais, “eles conservam até o presente a maior parte de seu mistério”, como afirmou o prof. Gadd num ensaio escrito em 1966 sobre os novos textos.

O encontro de Gilgamesh com Utnapishtim, “o Longínquo”, começa com uma daquelas composições literárias sobre a “Sabedoria”, que, tal como a exortação à vida de prazer e despreocupação pregada por Siduri, parece ter como objetivo reconciliar o homem com o seu destino na terra, embora tenha um tom pessimista. Segue-se o relato do dilúvio por Utnapishtim. Esta é a mais bem preservada de todas as tábuas da versão assíria, com mais de trezentos versos ainda conservados. Já fiz menção a outras versões mais antigas não

relacionadas a Gilgamesh: o “Dilúvio” sumério, em que Ziusudra desempenha o papel de Noé ou Utnapishtim, e o Atra-hasis babilônico. Há notáveis semelhanças entre a história narrada no Gênesis e a da tábuas de Gilgamesh, mas há também diferenças surpreendentes. O Gênesis não menciona o nome da cidade, mas as outras versões apontam Shurruk, atual Fara, uma das primeiras cidades-estados sumérias a conquistar uma posição hegemônica.

A narrativa da décima primeira tábuas começa com um conselho realizado entre os deuses. Tais conselhos nunca pressagiavam nada de bom para os mortais, e este não foge à regra. Não é dada nenhuma explicação do motivo imediato que levou os deuses a optar pela destruição da humanidade. Ele devia ser semelhante ao do Gênesis: “A terra estava corrupta diante de Deus, e cheia de violência”, pois mais adiante no texto fala-se em “infligir ao pecador o seu pecado”. Na história suméria, a narrativa do dilúvio segue-se às da criação do homem, dos vegetais e dos animais, da instituição da monarquia e do estabelecimento da maneira correta de cultuar os deuses. Infelizmente, neste ponto o texto é longamente interrompido, o que obliterou o motivo da ira dos deuses e de sua decisão de destruir a humanidade através do dilúvio. Não deixa de ser sugestivo o fato de a última linha decifrável estar relacionada à limpeza e irrigação de riachos. Quando a história volta a ficar inteligível, os deuses estão divididos, exatamente como na décima primeira tábuas de Gilgamesh. Conheciam-se outras histórias do dilúvio na antiga Mesopotâmia, mas a primeira referência ao evento na literatura suméria não parece ser muito anterior ao Atra-hasis, obra composta no antigo idioma babilônico no começo do segundo milênio. Neste poema a enchente se segue à pestilência, à fome e à seca, cada uma delas ideada para exterminar a raça humana. Na edição definitiva de W. G. Lambert e A. R. Millard, encontramos estes versos:

Mil e duzentos anos não haviam ainda se passado
Quando a terra se estendeu e o povo se multiplicou,
A terra bramia como um touro,
O tumulto dos homens perturbou o deus.
Enlil ouviu o barulho que faziam...

A descrição do dilúvio na Tábuas III tem tanta coisa em comum com a linguagem da Tábuas XI de Gilgamesh que esta última parece ter tomado a primeira como modelo, ou melhor, deve ter se utilizado de uma recensão perdida, compilada no período babilônico médio.

No dilúvio de Gilgamesh, Ishtar e Enlil são, como sempre, os advogados da destruição. Ishtar fala, talvez na qualidade de deusa da guerra, mas é Enlil quem prevalece na escolha da tempestade como

arma. Apenas Ea, em sua superior sabedoria, não se manifestou; talvez nem estivesse presente. Mas, sagaz, cuidou para que pelo menos um da raça dos homens sobrevivesse.

A terrível devastação estarreceu até mesmo os deuses, pois Enlil convocou para ajudá-lo não apenas os horrores da tempestade, mas também os Anunnaki, deuses do mundo inferior, cujos raios dançavam por sobre as águas em elevação. A descrição da tempestade é mais elaborada e impressionante do que a narrada no Gênesis. Para se encontrar uma linguagem comparável à descrição da nuvem negra que se aproxima vinda do horizonte, dentro da qual os trovões retumbam anunciando a aproximação do deus da tempestade, é preciso recorrer aos Salmos – “... a escuridão estava sob seus pés. E ele cavalgou um querubim e voou; sim, voou sobre as asas do vento... no clarão que resplandecia à sua frente suas espessas nuvens despejaram granizo e carvões em brasa. E o Senhor trovejou nos céus”.

O mesmo mecanismo é utilizado na história bíblica: a construção da arca, a entrada dos animais, o dilúvio, a soltura das pombas e o sacrifício; mas, enquanto o deus que “se lembrou de Noé” vive num terrível isolamento, nas versões assíria e suméria ainda estamos num mundo de divindades facciosas, atarantadas e falíveis. Há um perigo real de que os poderes do caos e da destruição escapem ao seu controle. As coisas realmente acabam indo longe demais, e os deuses ficam chocados com o resultado de sua própria ação; mas nada mostra com mais clareza a diferença de objetivo e perspectiva dessas histórias do que sua conclusão. No lugar da promessa solene feita por Deus a Noé – “Enquanto a terra durar, a sementeira e a colheita, o frio e o calor, o verão e o inverno, o dia e a noite não mais cessarão” –, há uma repugnante descrição dos deuses a aglomerar-se como moscas em torno do sacrifício. No lugar do juramento do arco-íris, há apenas Ishtar brincando com o colar entre os dedos enquanto exclama que jamais se esquecerá “daqueles dias”. Mas essas são as palavras da divindade mais notoriamente infiel. Da mesma forma, há também uma grande diferença entre a condição de semidivindade e imortalidade que Utnapishtim, Atra-hasis e Ziusudra obtêm para si e suas famílias e a solene aliança bíblica entre Deus e um Noé ainda inteiramente humano, graças a quem toda a humanidade pode respirar aliviada e viver sem ansiedades. A causa do mal-estar presente na psique do povo mesopotâmico pode ser explicada em parte por essa insegurança que dominava a vida das pessoas: a inexistência de uma aliança.

A narrativa do dilúvio, todavia, é um poema independente, inserido na estrutura da Epopeia de Gilgamesh. Depois que a lemos, voltamos ao ponto onde estávamos; mas ela tende, como os outros incidentes que sobrevivem no final da história, a convencer o herói da futilidade de sua busca. Apesar de tudo, porém, o herói retém uma

esperança obstinada; ela deve ser esmagada e exposta como aquilo que realmente é, uma fuga. Ao ser desafiado e posto à prova, Gilgamesh não consegue sequer ficar acordado. Na Fonte da Juventude, onde recebe os trajes que não apresentam sinais de envelhecimento, ele percebe a ironia do fato de meros bens materiais terem maior duração do que o corpo; ao lado disso, a planta da Juventude Recuperada, trazida com tamanha dificuldade do fundo do mar, cai brevemente em suas mãos para ser logo perdida; e assim a lição é aprendida pela última vez. O texto aqui torna a apresentar muitas lacunas, mas não é preciso outra explicação para a cobra que muda de pele; ela é o símbolo da autorrenovação. Há também uma ligação linguística entre o nome dado à planta e aquele dado à casca que envolve a cássia, “casca de cobra”, ou seja, a pele descascada da cobra.

Por que é que Gilgamesh não come imediatamente a planta, recuperando assim sua juventude? Será por causa de um desejo altruísta de compartilhá-la com seu povo, devolvendo aos idosos seu vigor juvenil? Será apenas mais um truque dos deuses? Não creio; nem tampouco acredito que Gilgamesh seja vítima da impostura divina toda vez que chega perto da imortalidade; penso que, em vez disso, o propósito de cada um desses incidentes é cumulativo e tem como objetivo minar sua recusa em aceitar o destino humano. Gilgamesh não estava em busca de uma eterna renovação da natureza, algo que poderia ter obtido com a deusa Ishtar, nem tentava meramente escapar da velhice, passando a levar uma vida tranquila e ociosa, como a que fora concedida a Utnapishtim; ele estava muito mais interessado na imortalidade terrena e nas oportunidades que esta oferecia para ações heroicas; buscava uma vida de glórias na terra semelhante à dos deuses no céu. É preciso que a lição seja repetida para que Gilgamesh, o rei, perceba que não é diferente dos outros homens. Só depois que a cobra volta para dentro do lago é que o herói finalmente se convence da futilidade de lutar por algo que não se pode ter, “correndo atrás do vento”, como lhe dissera Siduri. É o fim da busca. Não há mais nada a fazer a não ser voltar para casa.

A volta é descrita sumariamente e deixa muita coisa inexplicada. O final da aventura é como um feitiço que se quebra; depois das tribulações, da busca e de um prêmio quase ganho, tudo volta subitamente ao normal e nos encontramos novamente no ponto onde começamos, admirando a prosaica excelência dos muros da cidade. Todas as coisas boas que esperávamos encontrar – juventude, vida eterna, o amigo morto – desaparecem. Este final foi descrito como “Zombeteiro, insatisfatório, desprovido de sentido trágico ou catártico”. Não concordo com essa opinião, pois é um final verdadeiro, é o que realmente acontece e, à sua maneira, é tão trágico quanto o

fim de Heitor sob as muralhas de Troia.

O último ato, a morte de Gilgamesh, existe apenas na versão suméria. É um lamento solene; o lamento não é tanto um grito de dor individual, mas parte de um elaborado ritual funerário. É uma cena igual à revelada pela escavação do Cemitério Real em Ur, com imolações em massa e uma magnífica parafernália fúnebre: presentes, banquetes, mantos e o pão e o vinho oferecidos pelo rei falecido aos deuses do mundo inferior no momento de sua entrada na “Terra Sem Retorno”.

8. A sobrevivência do texto

Esta história conservou-se precariamente, só tendo sido redescoberta no século passado; pois, quando Nínive caiu, em 614 a.C., dominada pelas forças conjuntas dos medos e babilônios, a destruição que se seguiu à sua queda foi tão completa que a cidade jamais se reergueu, e sob as ruínas da capital assíria foi soterrada toda a biblioteca de Assurbanipal. Os assírios nessa época não gozaram de muito prestígio entre seus vizinhos, e o profeta Naum sem dúvida falou por muitos deles em “O Fardo de Nínive”, quando exultou com sua iminente queda: “As bigas correrão enfurecidas pelas ruas, chocar-se-ão umas com as outras; parecerão tochas, correndo como relâmpagos de um lado para o outro... Nínive está devastada: quem dela se compadecerá?”

O século VII foi talvez o último momento na história do Oriente Próximo em que uma grande literatura, e uma história como a de Gilgamesh de Uruk, pôde quase desaparecer por completo. A descrição do dilúvio tornara-se mais uma vez uma história independente, mas sua estrutura, como podemos observar na narrativa de Eusébio, citando Seroso no século III a.C., mudou surpreendentemente pouco. Foi provavelmente na Babilônia que a Epopeia sobreviveu por mais tempo em sua forma integral, e conhecem-se cópias do texto feitas após o saque de Nínive; mas esta sobrevivência se deu sob a forma de um tipo especial de narrativas de viagens e aventuras, sempre presentes no mundo atemporal e sem fronteiras da lenda e do romance folclórico. Eliano, escrevendo em grego por volta do ano 200 d.C., sabia da existência de um certo Gilgamos, rei de Babilônia, e narrou a história de seu nascimento, que não é muito diferente daquela que se conta de Perseu e também de Ciro. Foram detectados elementos da narrativa nas lendas folclóricas persas da Idade Média e até em escritos de regiões mais longínquas; mas foi uma sobrevivência crepuscular. Os escritos do Oriente Próximo e do Mediterrâneo na idade clássica não acusam um conhecimento concreto da existência de

nossa Epopeia.

Uma das razões para esse desaparecimento pode estar nos caracteres cuneiformes com os quais a obra foi escrita. Este tipo de escrita estava saindo de uso e logo se tornaria ininteligível aos habitantes do novo mundo mediterrâneo. Talvez tenham surgido algumas versões populares em aramaico, que não sobreviveram; mas os persas, que continuaram a usar a antiga escrita, possuíam sua própria literatura, e obviamente tinham muito pouco interesse pela história e pelas lendas de seus antigos inimigos. Os hebreus tinham razões ainda mais fortes para querer esquecer a Assíria, a Babilônia e tudo o que dizia respeito a tais nações, que passaram a figurar apenas em parábolas admonitórias. Além do mais, o século em que Nínive caiu foi o mesmo que viu o aparecimento de duas novas formas poéticas, o poema lírico e a ode para coral, ambas utilizando a escrita alfabética. Mas, embora a poesia lírica produzida na Grécia do século VII seja moderna, a literatura épica daquele país ainda pertencia em parte ao mesmo mundo lendário de Gilgamesh, o rei da antiga Uruk. Teria sido historicamente possível ao poeta da *Odisseia* ter escutado a história de Gilgamesh, não numa versão truncada, mas no original, pois os navios da Jônia e das ilhas já comerciavam na costa síria. Os gregos mantinham contato com os assírios em Al Mina e Tarso. É improvável, mas não impossível, que Assurbanipal tenha ouvido um contador de histórias grego recitar a *Ilíada* em Nínive.

É possível que ultimamente se tenha dado importância demais às aparentes semelhanças entre a mitologia dos antigos gregos e a dos povos da Ásia Ocidental. Este volume não é o lugar adequado para nos aprofundarmos nessas discussões críticas, ao mesmo tempo fascinantes e quiméricas: seria Gilgamesh um protótipo de Ulisses, ou empunhava ele a clava de Hércules? Não é tanto uma questão de protótipos e parentesco, mas, antes, de uma similaridade de atmosferas. O mundo em que viviam os bardos gregos e os escribas assírios nos séculos VII e VIII era pequeno demais para que não tenha havido algum contato entre eles; e as viagens comerciais dos aventureiros e mercadores gregos forneciam um cenário mais do que propício ao intercâmbio de histórias; especialmente quando o campo para isso fora preparado séculos antes pelos micênios da era do bronze, em seus contatos com o povo da Síria e, possivelmente, com os hititas da Anatólia. Por isso, não chega ser assim tão surpreendente que Gilgamesh, Enkidu e Humbaba pareçam viver no mesmo universo dos deuses e mortais dos *Hinos homéricos*, da *Teogonia* de Hesíodo e da *Odisseia*. Todas estas obras têm em comum uma mesma *mise-en-scène*, um mundo em que deuses e semideuses se confraternizam com os homens num pequeno universo de terra conhecida, cercado pelas águas desconhecidas do Oceano e do Abismo. Estes homens ocasionalmente emergem da

sombra do mito e da magia para aparecerem como seres humanos compassivos e comuns, tais como os heróis homéricos; e, entre eles, encontramos Gilgamesh de Uruk.

Os deuses babilônicos e seu universo desapareceram para ressurgir mais tarde nas religiões mediterrâneas, especialmente nas crenças gnósticas. Os heróis também se transformaram e sobreviveram, viajando para o oeste e para o leste. Muitos reconhecem no Alexandre da Idade Média a figura de Gilgamesh, e algumas de suas aventuras podem ter sido transferidas para os romances. Desta forma, por trás do galês Cynon, por trás de Owen e Ivain, por trás de Sir Gawain, que procura a Capela Verde passando pela gélida floresta setentrional com seus carvalhos e suas trilhas de musgo, por trás de Dermot em sua luta com o “selvagem” na fonte (situada no caminho que leva ao país submarino), talvez se esconda a Terra dos Vivos dos sumérios, a Floresta de Cedro e a Montanha de Prata, Amano, Elam e Líbano. São romances e histórias folclóricas surgidas nas cortes medievais, cujas origens passam pelo cancionero dos menestréis e pelas lendas célticas, remontando à Suméria arcaica ou talvez até antes, aos primórdios da arte de narrar. Embora o herói sumério não seja um Ulisses mais antigo, ou um Hércules, ou um Sansão, ou um Dermot, ou um Gawain, é possível que nenhum destes fosse tão celebrado se não houvesse a história de Gilgamesh.

O mundo de hoje é tão violento e imprevisível quanto o de Assurbanipal, o rei da Assíria, o Grande Rei, o rei do mundo, e o de Naum da Judeia e até mesmo o de Gilgamesh, personagem histórico que, no terceiro milênio antes de Cristo, guerreou e enviou expedições pelo mundo. A única diferença é que, para nós, o “grande redemoinho do Oceano” não fica para além dos limites de um horizonte plano, mas na outra extremidade de nossos telescópios, na escuridão onde eles não podem penetrar, onde o olho e sua extensão mecânica se veem obrigados a retornar. Nosso mundo pode ser infinitamente maior, mas ainda assim acaba num abismo, nas águas superiores e inferiores da nossa ignorância. Os mesmos demônios ficam de emboscada à nossa espera, “o Demônio no relógio”, e no final de tudo retornamos ao ponto de onde saímos, como quem “partiu numa longa jornada, cansou-se, exauriu-se em trabalhos e, ao retornar, gravou na pedra toda a sua história”.

9. A linguagem da Epopeia

Em obras separadas por um longo período de tempo, como o que transcorreu entre a versão suméria da Epopeia e as mais recentes versões semíticas, é natural que haja diferenças de linguagem e

sentimento. Os próprios escritores da Antiguidade referiam-se à Epopeia como “o Ciclo de Gilgamesh”, um poema em doze cantos, cada um com mais ou menos trezentos versos, inscritos em tábuas separadas. A recensão ninivita está escrita em versos rítmicos com quatro acentos por verso, enquanto a do antigo idioma babilônico apresenta versos mais curtos de dois acentos cada. Apesar das características primitivas, a repetição e o uso de epítetos padrão, sua linguagem não é de modo algum primitiva ou ingênua; pelo contrário, é altamente elaborada. Os curtos epítetos homéricos são utilizados com parcimônia; o Deus-Sol é “glorioso” e Ninsun “sábia”, mas não invariavelmente, e esses epítetos são bem menos frequentes do que aqueles que acompanham o nome de Heitor ou Ulisses. O que encontramos em ambas as versões, a suméria e a semítica, é a repetição, palavra por palavra, de passagens relativamente longas de narrativa ou conversação e também de elaboradas fórmulas de saudação. Estas eram características comuns da poesia oral, que serviam para ajudar o recitador ao mesmo tempo que satisfaziam à plateia. Qualquer contador de histórias infantis sabe que sua plateia quer a repetição exata de uma passagem conhecida ou popular e que se opõe ferozmente a qualquer desvio, por menor que seja, em relação às palavras usadas na primeira vez em que a história foi contada. Hoje, como no passado, exige-se do recitador e do contador de histórias a mesma exatidão ritualística.

Não sabemos por quanto tempo o poema foi recitado, mas a conservação destas palavras no texto sugere a coexistência de uma tradição oral e uma tradição escrita. Para o tradutor essas seções representam um problema especial, particularmente quando vêm muito seguidas umas às outras sem uma forte razão emocional ou narrativa. Isto se aplica às instruções recebidas pelo caçador com referência à armadilha para a captura de Enkidu, dadas rápida e sucessivamente por seu pai, por Gilgamesh e repetidas por ele mesmo. Neste caso, condensei as informações (um recitador talvez as tivesse expandido com interpolações). Mas, com relação às saudações dirigidas ao herói pelos vários personagens que encontra em seu caminho à procura de Utnapishtim e suas longas réplicas a elas, as palavras têm um efeito cumulativo; cada repetição intensifica a atmosfera de cansaço, frustração e esforço obstinado e deve, por isso, ser mantida. Há também momentos em que a repetição de palavras semelhantes, com pequenas variações, intensifica a tensão e conduz a um clímax, como na jornada de Gilgamesh à montanha. Isso, quando dito em voz alta, causaria uma forte impressão da passagem do tempo e do desgaste resultante dessa prova; por isso, embora muito do efeito se perca com a simples leitura, optei por condensar o texto o mínimo possível. Realmente, expressar a passagem do tempo deve ter

representado um grande desafio, e esse artifício deve ter sido criado para enfrentá-lo, pois o mesmo tipo de repetição ocorre toda vez que uma jornada tem de ser descrita.

Vários dos mecanismos comuns de embelezamento poético foram utilizados na obra, inclusive trocadilhos, ambiguidades propositais (também encontradas na versão suméria) e ironia. Quase não se encontram alegorias no texto, mas, quando usadas, os resultados são ótimos. No conjunto, as descrições são vívidas e diretas, como a do vulcão e a da tempestade que precede o dilúvio. A “poesia” foi concebida dentro daquele espírito de quem vê nos relâmpagos que surgem no horizonte os deuses do mundo inferior a elevar suas tochas por cima de suas cabeças. A linguagem do texto sumério é diferente em qualidade; em parte, talvez, por estar mais próxima de um hino ou de uma liturgia. O lamento agadiano por Enkidu é mais elaboradamente expressado, mas o pranto sumério por Gilgamesh tem uma nobreza e uma força ritual que a outra versão desconhece. Já estamos de tal maneira habituados a versões literariamente mais sofisticadas dos mitos que às vezes nos sentimos tentados a enxergar intenções “poéticas” ou “literárias” onde elas não existem, interpretando exageradamente símbolos que por acaso atraíram a imaginação de escritores mais recentes e com uma consciência maior do ofício. Não é possível dizer até que ponto determinado efeito poético foi obtido deliberadamente, nem tampouco até que ponto as composições se libertaram dos antigos padrões ritualísticos. A partir do momento em que o mito se cristaliza em forma literária, está morto enquanto crença ou forma de ritual; mas é possível que, pelo menos nos estratos mais antigos do nosso material, essa mudança não tivesse ainda ocorrido de maneira completa, e por esta razão não devemos nos surpreender de encontrar incrustados em poemas tão primitivos certos fragmentos míticos que parecem grotescos ou banais, ao mesmo tempo que, em outros momentos, defrontamos com os escombros de uma poesia que nunca chega a se desenvolver plenamente.

10. Notas sobre esta versão

Esta versão da Epopeia de Gilgamesh não é uma nova tradução do original cuneiforme. Um trabalho dessa natureza exigiria um conhecimento profundo das línguas nas quais as várias partes desta obra chegaram a nós – o sumério, o acadiano e o hitita são as principais entre elas –, e esta é uma tarefa que não creio ter competência para levar a cabo. Existem hoje em dia várias traduções acadêmicas para o inglês, o francês e o alemão, que fornecem um texto preciso e acrescido de longas notas explanatórias. Para o leitor

comum, que não é um especialista em assiriologia ou estudante das literaturas e da história antiga, estes textos são de difícil leitura, pois tendem a enfatizar, e não a mitigar, os defeitos e falhas do original. Cada palavra ausente ou de significado duvidoso é assinalada por chaves ou lacunas; estes sinais variam conforme a palavra entre colchetes tenha sido inserida pelo tradutor ou pelo antigo redator. Além do mais, a tradução é aproximada o máximo possível da estrutura semítica ou suméria do original, o que muito frequentemente dá origem a um texto em mau vernáculo. Existem muitas e felizes exceções das quais pude me beneficiar, aproveitando-me também dos comentários que explicam as limitações e dificuldades das várias leituras. Este método acadêmico fornece ao estudante e ao especialista aquilo de que eles precisam, mas apresenta ao leitor comum uma página que mais se assemelha a um problema de palavras cruzadas inacabado. Por isso, achamos que valia a pena tentar uma versão que, sem acrescentar nada ao texto que não tenha sido corroborado pela autoridade acadêmica nem tampouco omitir qualquer palavra cujo significado fosse inquestionável, procuraria evitar a aparência tosca da tradução verso a verso, fornecendo ao leitor uma narrativa simples e direta.

Tenho plena consciência da temeridade de tal empreendimento e da minha grande dívida para com os especialistas responsáveis pelas traduções do original em cuneiforme. Apoiei-me especialmente em Alexander Heidel, do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, autor de *Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels* (segunda edição, 1949), e em E. A. Speiser e sua tradução publicada, entre outros textos acadêmicos, numa coletânea editada por J. B. Pritchard sob o título *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (segunda edição, 1955; existe agora uma terceira edição, de 1969, com material suplementar). Todas as traduções posteriores fizeram extenso uso da versão de Campbell Thompson (em hexâmetros ingleses) e de suas notas publicadas em 1928 e 1930. Para o material sumério, utilizei a tradução de S. N. Kramer, publicada em *Ancient Near Eastern Texts* e em seu livro *From the Tablets of Sumer*, 1956 (reeditado na Inglaterra como *History begins at Sumer*, 1958). O importante fragmento de Sultantepe foi publicado por O. R. Gurney no *Journal of Cuneiform Studies*, de 1964, e pode ser encontrado, numa versão ligeiramente modificada, na segunda edição de *Ancient Near Eastern Texts*; as demais passagens suplementares ou variantes do texto foram tiradas de artigos especiais publicados em periódicos e serão designadas adiante, em seu contexto.

Não segui o exemplo das demais versões, que transpuseram a Epopeia em verso, por achar que a prosa proporcionaria um meio mais flexível e direto de comunicação, particularmente nas passagens mais

diffíceis; pela mesma razão, desisti de tentar manter a divisão por tábuas. Dentro da estrutura do texto ainda há espaço para uma considerável variedade de abordagens e interpretações, como nos revela uma comparação entre as diferentes traduções existentes. Meu objetivo geral foi a inteligibilidade e, até onde os textos existentes permitiram, proporcionar uma história coerente num ritmo suave e espontâneo. Qualquer versão que tenha como objetivo unificar a narrativa precisa desenvolver um trabalho de cotejo. O “Texto Padrão” criado pelos escribas de Assurbanipal no século VII era um cotejo, assim como o são todas as versões modernas. Distanciei-me do método de trabalho mais comum e utilizei as fontes sumérias lado a lado com as versões hitita e acadiana – não apenas por causa de sua preeminência, e pelo fato de os próprios escritores acadianos terem ido buscar no Ciclo Sumério a base para a maior parte dos episódios de sua Epopeia, mas também porque elas preenchem lacunas importantes, especialmente no episódio da “Jornada na Floresta”, e porque somente elas contêm o “Destino” e a “Morte de Gilgamesh”. Além disso, trata-se de textos de alta qualidade.

As diferenças de detalhe entre a versão suméria e a babilônica arcaica não são maiores do que as verificadas entre as recensões de Nínive e Boghazköy, que são geralmente utilizadas em conjunto pelos tradutores modernos; e a data em que foi escrito o material sumério ainda existente (na primeira metade do segundo milênio) é muito próxima daquela em que foi produzida a versão babilônica arcaica contida nas tábuas de Yale e Pensilvânia (Primeira Dinastia da Babilônia). A versão hitita parece divergir radicalmente das demais no que se refere aos últimos episódios, mas apresenta contribuições importantes em muitos pontos do texto, especialmente no que diz respeito ao conflito com Humbaba (Huwawa) e ao primeiro encontro com Urshanabi.

A ordem dos acontecimentos não fica sempre clara e é particularmente confusa no episódio da floresta; mas a ordem dos episódios é relativamente uniforme. Não segui o novo arranjo das Tábuas IV e V proposto por J. V. Kinnier Wilson (VII Rencontre Assyriologique Internationale [1960], ver abaixo), segundo o qual os sonhos de Gilgamesh acontecem antes de sua chegada à floresta. Embora, sob certos aspectos, isto seja mais lógico, podem-se fazer sérias objeções a este tipo de alteração. A sequência seguida por mim é basicamente a de Heidel e Speiser, que combina os textos hitita, assírio e babilônico, incluindo o fragmento de Sultantepe. O uso adicional de “Gilgamesh e a Terra dos Vivos” e a “Morte de Gilgamesh” forçou-nos a fazer algumas alterações neste arranjo. A versão suméria do episódio da floresta é suficientemente fiel às demais para poder preencher diretamente as muitas lacunas do trecho que

narra o encontro com Humbaba. A principal divergência nos textos está na descrição suméria dos “cinquenta filhos da cidade” que acompanham os dois heróis em sua jornada, uma descrição por mim omitida. Um fragmento no antigo idioma babilônico, recentemente publicado, sobre a luta com Humbaba e sua morte, aproxima bastante o texto da versão suméria; e uma tábua hitita há pouco descoberta sugere a existência de uma terceira variante. As versões suméria, babilônica e assíria diferem ligeiramente entre si na sequência de eventos relativos aos preparativos para a “Jornada na Floresta”. Fiz aqui um amálgama das versões assíria e babilônica, seguindo porém o texto sumério ao colocar o apelo ao Deus-Sol antes dos encontros com os cidadãos e com os ferreiros.

A incorporação do texto sumério “A Morte de Gilgamesh” justifica-se porque ele proporciona à narrativa um final mais satisfatório do que a Tábua XI assíria. A razão para não incluir a Tábua XII já foi dada. Ela é incompatível com o relato que recebemos da morte de Enkidu após o episódio do “Touro do Céu”. O trecho em questão é comprovadamente uma tradução literal do poema sumério que devia ocupar o lugar do sonho e da morte de Enkidu descritos na sétima tábua da recensão ninivita. Mais exposta a possíveis objeções talvez seja minha opção de usar o texto sumério “Destino” no começo da “Jornada na Floresta”. Sendo Enkidu o intérprete de sonhos nas ocasiões que se seguem, e uma vez que o “Destino” é obviamente revelado a Gilgamesh por meio de um sonho, achei que seria permissível inseri-lo neste ponto, repetindo-o, além disso, no final, junto com “A Morte” (fragmentos A e B), em que o trecho arremata adequadamente a narrativa. Ambos os textos, sumério e babilônico arcaico, fazem de Enlil o autor do “Destino”.

Há outros pontos que precisam ser explicados. Omiti inteiramente a alusão feita ao “sentinela” do portão de Humbaba, por achar que o texto se refere sempre ao próprio Humbaba. Embora a linguagem utilizada seja ambígua, não se faz nenhuma outra menção a um segundo sentinela, e este personagem seria supérfluo. Além do relato sumério do assassinato de Humbaba, utilizei integralmente a versão babilônica do evento, embora as duas descrições sejam coincidentes em muitos trechos. Alterei muito ligeiramente a sequência das frases no início da última jornada (Tábua XI assíria), para deixar claro o motivo do empreendimento o mais cedo possível. As linhas adicionais no “Jardim dos Deuses” baseiam-se na tradução de L. Oppenheim (*Orientalia* 17, 1948, pp. 47-8). A mesma fonte emprega a alegoria da “lã” no lugar do sono. Os “Objetos de Pedra” despedaçados por Gilgamesh antes de zarpar com Urshanabi desafiam qualquer explicação no momento. É difícil acompanhar a corrente de água doce e os movimentos de Gilgamesh e Urshanabi ao deixarem Utnapishtim;

utilizei-me aqui de uma pista deixada por Speiser em *Ancient Near Eastern Texts* (p. 96, nota 232). A afirmação de que Gilgamesh saiu “pelo portão por onde havia entrado” foi tirada das palavras da mulher de Utnapishtim (Heidel, XI, pp. 207-8). Neste ponto, é preciso algo que assinale a transição.

Na lista de nomes, ao final de “A Morte de Gilgamesh” (texto sumério), deixei de fora quatro deles, por pertencerem a personagens sobre os quais nada se sabe; em relação a cada um dos demais, acrescentei um epíteto explanatório para transmitir uma ideia do significado desse catálogo. Em três pontos da narrativa, tomei emprestado alguns trechos de outras epopeias. No início do relato do dilúvio, enxertei algumas linhas que explicam a ira de Enlil, tirando-as da epopeia de Atra-hasis, escrita no idioma babilônico arcaico (ver abaixo, p. 87). Trata-se dos versos que se iniciam: “Naqueles dias a terra fervilhava, os homens multiplicavam-se...” No fim do sonho que Enkidu tem do mundo inferior, o símile do intendente é tirado do texto assírio “Visão do Mundo Inferior”, que contém uma passagem bastante semelhante a esta.

As linhas que descrevem a localização do Dilmun foram tiradas do “Dilúvio” sumério. O Apêndice traz um pequeno resumo classificatório do material encontrado em cada uma das tábuas.

Julho de 1959 (1972)

N. K. Sandars

Desde a publicação desta versão da Epopeia de Gilgamesh, em 1961, a decifração de novas tábuas e o estudo mais profundo daquelas já conhecidas acrescentaram muito à nossa compreensão da obra em si e ao nosso conhecimento do seu contexto histórico e literário. Gilgamesh foi objeto de um congresso no “Rencontre Assyriologique Internationale”, cujas atas foram transcritas e publicadas sob o título de *Gilgamešs et sa légende* no Cahiers du Groupe François-Thureau-Dangin, I, Paris, 1960. Aí podem ser encontradas uma bibliografia completa, novas discussões e novo material textual. Entre as substanciais adições das quais me vali, apesar de algumas incongruências, está um novo relato sumério do episódio de Humbaba (Huwawa) (J. van Kijk). Um exemplo do tipo de dificuldade inerente a este tipo de interpretação está no fato de que os “cedros abatidos”, a amarração e o depósito dos galhos de uma tradução tornaram-se, em outra, “vestimentas de aura”, rosetas ou “os seguidores adormecidos da expedição”. Um outro acréscimo se fez num ponto onde o texto é particularmente defeituoso: a crise no encontro entre Humbaba e Gilgamesh. Às versões suméria e babilônica pode-se agora acrescentar uma tábua hitita de Boghazköy, escrita no século XIII e contendo, ao

que tudo indica, a versão deste episódio segundo a tradição hitita, na qual o herói parece ser Humbaba e não Gilgamesh (H. Otten, 1958). A linguagem utilizada é muito semelhante à empregada nos outros mitos hititas conhecidos, e uma única tábuas cobre toda a sucessão de eventos que vai do episódio em que Gilgamesh recebe seus talentos dos deuses até o assassinato de Humbaba. Esta mesma narrativa ocupa cinco tábuas na versão acadiana, donde se conclui ter havido aí considerável condensação. Mesmo assim, algumas lacunas são preenchidas pelo texto hitita, que também oferece um material alternativo para outros pontos da história. Por exemplo: é perfeitamente natural que, para os hititas, seja o deus hitita do clima a conceder o dom da coragem, e não o Adad acadiano, em relação a quem a divindade hitita mantém uma posição hierárquica equivalente, embora relativamente superior. O preparador de armadilhas que engoda Enkidu tem um nome acadiano, Sangasu, que significa “golpeador mortal”. O mais importante, porém, é que o texto sugere a possibilidade de Gilgamesh só ter chegado a Uruk após peregrinações pelo mundo, o que torna mais compreensível o ressentimento causado por sua “tirania”. A jornada na floresta ganha nesta versão um cenário físico real. Ela começa às margens do Eufrates, onde os heróis oferecem sacrifícios ao Deus-Sol. De lá, uma jornada de seis dias os leva à Montanha dos Cedros. O texto é mais uma fonte a confirmar sua localização a noroeste, e não a leste, e está perfeitamente de acordo com o fragmento babilônico arcaico de Tell Iscali, que, ao final da luta com Humbaba, situa a ação no Líbano. Embora na tábuas hitita Humbaba se revele uma ameaça mais perigosa, a conclusão é exatamente a mesma e vem a se encaixar muito bem entre os fragmentos sumério e babilônico. Mais detalhes aparecem em outras fontes e foram publicados por A. Falkenstein (*Journal of Near Eastern Studies*, 19, abril de 1960, 2, pp. 65-71) e J. van Dijk (*Sumer*, 15, 1959, i, pp. 8-10), mas as diferenças estão perfeitamente dentro daquilo que podemos esperar de uma tradição oral. Uma tábuas de Ur, talvez do século XI a.C., contém uma outra versão de parte da Tábuas VII da recensão ninivita, que descreve a conversa entre Shamash e Enkidu no leito de morte deste último. Este texto liga-se ao fragmento de Sultantepe, tendo sido publicado por C. J. Gadd em *Iraq*, 28, 1966, pp. 105-21, com uma série de comentários que incluem interessantes sugestões relativas ao nome e ao perfil psicológico de “Siduri” e considerações referentes aos “Objetos de Pedra” destruídos por Gilgamesh antes de sua travessia pelas Águas da Morte.

Boa parte desses novos textos foram incorporados à terceira edição do *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, Princeton, New Jersey, 1969, ou ao Suplemento, pp. 503-7, numa tradução de A. R. Grayson. Um fragmento de Tell Harmall narra o “primeiro” sonho

de Gilgamesh na montanha e contém acréscimos à conversa entre Gilgamesh e Ishtar e ao episódio do “Touro do Céu”. Importantes contribuições que elucidam a doença e o sonho de Enkidu podem ser encontradas no material hitita de R. Stefanini (1969) e nos textos de Ur de C. J. Gadd, *loc. cit.* (1966). Estes últimos são do período babilônico médio ou cassita – talvez do começo do século XI – e fornecem uma alternativa à versão ninivita, além de acrescentar consideravelmente ao diálogo entre Enkidu e Shamash. O problema do “portão” – se era o “portão da floresta” ou o da cidade de Uruk, feito com a madeira da floresta – é discutido por I. M. Diakonoff (*Bibliotheca Orientalis*, XVIII, 1961, pp. 61-7). Usei aqui a segunda alternativa por achá-la mais provável. Os Objetos de Pedra são novamente discutidos por C. J. Gadd, A. R. Millard (1964), em sua edição de um fragmento no babilônico arcaico que se sobrepõe à de Meissner, e também por D. Wiseman em *Gilgames et sa légende* (1960). Acréscimos menores à Tábua X também foram tirados da terceira edição de *Texts Relating to the Old Testament*, e aceitei as sugestões do artigo de L. Matous (*Bibliotheca Orientalis*, XXI, 1964, pp. 3-10), bem como dos vários autores do artigo “Gilgamesh” no *Reallexikon der Assyriologie*, partes 3 e 4, pp. 357-74. Uma pista em relação à natureza da planta da juventude eterna provém do *Dictionary of Assyrian Botany* [trad.], de R. Campbell Thompson (Londres, 1949). O primeiro verso da epopeia foi emendado em *Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of Chicago*, 7, 33b.

Mencionei nesta introdução a descoberta de novas provas relativas à existência de um Gilgamesh histórico. Esta questão é discutida em *Gilgameš et sa légende* por W. G. Lambert, S. N. Kramer e, numa nota curta, por E. O. Edzard; e também por M. Rowton, no *Journal of Near Eastern Studies*, 19, 1960, 2, pp. 156-62. As divergências, embora importantes, não são muito grandes, e qualquer que seja a época que adotemos, o período de vida de Gilgamesh não estará muito distante da data de construção do Túmulo Real de Ur, com seus requintes e rituais bárbaros; por isso, o texto fragmentário de “A Morte de Gilgamesh” pode ser usado como um documento semi-histórico para elucidar aspectos dos ritos fúnebres da casa real de Ur no terceiro milênio, o que de fato foi feito pelo prof. Kramer num artigo publicado em *Iraq*, 22, 1960, pp. 58. O prof. Mallowan escreveu a respeito do dilúvio, ou dos dilúvios (*Iraq*, 26, 1964, pp. 62-82), que também são discutidos em *Atra-hasis, The Babylonian Story of the Flood*, de W. G. Lambert e A. R. Millard (1969). M. Civil examinou o assunto à luz da tradição suméria.

A possível dívida da mitologia grega para com o Oriente vem sendo estudada por vários autores desde o aparecimento de *From Mycenae to Homer*, de T. B. L. Webster (Londres, 1958): P. Walcott, em

Hesiod and the Near East (Cardiff, 1966), G. S. Kirk, *Myth, its Meaning and Functions in Ancient and other Cultures* (Cambridge, 1970), e M. L. West, *Early Greek Philosophy and the Orient* (Oxford, 1971).

Quanto ao problema de determinar quem eram os sumérios, a questão permanece sem resposta, e talvez continue assim. Se chegaram à região vindos de uma outra parte, é possível que tenham sido poucos, e talvez nunca saibamos ao certo a extensão de sua influência na língua e na literatura local.

Maio de 1972

N. K. Sandars

Continuam a surgir dados relacionados a Gilgamesh. Novos textos vêm à luz que incrementam nosso conhecimento da Epopeia e do Gilgamesh histórico, ao mesmo tempo que trabalhos realizados sobre os textos existentes ajudam-nos a obter uma compreensão maior das passagens difíceis. Nestes últimos anos, duas obras de especial importância foram lançadas. *The Treasures of Darkness*, de Thorkild Jacobsen (New Haven e Londres, 1976), contém uma análise nova e original de toda a Epopeia à luz da visão geral que o autor tem das religiões da Mesopotâmia; e *The Evolution of the Gilgamesh Epic*, de J. H. Tigay (Filadélfia, 1982), mostra-nos, por meio da comparação das diferentes versões e da distinção das diferentes fontes – cronológicas e geográficas –, como as mudanças teológicas e políticas moldaram o poema e como esses diferentes elementos se combinaram na compilação final do texto. Novas e interessantes observações sobre o poema podem ser encontradas em *The Theology of Death*, de W. G. Lambert (edição de B. Alster, XXVI Rencontre Assyriologique Internationale, 1980), e um novo fragmento da quinta tábuia foi publicado por E. von Weiher em *Baghdader Mittheilungen* (1980, II, pp. 90-105). R. A. Veenker, no *Biblical Archaeologist* (1981, 44/45, pp. 199-205), se aprofundou no significado da Planta Mágica da Juventude Recuperada como um mito à parte, e a pesquisa prossegue. Sou grata à sra. Stephanie Dalley por sua ajuda com as referências bibliográficas.

Setembro de 1987

N. K. Sandars

Agradecimentos

Listar aqui todas as autoridades a quem sou grata implicaria compilar uma volumosa bibliografia, mas não posso me esquivar a umas poucas menções especiais. Contei com a valiosa ajuda do prof. D. J. Wiseman, que me salvou de uma série de armadilhas; todos os erros remanescentes são meus. Tenho uma enorme dívida de gratidão para com os muitos amigos que contribuíram com críticas e sugestões, me encorajando nos diversos estágios deste trabalho. Entre eles, agradeço particularmente a Ruth Harris, Katherine Watson e a minha irmã. Acima de tudo sou grata ao dr. E. V. Rieu por sua paciência, compreensão e estímulo. Sei bem das muitas imperfeições ainda contidas neste livro, mas sem essa ajuda tão generosamente prestada elas seriam bem mais numerosas.

Agradecida, reconheço minha dívida para com as seguintes pessoas e instituições pela permissão de uso de material protegido por *copyright*: Princeton University Press (Editores), pelas citações tiradas de *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, editado por James B. Pritchard, 1950, 1955, 1969. Algumas passagens de minha introdução são baseadas em excertos tirados das seguintes traduções: *The Fields of Paradise* e *The Good Fortune of the Dead*, traduzidos por John A. Wilson; *Gudea: Ensi of Lagash*, traduzido por A. Leo Oppenheim; *Enki and Ninhursag: A Paradise Myth*, traduzido por S. N. Kramer; *Hymn to Ishtar* e *Prayer of Lamentation to Ishtar*, e também *Prayer of Ashurbanipal to the Sun-God*, traduzidos por Ferris J. Stephens; *Atrahasis*, Lambert e Millard; e *A Vision of the Nether World*, traduzido por E. A. Speiser. Sou grata de maneira mais geral às traduções de S. N. Kramer de *Gilgamesh and the Land of the Living* e *The Death of Gilgamesh*; e a E. A. Speiser pelas onze primeiras tábuas da recensão assíria da Epopeia de Gilgamesh, todas publicadas em *Ancient Near Eastern Texts*. Devo muito também a A. Heidel e à University Press of Chicago pela permissão dada para o uso de *The Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels*, *copyright* 1946 e 1949, da Universidade de Chicago. Agradeço ao dr. E. V. Rieu pela permissão

dada para que citasse trechos da sua tradução da *Odisseia*, Penguin Classics, 1945, e aos editores da Loeb Classical Library, Harvard University, e a William Heinemann, pelas citações tiradas do *Hesiod*, de H. G. Evelyn-White (1950). Agradecimentos vão também para o prof. Gwyn Joyes pelas citações tiradas da tradução de *The Mabinogion*, realizada por Gwyn e Thomas Jones, na coleção Everyman Library, J. M. Dent, 1949.

N. K. Sandars

A Epopeia de Gilgamesh

Prólogo

Gilgamesh, rei de Uruk

Proclamarei ao mundo os feitos de Gilgamesh. Eis o homem para quem todas as coisas eram conhecidas; eis o rei que percorreu as nações do mundo. Ele era sábio, ele viu coisas misteriosas e conheceu segredos. Ele nos trouxe uma história dos dias que antecederam o dilúvio. Partiu numa longa jornada, cansou-se, exauriu-se em trabalhos e, ao retornar, descansou e gravou na pedra toda a sua história.

Quando os deuses criaram Gilgamesh, deram-lhe um corpo perfeito. Shamash, o glorioso sol, dotou-o de grande beleza; Adad, o rei da tempestade, deu-lhe coragem; os grandes deuses tornaram sua beleza perfeita, superior à de todos os outros seres, terrível como um enorme touro selvagem. Eles o fizeram dois terços deus e um terço homem.

Em Uruk ele construiu muralhas, grandes baluartes, e o abençoado templo de Eanna, consagrado a Anu, o deus do firmamento, e a Ishtar, a deusa do amor. Olhai-o ainda hoje: a parte exterior, por onde corre a cornija, tem o brilho do cobre; sua parte interior não conhece rival. Tocai a soleira, ela é antiga. Aproximai-vos de Eanna, a morada de Ishtar, nossa senhora do amor e da guerra: é inigualável, não há homem ou rei que possa construir algo que se equipare. Subi as muralhas de Uruk; digo, caminhai por cima delas; observai atentamente o terraço da fundação, examinai o trabalho de alvenaria: não é feito com tijolos cozidos, e bem feito? Os sete sábios lançaram suas fundações.

1. A chegada de Enkidu

Gilgamesh correu o mundo, mas, até chegar a Uruk, não encontrou quem pudesse opor-se à força de seus braços. Entretanto, os homens de Uruk murmuravam em suas casas: “Gilgamesh toca o sinal de alarme para se divertir; sua arrogância, de dia ou de noite, não conhece limites. Não há pai a quem tenha sobrado um filho, pois Gilgamesh os leva todos, até mesmo as crianças; e, no entanto, um rei deveria ser um pastor para seu povo. Sua luxúria não poupa uma só virgem para seu amado; nem a filha do guerreiro nem a mulher do nobre; no entanto, é este o pastor da cidade, sábio, belo e resoluto.”

Os deuses escutaram o lamento do povo. Os deuses do céu gritaram para o Senhor de Uruk, para Anu, o deus de Uruk: “Uma deusa o fez forte como um touro selvagem; ninguém pode opor-se à força de seus braços. Não há pai a quem tenha sobrado um filho, pois Gilgamesh os leva todos; e é este o rei, o pastor de seu povo? Sua luxúria não poupa uma só virgem para seu amado, nem a filha do guerreiro nem a mulher do nobre.” Depois de Anu ter escutado seu lamento, os deuses gritaram para Aruru, a deusa da criação: “Vós o fizestes, oh, Aruru, criai agora um outro igual; que seja tão parecido com ele quanto seu próprio reflexo; que seja seu segundo eu, coração tempestuoso com coração tempestuoso. Que eles se enfrentem e deixem Uruk em paz.”

A deusa então concebeu em sua mente uma imagem cuja essência era a mesma de Anu, o deus do firmamento. Ela mergulhou as mãos na água e tomou um pedaço de barro; ela o deixou cair na selva, e assim foi criado o nobre Enkidu. Havia nele virtudes do deus da guerra, do próprio Ninurta. Seu corpo era rústico, seus cabelos como os de uma mulher; eles ondulavam como o cabelo de Nisaba, a deusa dos grãos. Ele tinha o corpo coberto por pelos emaranhados, como os de Samuqan, o deus do gado. Ele era inocente a respeito do homem e nada conhecia do cultivo da terra.

Enkidu comia grama nas colinas junto com as gazelas e rondava os poços de água com os animais da floresta; junto com os rebanhos de

animais de caça, ele se alegrava com a água. Mas um dia, no poço, ele se viu frente a frente com um caçador, pois os animais de caça haviam entrado em seu território. Por três dias eles se encontraram frente a frente, e o caçador se intimidou. Voltou para casa com sua caça e permaneceu mudo, paralisado de terror. Seu rosto estava alterado como o de alguém que retorna de uma longa viagem. Com o coração cheio de pavor, ele falou a seu pai: “Pai, há um homem, diferente de todos os outros, que desce das colinas. Ele é o homem mais forte do mundo, parece um dos imortais do céu. Vagueia pelas colinas com os animais selvagens e come grama; vagueia por tuas terras e desce até os poços d’água. Tenho medo e não ousa dele me aproximar. Ele tapa os buracos que cava e destrói as armadilhas que preparo para a caça; ele ajuda as feras a escapar e agora elas escorregam por entre meus dedos.”

Seu pai abriu a boca e disse ao caçador: “Filho, em Uruk vive Gilgamesh; ninguém jamais o venceu, ele é tão forte quanto uma estrela do céu. Vai a Uruk, encontra Gilgamesh e exalta-lhe a força deste selvagem. Pede-lhe que te arranje uma rameira, uma dissoluta do templo do amor; retorna com ela e deixa que seu poder subjuguem este homem. Da próxima vez que ele descer para tomar água no poço, ela estará lá, nua; e quando a vir, acenando para ele, vai abraçá-la, e os animais da selva passarão a repudiá-lo.”

O caçador partiu para Uruk e se dirigiu a Gilgamesh, dizendo: “Um homem diferente de todos os outros anda vagueando por nossos pastos; ele tem a força de uma estrela do céu e tenho medo de aproximar-me dele. Ele ajuda as presas a escapar e tapa e destrói as minhas armadilhas.” Gilgamesh disse: “Caçador, volta, leva contigo uma rameira, uma filha do prazer. No poço ela se desnudará; ao vê-la acenando, ele a tomará em seus braços e os animais da selva certamente passarão a repudiá-lo.”

O caçador então retornou, levando consigo a rameira. Após três dias de viagem, eles chegaram ao poço e lá se sentaram; a rameira e o caçador se sentaram frente a frente e se puseram a esperar pela chegada dos animais. Por dois dias o caçador e a rameira ficaram esperando, mas no terceiro dia eles chegaram; chegaram para beber água, e Enkidu estava entre eles. As pequenas criaturas selvagens regozijaram-se com a água, e entre elas Enkidu, que comia grama junto com as gazelas e nascera nas colinas; e ela o viu, o selvagem, vindo das distantes colinas. O caçador disse à rameira: “Lá está ele. Agora, mulher, desnuda teus seios, não tenhas vergonha; anda, acolhe o seu amor. Deixa que ele te veja nua, deixa que possua teu corpo. Quando ele chegar perto, tira tua roupa e deita-te com ele; ensina ao selvagem tuas artes de mulher, para que, quando venha murmurar-te palavras de amor, os animais da selva, que compartilharam sua vida

nas colinas, passem a repudiá-lo.”

Ela não teve pudores em tomá-lo em seus braços, ela se despiu e acolheu de bom grado o corpo ávido de Enkidu. Ele se deitou sobre ela murmurando palavras de amor, e ela lhe ensinou as artes da mulher. Por seis dias e sete noites eles ali ficaram deitados, pois Enkidu se esquecera de seu lar nas colinas; depois de satisfeito, porém, ele voltou para os animais selvagens. Mas agora, ao vê-lo, as gazelas punham-se em disparada; as criaturas agrestes fugiam quando delas se aproximava. Enkidu queria segui-las, mas seu corpo parecia estar preso por uma corda, seus joelhos fraquejavam quando tentava correr, ele perdera sua rapidez e agilidade. E todas as criaturas da selva fugiram; Enkidu perdera sua força, pois agora tinha o conhecimento dentro de si, e os pensamentos do homem ocupavam seu coração. Então ele voltou e sentou-se ao pé da mulher, e escutou com atenção o que ela lhe disse: “És sábio, Enkidu, e agora te tornaste semelhante a um deus. Por que queres ficar correndo à solta nas colinas com as feras do mato? Vem comigo. Vem e te levarei à Uruk das poderosas muralhas, ao abençoado templo de Ishtar e Anu, do amor e do céu; lá vive Gilgamesh, que é forte, e como um touro selvagem domina e governa os homens.”

A fala da mulher agradou a Enkidu; ele ansiava por ter um companheiro, alguém que pudesse compreender seu coração. “Vamos, mulher, leva-me a esse templo sagrado, à casa de Anu e de Ishtar, ao lugar onde Gilgamesh domina e governa seu povo. Eu audazmente o desafiarei; gritarei em Uruk: ‘Sou o mais forte daqui, vim para mudar a velha ordem, sou aquele que nasceu nas colinas, sou aquele que é de todos o mais forte.’”

Ela disse: “Vamos, e deixa que ele te veja o rosto. Sei muito bem onde se encontra Gilgamesh na grande Uruk. Oh, Enkidu, lá todos se vestem magnificamente, todos os dias são de festa, e que maravilhosa visão fornecem os rapazes e as jovens. Como é suave e doce seu cheiro! Todos os poderosos estão despertos pela cidade. Oh, Enkidu, tu, que amas a vida, farei com que conheças Gilgamesh, um homem de muitos humores; tu o conhecerás em seu radiante apogeu de virilidade. Seu corpo é perfeito em força e maturidade; ele jamais descansa, nem à noite nem de dia. Ele é mais forte que tu, por isso põe de lado essa bravata. Shamash, o glorioso sol, concedeu-lhe favores, assim como Anu dos céus, e Enlil; e Ea, o sábio, deu-lhe discernimento e inteligência. Eu te digo, mesmo antes de teres deixado a vida selvagem, Gilgamesh saberá de tua chegada através de sonhos.” Então Gilgamesh se levantou para contar o sonho que tivera à sua mãe, Ninsun, uma das deusas de grande saber. “Mãe, tive um sonho esta noite. Eu me sentia muito feliz, cercado de jovens heróis, e caminhava pela noite sob as estrelas do firmamento. Um meteoro, feito da mesma

substância de Anu, caiu do céu. Tentei levantá-lo do chão, mas era pesado demais. Toda a gente de Uruk veio vê-lo; o povo se empurrava e se acotovelava ao seu redor, e os nobres se apinhavam para beijá-lo os pés; ele exercia sobre mim uma atração semelhante à que exerce o amor de uma mulher. Eles me ajudaram; levantei seu corpo com o auxílio de correias e trouxe-o à vossa presença, e vós declarastes ser ele meu irmão.”

Então Ninsun, que é sábia e bem-amada, disse a Gilgamesh: “Esta estrela do céu que caiu como um meteoro, que tentaste levantar do chão, mas achaste muito pesada, que tentaste remover, mas que dali não arredava pé, e então trouxeste a mim; eu a criei para ti, para estimular-te como que com um agulhão, e te sentiste atraído como que por uma mulher. Ele é um forte companheiro, alguém que ajuda o amigo nas horas de necessidade. Ele é o mais forte entre todas as criaturas selvagens; é feito da substância de Anu. Ele nasceu nos campos e foi criado nas colinas agrestes. Ficarás feliz ao encontrá-lo; vais amá-lo como a uma mulher, e ele jamais te abandonará. É isto o que significa teu sonho.”

Gilgamesh disse: “Mãe, tive um segundo sonho. Um machado jazia no chão de Uruk das poderosas muralhas; seu formato era estranho e as pessoas se amontoavam ao seu redor. Eu o vi e fiquei contente. Eu me abaixei, sentindo-me profundamente atraído por ele; eu o amei como a uma mulher e passei a levá-lo comigo, ao meu lado.” Ninsun respondeu: “Aquele machado que viste, que te atraiu tão profundamente como o amor de uma mulher, aquele é o companheiro que te envio, e ele chegará com força e pujança como um deus da hoste celeste. Ele é o bravo companheiro, que salva o amigo que dele precisa.” Gilgamesh disse a sua mãe: “Um amigo, um conselheiro chegou até mim vindo de Enlil; serei, pois, seu amigo e lhe darei conselhos.” Gilgamesh assim narrou seu sonho; e a rameira o repetiu para Enkidu.

E ela disse então a Enkidu: “Olho para ti e vejo que agora és como um deus. Por que anseias por voltar a correr pelos campos com as feras do mato? Ergue-te do chão, a cama do pastor.” Ele escutou com atenção suas palavras. Era um bom conselho que lhe dava. A rameira dividiu sua roupa em duas partes; com uma metade o vestiu, usando a outra para si. Tomando Enkidu pela mão, como a uma criança, ela o conduziu ao aprisco, para as tendas dos pastores, que se amontoaram ao seu redor para vê-lo. Eles depositaram pão à sua frente, mas Enkidu só estava habituado ao leite que sugava dos animais selvagens. Ele se atrapalhou com as mãos e pasmou, sem saber o que fazer com o pão e o vinho forte. A mulher então disse: “Enkidu, come o pão, é o suporte da vida; bebe o vinho, é o costume da terra.” Enkidu então comeu até ficar satisfeito e bebeu do vinho forte, sete cálices. Ele ficou alegre,

seu coração exultou e seu rosto se cobriu de brilho. Enkidu escovou os pelos emaranhados de seu corpo e untou-se com óleo. Ele se transformara num homem; mas, ao vestir as roupas humanas, ficou parecendo um noivo. Ele se armou para caçar o leão, para que os pastores pudessem repousar à noite. Ele caçou lobos e leões, e os pastores puderam dormir em paz, pois Enkidu, aquele homem forte e sem rivais, era seu sentinela.

Ele se sentia feliz vivendo com os pastores, até que um dia, levantando o olhar, viu que um homem se aproximava. Ele disse à rameira: “Mulher, traze aqui aquele homem. Por que veio aqui? Quero saber seu nome.” Ela foi e chamou o homem, dizendo: “Senhor, onde vais nesta fatigante jornada?” O homem respondeu, falando a Enkidu: “Gilgamesh foi para o templo do casamento e não deixa que o povo lá entre. Ele faz coisas estranhas em Uruk, a cidade das grandes ruas. Ao rufar dos tambores, os homens e as mulheres começam a trabalhar. Gilgamesh, o rei, está prestes a celebrar as núpcias com a Rainha do Amor, e ele ainda insiste em estar primeiro com a noiva; primeiro o rei, depois o marido, pois assim ordenaram os deuses desde a época de seu nascimento, quando lhe foi cortado o cordão umbilical. Mas agora os tambores rufam para a escolha da noiva, e a cidade geme de dor.” Ao ouvir estas palavras, Enkidu empalideceu. “Irei à cidade cujo povo Gilgamesh domina e governa; vou desafiá-lo audazmente para um combate e gritarei por Uruk: ‘Vim para mudar a velha ordem, pois sou o mais forte daqui.’”

Enkidu ia agora na frente, a largas passadas, e a mulher o seguia. Ele entrou em Uruk, aquele grande mercado, e todo o povo se amontoou ao seu redor. Naquela rua de Uruk das poderosas muralhas, as pessoas se comprimiam e se acotovelavam e, falando dele, diziam: “Ele é a imagem de Gilgamesh.” “Ele é mais baixo.” “Ele é mais robusto.” “Esta é a criatura que se criou tomando leite das feras selvagens. Sua força é superior à de todos os outros.” Os homens se regozijavam de felicidade: “Agora Gilgamesh encontrou um rival à sua altura. Esta grande criatura, este herói de divina beleza pode enfrentar até mesmo Gilgamesh.”

Em Uruk o leito nupcial fora preparado, um leito digno da deusa do amor. A noiva ficou esperando seu prometido; à noite, porém, Gilgamesh levantou-se e se dirigiu a casa. Enkidu foi então para a rua e bloqueou sua passagem. O poderoso Gilgamesh se aproximou e encontrou Enkidu no portão. Este esticou sua perna para impedir-lhe a entrada. Os dois então se engalfinharam como touros. Destruíram a porta da casa, e suas paredes tremeram; bufavam como dois touros trancados juntos. Os batentes da porta ficaram em pedaços e as paredes da casa tremeram. Gilgamesh curvou o joelho, fincou os pés no chão e, virando-se, derrubou Enkidu. Sua fúria então se desvaneceu

imediatamente. Após a queda, Enkidu disse a Gilgamesh: “Não há ninguém como tu no mundo. Ninsun, que tem a força de um boi selvagem no estábulo, foi quem te deu à luz, e agora estás acima de todos os homens. Enlil te deu a coroa, pois tua força ultrapassa a força dos homens.” Enkidu e Gilgamesh então se abraçaram, e assim foi selada sua amizade.

2. A jornada na floresta

ENLIL da montanha, o pai dos deuses, havia decretado o destino de Gilgamesh. Por isso Gilgamesh teve um sonho, e Enkidu disse: “O significado do teu sonho é o seguinte: o pai dos deuses te deu um trono, reinar é o teu destino; a vida eterna não é teu destino. Por isso, não fiques triste, não te atormentes nem te deixes oprimir por causa disso. Ele te deu o poder de atar e desatar, de ser as trevas e a luz da humanidade. Ele te deu supremacia sem paralelo sobre o povo, te garante a vitória nas batalhas de onde não escapam fugitivos; o sucesso é teu nas incursões militares e nos implacáveis assaltos por ti empreendidos. Mas não abuses deste poder; sê justo com teus servos no palácio; faze justiça perante Shamash.”

Os olhos de Enkidu encheram-se de lágrimas e seu coração foi tomado de angústia. Ele suspirava cheio de tristeza. Gilgamesh fitou-o nos olhos e perguntou: “Amigo, por que suspiras tão tristemente?” Enkidu abriu a boca e respondeu: “Sinto-me fraco, meus braços perderam sua força, o grito de dor está preso em minha garganta e o ócio me oprime.” Foi então que o grande Gilgamesh começou a pensar na Terra dos Vivos; sobre a Terra dos Cedros refletiu o senhor de Uruk. Ele disse a seu servo Enkidu: “Sobre as lápides ainda não deixei impresso o meu nome, como decretou o destino; irei então à terra onde são abatidos os cedros. No lugar onde estão inscritos os nomes de homens ilustres, deixarei gravado o meu nome; e onde nome de homem algum foi jamais inscrito, mandarei erigir um monumento aos deuses. Por causa do mal que existe sobre a terra, nós iremos à floresta destruir esse mal; pois é lá que mora o feroz gigante Humbaba, cujo nome é ‘Enormidade’.” Mas Enkidu suspirou tristemente e disse: “Descobri essa floresta quando corria no mato com as feras selvagens; ela se estende por dez mil léguas em todos os sentidos. Enlil designou Humbaba para tomar conta dela e o armou com sete horrores; Humbaba é uma criatura hedionda para todos os mortais. Seu rugido é como uma terrível borrasca, seu hálito é como o fogo, suas mandíbulas a própria morte. Ele guarda tão bem os cedros que

consegue ouvir um novilho se mexer na selva a sessenta léguas de distância. Que espécie de homem iria de sua própria vontade penetrar nesta terra e explorar suas profundezas? Eu te digo, a fraqueza toma conta de todo aquele que dela se aproxima: ninguém luta com Humbaba em pé de igualdade; ele é um grande guerreiro, um aríete. O sentinela da floresta jamais dorme, Gilgamesh.”

Gilgamesh replicou: “E que homem pode chegar ao céu? Somente os deuses vivem eternamente na companhia do glorioso Shamash; nós, homens, temos nossos dias contados. Nossos trabalhos e empreendimentos são como um sopro de vento. Como, então, já estás com medo? Embora seja teu senhor, irei na frente e poderás gritar com segurança: ‘Avante, não há nada a temer!’ Se eu cair, deixarei então um nome que ficará para a posteridade; os homens dirão a meu respeito: ‘Gilgamesh caiu lutando com o feroz Humbaba.’ Muito tempo depois do nascimento de meu herdeiro, eles estarão falando disso e se lembrando do meu feito.” Enkidu tornou a falar com Gilgamesh: “Oh, meu senhor, se algum dia decidires entrar naquela terra, procura primeiro o herói Shamash; fala com o Deus-Sol, pois é dele aquela terra. A terra onde o cedro é abatido pertence a Shamash.”

Gilgamesh tomou em seus braços um cordeiro branco, sem nenhuma mácula, e um outro castanho; ele os segurou contra o peito e os levou à presença do sol. Carregando na mão seu cetro de prata, Gilgamesh disse ao glorioso Shamash: “Vou para aquela terra, oh, Shamash, para lá eu vou; minhas mãos suplicam, protejei minha alma e trouxe-me de volta ao cais de Uruk. Eu imploro vossa proteção; permiti que os augúrios sejam propícios.” Shamash, o glorioso, respondeu: “Gilgamesh, és forte, mas que é para ti a Terra dos Vivos?”

“Oh, Shamash, ouvi-me; ouvi-me, Shamash; ouvi o que tenho a dizer. Os homens aqui da cidade morrem com o coração oprimido, eles morrem com o desespero em seus corações. Tenho olhado por cima do muro e visto seus corpos flutuando no rio, e este será também o meu fim. Estou certo disso, pois, por mais alto que seja um homem, ele jamais atingirá os céus, e o maior entre todos jamais conseguirá abarcar a terra. Por isso quero entrar naquela terra: por não ter ainda inscrito meu nome sobre as lápides, como decretou meu destino, irei à terra onde são abatidos os cedros. No lugar onde estão inscritos os nomes de varões ilustres, deixarei gravado o meu nome; e onde nome de homem algum foi jamais inscrito, mandarei erigir um monumento aos deuses.” Lágrimas escorreram por seu rosto, e ele disse: “Ai de mim! É longa a jornada até a Terra de Humbaba. Se esta iniciativa está fadada ao fracasso, por que encheste-me, oh, Shamash, de um sôfrego desejo de empreendê-la? Como poderei ter sucesso neste empreendimento sem vossa ajuda? Se eu morrer naquela terra, morrerei sem rancor; mas, se retornar, gloriosos serão os presentes e

louvores que dedicarei a Shamash.”

Shamash aceitou então o sacrifício de suas lágrimas. Tal como o homem piedoso, compadeceu-se de Gilgamesh. Escolheu aliados fortes para ajudá-lo, todos filhos de uma mesma mãe, e os posicionou nas cavernas da montanha. Recrutou os ventos poderosos: o vento norte, o furacão, o temporal e o vento gélido, a tempestade e o vento cáustico. Como víboras, como dragões, como um fogo devastador, como uma serpente que gela o coração, como um implacável dilúvio, como o grande raio; assim eram eles, e Gilgamesh exultou.

Ele se dirigiu à forja e disse: “Darei ordens aos armeiros; eles forjarão nossas armas enquanto nós os observamos.” Deu então instruções aos armeiros e os artífices sentaram-se em conferência. Eles foram ao arvoredor que ficava na campina e cortaram a madeira do salgueiro e do buxo; e forjaram-lhes machados de cento e oitenta libras, e espadas majestosas com lâminas de cento e vinte libras, com punhos e botões de trinta. Forjaram para Gilgamesh o machado “Força dos Heróis” e o arco de Anshan. Gilgamesh e Enkidu estavam armados, e o peso das armas que carregavam era de seiscentas libras.

O povo e os conselheiros se reuniram nas ruas e no mercado de Uruk. Atravessaram o portão dos sete ferrolhos e Gilgamesh lhes falou no mercado: “Eu, Gilgamesh, irei encontrar essa criatura de quem tanto se fala, cuja fama se espalhou pelo mundo. Vou derrotá-lo na floresta dos cedros e mostrar a força dos filhos de Uruk; o mundo inteiro saberá disso. Eu me comprometo a levar a cabo este empreendimento: subir a montanha, abater o cedro e deixar para trás um nome ilustre e duradouro.” Os conselheiros de Uruk e o povo responderam: “Gilgamesh, sois jovem; vossa coragem faz com que ambicioneis demais; certamente não sabeis o que para vós significa esta empresa. Soubemos que Humbaba não é igual aos mortais; tais são suas armas que ninguém pode vencê-lo. A floresta se estende por dez mil léguas em todos os sentidos; quem iria de sua própria vontade explorar suas profundezas? Quanto a Humbaba, seu rugido é como uma terrível borrasca, seu hálito é como o fogo, suas mandíbulas a própria morte. Por que ansiais, Gilgamesh, por tal empreendimento? Ninguém luta com Humbaba em pé de igualdade; ele é um aríete.”

Ao ouvir estas palavras dos conselheiros, Gilgamesh olhou para seu amigo e pôs-se a rir. “Como responder a isso? Devo dizer-lhes que tenho medo de Humbaba e por isso ficarei sentado em casa pelo resto de meus dias?” Gilgamesh então tornou a abrir a boca e disse para Enkidu: “Amigo, vamos para o Grande Palácio, para Egalmah, e postemo-nos diante de Ninsun, a rainha. Ninsun tem profunda sabedoria; ela nos aconselhará quanto ao caminho que devemos tomar.” Dando-se as mãos, eles seguiram a Egalmah e se dirigiram à grande rainha Ninsun. Gilgamesh se aproximou do palácio, entrou e

falou a Ninsun: “Ninsun, por favor, escutai-me; tenho de empreender uma longa jornada à Terra de Humbaba; tenho de viajar por uma estrada desconhecida e me bater numa estranha batalha. Do dia em que eu partir até o dia da minha volta, até ter chegado à floresta de cedro e destruído o mal que Shamash abomina, rezai a Shamash por mim.”

Ninsun foi para seu quarto, pôs um vestido que ficava bem em seu corpo, enfeitou-se com joias para embelezar os seios e colocou uma tiara na cabeça; sua saia varria o chão. Ela dirigiu-se então ao altar do Sol, postando-se em cima do telhado do palácio; ela acendeu incenso e elevou seus braços a Shamash, enquanto a fumaça subia aos céus: “Oh, Shamash, por que dotastes Gilgamesh, meu filho, de um coração tão inquieto; por quê? Vós o incitastes, e ele agora está prestes a partir numa longa jornada para a Terra de Humbaba; ele vai viajar por uma estrada desconhecida e se bater numa estranha batalha. Do dia em que ele partir até o dia de sua volta, até que tenha chegado à floresta de cedro, morto Humbaba e destruído o mal que vós, Shamash, abominais, não vos esqueçais dele; deixai que vossa amada esposa, Aya, a aurora, vos lembre sempre disso, e ao final do dia entregai sua guarda à sentinela da noite, para que mal algum lhe advenha.” Ninsun, a mãe de Gilgamesh, extinguiu então o incenso e chamou Enkidu com a seguinte exortação: “Poderoso Enkidu, não és filho do meu corpo, mas recebo-te como filho adotivo; és meu outro filho, como os bebês abandonados no templo. Serve a Gilgamesh como estas crianças servem ao templo e à sacerdotisa que os criou. Na presença de minhas servas, de meus sacerdotes e hierofantes, eu o declaro.” Ela colocou então em torno de seu pescoço o amuleto do juramento e disse-lhe: “Eu te confio meu filho; traze-o de volta para mim em segurança.”

Trouxeram-lhes então as armas. Depositaram em suas mãos as grandes espadas com suas bainhas de ouro, o arco e a aljava. Gilgamesh tomou o machado em suas mãos, pôs o arco de Anshan e a aljava sobre o ombro e afivelou a espada a seu cinto; estavam armados e prontos para partir. O povo havia chegado e se apinhava ao seu redor perguntando: “Quando retornareis à cidade?” Os conselheiros abençoaram Gilgamesh e o advertiram: “Não confieis demais em vossa própria força, tende cuidado e poupai vossos golpes no começo da luta. O que for à frente deve proteger seu companheiro; o bom guia que conhece o caminho protege seu amigo. Deixai que Enkidu vá na frente; ele conhece o caminho que leva à floresta, já viu Humbaba e é experiente na batalha. Deixai que avance primeiro pelos desfiladeiros, que fique alerta e que cuide de si mesmo. Deixai que Enkidu proteja seu amigo e que tome conta de seu companheiro, conduzindo-o em segurança através das armadilhas do percurso. Nós, conselheiros de

Uruk, te confiamos nosso rei, oh, Enkidu; traze-o de volta em segurança para nós.” E novamente tornaram a Gilgamesh, dizendo: “Que Shamash vos conceda o desejo de vosso coração, que ele permita que vejais com vossos olhos o sucesso do empreendimento proposto por vossos lábios; que ele vos abra uma trilha na estrada bloqueada; que ele crie um caminho para vossos pés. Que ele abra as montanhas para a vossa passagem, que a noite vos traga as bênçãos da noite, e que Lugulbanda, o deus que vos protege, esteja a vosso lado na luta pela vitória. Que saiais vitorioso da batalha, como se houvésseis lutado com uma criança. Lavai vossos pés no rio de Humbaba, ao qual vos dirigis; cavai um poço à noite e tende sempre água pura e límpida em vosso odre. Oferecei água fria a Shamash e não vos esqueçais de Lugulbanda.”

Enkidu então abriu a boca e disse: “Avante, não há nada a temer. Segue-me, pois conheço o lugar onde vive Humbaba e as trilhas por onde ele passa. Deixa que os conselheiros retornem. Não há o que temer.” Ao ouvirem isso, os conselheiros se despediram de Gilgamesh. “Ide, Gilgamesh, que vosso deus protetor vos ajude e vos traga de volta com segurança ao cais de Uruk.”

Depois de vinte léguas de viagem, eles quebraram seu jejum; depois de outras trinta, pararam para passar a noite. Caminharam cinquenta léguas num dia; em três dias, haviam percorrido o equivalente a uma jornada de um mês e duas semanas. Eles atravessaram sete montanhas antes de chegar ao portão da floresta. Enkidu então gritou para Gilgamesh: “Não te embrenhes na floresta; ao abrir o portão, minha mão perdeu sua força.” Gilgamesh respondeu: “Caro amigo, não fales como um covarde. Sobrepujamos tantos perigos e viajamos tanto para acabar voltando? Tu, que carregas a experiência de tantas batalhas e guerras, fica perto de mim e não terás medo da morte; fica do meu lado e tua fraqueza passará, os tremores abandonarão tua mão. Preferirias, amigo, ficar para trás? Não, desceremos juntos ao coração da floresta. Deixa as batalhas que estão por vir despertarem tua coragem; esquece a morte e segue-me, um homem resolutos mas prudente. Quando dois homens estão juntos, cada um se protege e escuda seu companheiro, e, se eles caem, deixam para trás um nome ilustre e duradouro.

Juntos eles se dirigiram à floresta e chegaram à montanha verde. Ali pararam, estupefatos, fitando imóveis a floresta. Viram a altura do cedro, examinaram o caminho que penetrava na floresta e a trilha por onde Humbaba costumava passar. O caminho era largo e fácil de percorrer. Eles contemplaram a montanha dos cedros, a morada dos deuses e o trono de Ishtar. O enorme cedro se elevava em frente à montanha; sua sombra era linda e cheia de conforto. A montanha e a clareira eram cobertas pelo verde do matagal.

Ali Gilgamesh cavou um poço antes do pôr do sol. Ele subiu a montanha, deitou farinha fina ao chão e disse: “Oh, montanha, morada dos deuses, trouxe-me um sonho auspicioso.” Os dois então deram-se as mãos e se deitaram para dormir, e o sono que flui da noite os envolveu docemente. Gilgamesh sonhou, e à meia-noite o sono o deixou. Gilgamesh contou seu sonho ao amigo. “Enkidu, o que foi que me acordou se não foste tu? Amigo, tive um sonho. Levanta e olha o despenhadeiro da montanha. O sono enviado pelos deuses foi interrompido. Ah, meu amigo, que sonho tive eu! Terror e confusão; eu havia agarrado um touro selvagem no meio da floresta. Ele urrava e batia com a pata no chão, levantando uma poeira que escureceu todo o céu. Meu braço foi imobilizado e minha língua mordida. Caí de joelhos. Alguém então me refrescou com água de seu odre.”

Enkidu disse: “Caro amigo, o deus que procuramos nesta viagem não é nenhum touro, embora tenha uma forma misteriosa. O touro selvagem que viste é Shamash, o Protetor; quando estivermos em perigo, ele nos tomará pela mão. Aquele que te deu água tirada de seu odre é Lugulbanda, teu deus protetor, aquele que zela por teu bom nome. Unidos a ele, nós dois juntos realizaremos um feito cuja fama jamais será esquecida.”

Gilgamesh disse: “Tive um outro sonho. Nós nos encontrávamos num desfiladeiro profundo da montanha, e perto dela éramos como minúsculas moscas de pântano. De repente a montanha desmoronou; ela me atingiu e me derrubou. Veio então uma luz de brilho intolerável, e nela, alguém cuja beleza e graça eram superiores à beleza deste mundo. Ele me puxou de baixo da montanha e deu-me água para beber. Meu coração se sentiu confortado e ele tornou a colocar-me de pé sobre o chão.”

Enkidu, o filho das campinas, então disse: “Desçamos a montanha e vamos conversar sobre isso.” E disse a Gilgamesh, o jovem deus: “Teu sonho é bom, teu sonho é excelente; a montanha que viste é Humbaba. Agora sei com certeza que vamos pegá-lo, liquidá-lo e atirar seu corpo lá de cima, como a montanha que caiu sobre a planície.”

No dia seguinte, depois de percorrer vinte léguas, eles quebraram seu jejum e, depois de mais trinta léguas, pararam para dormir. Cavaram um poço antes do pôr do sol, e Gilgamesh subiu a montanha. Ele deitou farinha fina ao chão e disse: “Oh, montanha, morada dos deuses, mandai um sonho para Enkidu; fazei com que seja um sonho auspicioso.” A montanha moldou um sonho para Enkidu e ele lhe foi enviado; era um sonho ominoso. Uma chuva fria passava por cima dele e fazia com que fosse obrigado a se agachar, como a cevada da montanha que se curva sob um temporal. Mas Gilgamesh ficou sentado com o queixo sobre os joelhos até que o sono, que flui para

toda a humanidade, se apoderou dele. Então, à meia-noite, o sono deixou-o; ele se levantou e disse para o amigo: “Tu me chamaste? Por que acordei? Tu me tocaste? Por que me sinto aterrorizado? Será que algum deus não passou por nós, pois meus membros estão paralisados pelo medo? Amigo, tive um terceiro sonho, e este sonho foi absolutamente terrível. Os céus troavam e a terra rugia de volta; a luz do dia apagou-se e a escuridão se instalou; os raios caíam, o fogo ardia com um brilho intenso, as nuvens baixaram do céu e derramaram sobre a terra uma chuva mortal. Então o brilho se extinguiu, o fogo se apagou, e tudo ao nosso redor havia se transformado em cinzas. Desçamos a montanha e vamos conversar sobre isto, e pensar sobre o que devemos fazer.”

Depois de descerem a montanha, Gilgamesh tomou o machado em sua mão e abateu o cedro. Quando, a distância, Humbaba ouviu o barulho, ficou furioso e gritou: “Quem violou minha floresta e abateu o meu cedro?” Mas o glorioso Shamash gritou para eles do céu: “Avante, não temais!” Mas uma fraqueza se apoderara de Gilgamesh; ele fora repentinamente tomado por um sono profundo. Ele se estendeu no chão sem dizer uma só palavra, como num sonho. Enkidu tocou-o, mas ele não se levantou; Enkidu lhe falou, mas ele não respondeu. “Oh, Gilgamesh, Senhor da planície de Kullab, o mundo vai escurecendo, as sombras se espalham sobre sua superfície; eis os últimos e trêmulos raios do crepúsculo. Shamash partiu, sua cabeça incandescente repousa no colo de sua mãe Ningal. Oh, Gilgamesh, por quanto tempo ficarás assim, dormindo? Não permitas jamais que tua mãe, aquela que te deu à luz, seja forçada a velar-te na praça da cidade.”

Gilgamesh por fim escutou-o; ele vestiu seu peitoral, “A Voz dos Heróis”, que pesava trinta siclos; ele o colocou em seu corpo como se fosse o mais leve dos trajes. Gilgamesh estava totalmente coberto. Sua postura era semelhante à do touro quando calca o chão; seus dentes se cerraram. “Pela vida de minha mãe, Ninsun, que me deu à luz, e pela vida de meu pai, o divino Lugulbanda, que eu viva para encher minha mãe de pasmo, como fazia quando ela me embalava em seu colo.” Ele tornou a repetir para Enkidu: “Pela vida de Ninsun, minha mãe, que me deu à luz, e pela vida de meu pai, o divino Lugulbanda, até que tenhamos lutado com este homem, se homem ele é, ou este deus, se deus ele é, a via que tomei para chegar à Terra dos Vivos não me levará de volta a Uruk.”

Então Enkidu, o fiel companheiro, implorou em resposta: “Oh, meu senhor, tu não conheces este monstro e por isso não tens medo. Eu o conheço e estou aterrorizado. Seus dentes são como as presas do dragão, seu semblante é como o do leão, a fúria de seu ataque se assemelha à da torrente do dilúvio; com seu olhar ele esmaga as

árvores da floresta e os juncos dos pântanos. Oh, meu senhor, podes prosseguir em tua incursão por este território se quiseres, mas eu retornarei à cidade. Contarei teus feitos gloriosos a tua mãe até que ela grite de júbilo: falarei então da morte que se seguiu até que ela chore de amargura.” Mas Gilgamesh disse: “Ainda não estou preparado para a imolação e para o sacrifício, a barca dos mortos não descerá o rio comigo, nem tampouco será necessário que se prepare para mim a mortalha de três pregas. Meu povo também será poupado da tristeza; a pira não será acesa em minha casa; minha morada não será consumida pelo fogo. Dá-me tua ajuda hoje e te ajudarei amanhã: o que poderá então dar errado com nós dois juntos? Todas as criaturas nascidas da carne terão um dia que tomar um lugar na barca do Oeste, e, quando ela afundar, quando a barca de Magilum afundar, elas perecerão; mas nós continuaremos em frente e olharemos este monstro de frente. Se teu coração está tomado de medo, joga fora esse medo; se há terror nele, joga fora esse terror. Toma o machado em tua mão e lança-te ao ataque. Aquele que abandona a luta não fica em paz.”

Humbaba irrompeu de sua sólida casa de cedro. Enkidu então gritou: “Oh, Gilgamesh, lembra-te agora de tuas bravatas em Uruk. Avante, ataca, filho de Uruk, não há o que temer.” Ao ouvir estas palavras, Gilgamesh recobrou sua coragem; ele respondeu: “Rápido, cerca o sentinela; se ele passar por ali, não deixes que fuja para a floresta, onde acabará desaparecendo. Ele vestiu apenas o primeiro de seus sete esplendores e ainda não colocou os outros seis. Vamos apanhá-lo antes que se arme.” Gilgamesh resfolegou como um touro enfurecido. O sentinela da floresta virou-se ameaçadoramente, e Gilgamesh gritou. Humbaba balançava e sacudia a cabeça, ameaçando Gilgamesh. O olho do gigante fixara-se nele, o olho da morte. Gilgamesh então invocou Shamash com os olhos cheios de lágrimas: “Oh, glorioso Shamash, tomei o caminho que me ordenastes, mas, se não me mandardes socorro, como poderei escapar?” O glorioso Shamash escutou sua prece e convocou o grande vento, o vento norte, o furacão, o temporal e o vento gélido, a tempestade e o vento cáustico. Eles chegaram como dragões, como o fogo devastador, como a serpente que gela o coração, como o implacável dilúvio, como os grandes raios. Os oito ventos se lançaram contra Humbaba, atingindo seus olhos; ele foi imobilizado, não conseguindo mover-se para a frente ou para trás. Gilgamesh gritou: “Pela vida de Ninsun, minha mãe, e do divino Lugulbanda, meu pai, nesta terra, na Terra dos Vivos, descobri tua morada. Vim a esta terra com meus frágeis braços e minhas pequenas armas para enfrentar-te, e agora entrarei em tua casa.”

Ele então abateu o primeiro cedro; eles cortaram seus galhos e os depositaram ao pé da montanha. Ao primeiro golpe do machado

Humbaba explodiu de ira, mas eles foram em frente. Abateram sete cedros, cortaram e amarraram seus galhos e os depositaram ao pé da montanha; e por sete vezes Humbaba lançou sobre eles o brilho de sua glória. Eles chegaram à caverna do gigante quando se extinguia o sétimo clarão. Humbaba esmurrou sua coxa em sinal de desdém. O gigante foi se aproximando como um touro nobre e selvagem que foi amarrado na montanha, um guerreiro com os cotovelos presos e atados por uma corda. As lágrimas corriam de seus olhos e a palidez lhe cobria o rosto. “Gilgamesh, deixa-me falar. Jamais tive uma mãe, não, nem um pai para me criar. Nasci da montanha, ela me criou, e Enlil fez de mim o sentinela da floresta. Deixa-me ir, Gilgamesh, e serei teu servo; tu serás meu senhor. Todas as árvores da montanha, que foram cuidadas por mim, serão tuas. Eu as abaterei e te construirei um palácio.” Ele tomou Gilgamesh pela mão e o conduziu à sua casa, e isso fez com que o coração do herói se enchesse de piedade. Ele invocou a vida celestial, a vida terrena, o próprio mundo inferior: “Oh, Enkidu, não deveria o passarinho apanhado na armadilha retornar ao seu ninho, ou o prisioneiro para os braços de sua mãe?” Enkidu respondeu: “O mais forte dos homens cairá ante o destino se não tiver discernimento. Namtar, o fado maligno, que não faz distinção entre os homens, devorá-lo-á. Se o pássaro preso na armadilha retornar ao seu ninho, se o prisioneiro voltar para os braços de sua mãe, então tu, meu amigo, jamais retornarás à cidade onde te espera a mãe que te gerou. Ele te bloqueará o caminho da montanha e tornará impossível tua passagem.

Humbaba disse: “Enkidu, isso que disseste é uma coisa má; tu, um mercenário, que dependes do trabalho para obter teu pão! Por inveja e por medo de um rival disseste essas maldades.” Enkidu disse: “Não ouças o que ele diz, Gilgamesh: Humbaba tem de morrer. Mata Humbaba primeiro e seus servos depois.” Mas Gilgamesh disse: “Se tocarmos nele, o brilho e o esplendor da luz serão perturbados; ela perderá seu encanto e sua majestade; seus raios se extinguirão.” Enkidu disse a Gilgamesh: “De modo algum, meu amigo. Primeiro apanhas o pássaro, e para onde então correrão os passarinhos? Podemos depois procurar o encanto e a majestade, enquanto os passarinhos correm atarantados pela grama.”

Gilgamesh ouviu seu companheiro. Ele tomou o machado em sua mão, desembainhou a espada e acertou Humbaba com uma estocada no pescoço. Seu companheiro Enkidu golpeou-o uma segunda vez. Na terceira investida Humbaba tombou. Seguiu-se então uma grande confusão, pois este a quem eles haviam morto era o sentinela da floresta. Por duas léguas os cedros estremeceram quando Enkidu abateu o vigia da floresta, aquele cuja voz fazia os montes Hermon e Líbano tremerem. As montanhas e todas as colinas se achavam agora

agitadas e comovidas, pois o guarda da floresta fora morto. Eles atacaram os cedros; os sete esplendores de Humbaba se extinguíram. Eles então prosseguiram floresta adentro carregando a espada de oito talentos. Eles acharam as moradas sagradas dos Anunnaki e, enquanto Gilgamesh abatia a primeira árvore da floresta, Enkidu ia limpando suas raízes até as margens do Eufrates. Eles expuseram aos deuses, a Enlil, o corpo de Humbaba; eles beijaram o chão, deixaram cair a mortalha e apresentaram ao deus a cabeça do gigante. Ao ver a cabeça de Humbaba, Enlil gritou: “Por que fizestes isso? De agora em diante que o fogo castigue vossos rostos, que ele coma o pão que comeis, que beba a água que bebeis.” Enlil então tomou de volta o brilho e os sete esplendores que haviam pertencido a Humbaba: ele deu o primeiro deles ao rio, e os outros ao leão, à pedra de excreção, à montanha e à temida filha da Rainha do Inferno.

Oh, Gilgamesh, rei e conquistador do brilho terrível, touro selvagem que pilha a montanha, que atravessa o mar, louvado seja; e dos corajosos a maior glória é a de Enki!

3. Ishtar e Gilgamesh, e a morte de Enkidu

Gilgamesh lavou seus longos cabelos e limpou suas armas; jogou os cabelos para trás dos ombros, tirou as roupas manchadas que vestia e trocou-as por novas. Ele colocou seus mantos reais e os ajustou ao corpo. Ao vestir a coroa, a gloriosa Ishtar elevou seus olhos e divisou a beleza de Gilgamesh. Ela disse: “Vem comigo, Gilgamesh, e sê meu consorte; infundeme a semente de teu corpo; deixa-me ser tua mulher e serás meu marido. Arrearei para ti uma carruagem com ouro e lápis-lazúli; as rodas serão de ouro, as trompas de cobre; em vez de mulas, terás para puxá-la os poderosos demônios da tempestade. Ao entrares em nossa casa, envolvida na fragrância do cedro, terás a soleira e o trono a beijar-te os pés. Reis, tiranos e príncipes se curvarão à tua presença; eles te trarão tributos das montanhas e das planícies. Tuas ovelhas darão à luz gêmeos, e tuas cabras, trigêmeos; teus burros de carga serão mais rápidos do que as mulas; nada se igualará a teu gado, e os cavalos de tua carruagem serão conhecidos em terras distantes por sua velocidade.”

Gilgamesh abriu a boca e respondeu à gloriosa Ishtar: “Se vos tomar como esposa, que presentes poderei oferecer em troca? Que vestes e perfumes poderia te dar? De bom grado dar-vos-ia pão e todo tipo de comida à altura de um deus. Dar-vos-ia de beber um vinho digno de uma rainha. Eu abarrotaria vosso celeiro de cevada; mas fazer de vós minha esposa, isso não. O que seria de mim? Fostes para vossos amantes como um braseiro que arde sem chama no frio, como uma porta que não protege do vento cortante ou da tempestade, uma fortaleza que esmaga sua guarnição, uma jarra que enegrece o ombro de quem a carrega, um odre que escoria e esfola a pele de seu portador, uma rocha que cai do parapeito, um aríete vindo do inimigo, uma sandália que faz tropeçar aquele que a veste. Qual de vossos amantes chegastes alguma vez a amar para sempre? De qual de vossos pastores não vos cansastes? Escutai-me enquanto conto a história de vossos amantes. Havia Tammuz, o amor de vossa juventude; decretastes por ele o choro e a lamentação, ano após ano.

Amastes o multicolorido gaio, mas ainda sim desferistes um golpe contra sua asa, quebrando-a; agora, pousado em alguma árvore do bosque, ele chora ‘cápi, cápi, minha asa, minha asa’. Amastes o leão de tremenda força; preparastes para ele sete armadilhas, e mais sete. Amastes o garanhão que era magnífico na batalha, e para ele decretastes o chicote, a espora e a correia; ordenastes que galopasse sete léguas todos os dias e que lhe dessem água suja para beber; e para sua mãe, Silili, impusestes as lamentações. Amastes o pastor do rebanho; dia após dia ele vos preparava um bolo de aveia; e sacrificava cordeiros em vossa homenagem. Vós o golpeastes e o transformastes num lobo; agora seus próprios filhos o afujentam, seus próprios cães de caça o acossam, lacerando-lhe os flancos. E não amastes também Ishullanu, o jardineiro do bosque de palmeiras de vosso pai? Ele vos trazia incontáveis cestas repletas de tâmaras; todos os dias ele cobria vossa mesa. Então olhastes para ele e dissestes: ‘Caro Ishullanu, vem comigo, vamos desfrutar de tua virilidade, aproxima-te e toma-me em teus braços, sou tua.’ Ishullanu respondeu: ‘O que estais me pedindo? Minha mãe cozinhou e eu comi; por que deveria recorrer a alguém como vós para obter comida contaminada e pútrida? Pois desde quando um biombo de treliça é proteção suficiente contra a geada?’ Ao ouvir sua resposta lançastes contra ele um feitiço. Ele se transformou numa toupeira cega que habita as profundezas da terra, alguém cujos desejos estão sempre além de seu alcance. E, se nos uníssemos, será que eu não receberia o mesmo tratamento dispensado a todos esses que um dia amastes?”

Ao ouvir esta resposta, Ishtar foi tomada de uma implacável cólera. Ela subiu aos céus e chorou convulsivamente diante de seu pai, Anu, e sua mãe, Antum. E disse: “Pai, Gilgamesh cobriu-me de insultos; ele expôs toda a minha abominável conduta; denunciou minhas infâmias e torpezas.” Anu abriu a boca e disse: “És um pai de deuses? Não discutiste com Gilgamesh, o rei, e por isso ele denunciou tua abominável conduta, tuas infâmias e torpezas?”

Ishtar abriu a boca e tornou a falar: “Pai, dai-me o Touro do Céu para destruir Gilgamesh. Enchei, eu vos peço, Gilgamesh de arrogância para sua própria destruição; mas, se vos recusardes a me dar o Touro do Céu, destruirei os portões do inferno e despedaçarei seus ferrolhos; haverá confusão entre os seres que estão nas camadas superiores e os que estão nas profundezas da terra. Trarei os mortos para cima, para que se alimentem como os vivos, e a hoste dos mortos será mais numerosa que a dos vivos.” Anu disse à poderosa Ishtar: “Se eu fizer o que tu me pedes, haverá sete anos de seca por toda Uruk; o trigo só terá palha e nada de semente. Guardaste uma quantidade suficiente de grãos para as pessoas e capim para o gado?” Ishtar replicou: “Guardei grãos para as pessoas e capim para o gado; há uma

quantidade suficiente de grãos e capim para os sete anos de trigo sem semente.”

Ao ouvir a resposta de Ishtar, Anu entregou-lhe o Touro do Céu para que fosse conduzido pelo cabresto até Uruk. Quando eles chegaram aos portões da cidade, o Touro dirigiu-se ao rio. Ele bufou uma vez e a terra abriu-se em fendas, engolindo a vida de cem homens. Ele bufou uma segunda vez e mais fendas se abriram, levando a vida de duzentos homens. Na terceira vez novas fendas se abriram, lançando Enkidu para a frente; mas ele imediatamente recuperou o equilíbrio, se esquivou e lançou-se sobre o touro agarrando-o pelos chifres. O Touro do Céu espumava em seu rosto e o escoriava com a parte mais grossa de sua cauda. Enkidu gritou para Gilgamesh: “Amigo, nós alardeamos que deixaríamos uma fama duradoura atrás de nossos nomes. Agora enfia tua espada entre a nuca e os chifres do touro.” Gilgamesh foi então atrás da fera, agarrou o talo de sua cauda, enfiou a espada entre sua nuca e seu chifre e a matou. Depois de matarem o Touro do Céu, eles arrancaram seu coração e o ofereceram a Shamash. Os dois irmãos então descansaram.

Mas Ishtar levantou-se e escalou a grande muralha de Uruk; ela pulou para a torre e proferiu uma maldição: “Ai de Gilgamesh, pois zombou de mim ao matar o Touro do Céu.” Ao ouvir essas palavras, Enkidu arrancou a coxa direita do touro e atirou-lhe ao rosto, dizendo: “Se pudesse colocar minhas mão em ti, é isso que te faria, e açoitaria com as entranhas o teu corpo.” Ishtar então conclamou sua gente, as prostitutas do templo, as jovens que cantavam e dançavam, as cortesãs. Em torno da coxa do Touro do Céu, organizou um velório de choro e lamentação.

Mas Gilgamesh reuniu todos os ferreiros e alfagemes. Eles ficaram impressionados com a imensidão dos chifres, que eram revestidos de uma camada de lápis-lazúli de duas polegadas de espessura. Cada um deles pesava quinze quilos, e em seu interior cabia o equivalente a seis medidas de óleo, que Gilgamesh ofereceu ao seu deus protetor, Lugulbanda. Mas ele levou os chifres para o palácio e os pendurou na parede. Eles então lavaram suas mãos no Eufrates, abraçaram-se e foram embora. Atravessaram as ruas de Uruk, onde os heróis haviam se reunido para vê-los, e Gilgamesh virou-se para as jovens que cantavam e gritou: “Quem é o mais glorioso dos heróis, quem é o mais eminente entre os homens?” “Gilgamesh é o mais glorioso dos heróis, Gilgamesh é o mais eminente entre os homens.” Houve então um banquete, e festejos, e o palácio encheu-se de alegria, até os heróis se deitarem, dizendo: “Descansaremos agora até o amanhecer.”

Quando a manhã chegou, Enkidu levantou-se e gritou para Gilgamesh: “Oh, meu irmão, que sonho tive esta noite. Anu, Enlil, Ea e o celestial Shamash se reuniram em conselho, e Anu disse a Enlil: ‘Por

terem matado o Touro do Céu e por terem morto Humbaba, que tomava conta da Montanha de Cedro, um dos dois tem de morrer.’ O glorioso Shamash respondeu então ao herói Enlil: ‘Foi sob tuas ordens que eles mataram Humbaba e o Touro do Céu, será que Enkidu tem de morrer apesar de ser inocente?’ Enlil virou-se bruscamente para o glorioso Shamash e disse, em fúria: ‘Ousas dizer uma coisa dessas, tu que estavas sempre a acompanhá-los como se fosses um deles!’”

Enkidu jazia estendido diante do amigo. Suas lágrimas vertiam copiosamente, e ele disse a Gilgamesh: “Oh, meu irmão, és tão querido por mim, e eles no entanto vão tirar-me de ti.” Ele tornou a falar: “Devo sentar-me à entrada da casa dos mortos e jamais tornar a ver com meus olhos o meu querido irmão.”

Solitário e enfermo em seu leito, Enkidu amaldiçoava o portão como se ele fosse de carne viva: “Tu, madeira do portão, inerte, insensível e apática; viajei vinte léguas procurando por ti, até achar o gigantesco cedro. Não há madeira igual em nossa terra. Setenta e dois côvados de altura e vinte quatro de largura; eixo, virola e batente perfeitos. Foste feito pelo mestre dos artesãos de Nippur; mas, ai, se eu soubesse o que aconteceria! Se soubesse que serias o único bem resultante desta aventura, teria levado o machado ao ar e te feito em pedaços, e em teu lugar construiria aqui um portão de vime. Ai, se pelo menos tivesses chegado aqui por obra de algum futuro rei, ou se um deus te tivesse criado! Que ele apague o meu nome e o substitua pelo seu; que a maldição recaia sobre sua cabeça em vez de tombar sobre a de Enkidu.”

Ao primeiro brilho da alvorada, Enkidu levantou a cabeça e chorou diante do Deus-Sol; suas lágrimas corriam por seu rosto ao brilho da luz solar. “Deus-Sol, eu vos imploro, a respeito daquele caçador infame, aquele caçador vil, por culpa de quem vim a receber menos que meu companheiro; fazei com que capture menos presas, tornai a caça mais escassa, fazei com que ele se enfraqueça, que receba a menor parte nas divisões entre os caçadores, que suas vítimas fujam de suas armadilhas.”

Depois de imprecar contra o caçador até desabafar seu coração, ele se voltou para a rameira. Crescera nele uma necessidade de também amaldiçoá-la. “Quanto a ti, mulher, lançote uma grande maldição! Prometo-te um destino para toda a eternidade. Minha praga se abaterá sobre ti imediata e repentinamente. Ficarás sem teto para o teu comércio, pois não manterás casa com outras mulheres na taberna, mas terás de realizar teu negócio em lugares fétidos e empestados pelo vômito do bêbado. Teu preço será barato; teus pequenos furtos serão lançados com desdém ao chão de tua choupana; tu te sentarás na encruzilhada poeirenta do quarteirão dos oleiros; farás tua cama à noite sobre um monte de estrume, e durante o dia tomarás teu lugar

sob a sombra da muralha. Sarças e espinhos rasgarão teus pés; o bêbado e o sóbrio te golpearão o rosto e sentirás dores na boca. Que sejas despojada de tuas tintas purpúreas, pois também eu na selva com minha mulher tinha todos os tesouros que desejava.”

Ao ouvir as palavras de Enkidu, Shamash gritou-lhe do céu: “Enkidu, por que amaldiçoas a mulher, a concubina que te ensinou a comer pão digno dos deuses e a beber o vinho dos reis? Ela, que colocou sobre ti um magnífico traje, não foi ela quem te deu o glorioso Gilgamesh por companheiro, e Gilgamesh, teu próprio irmão, não fez ele com que te deitasses num leito real e te reclinasses sobre um divã à esquerda de seu trono? Ele fez com que os príncipes da terra beijassem teus pés, e hoje todo o povo de Uruk chora e se lamenta por ti. Quando morreres, ele deixará seus cabelos crescerem por tua causa; ele vestirá a pele de um leão e vaguará pelo deserto.”

Ao ouvir as palavras do glorioso Shamash, seu coração colérico se acalmou; ele retirou a maldição e disse: “Mulher, prometo-te um outro destino. A boca que te amaldiçoou agora te abençoa! Serás adorada por reis, príncipes e nobres. Embora a doze milhas de distância, exercerás forte atração sobre um homem e o perturbarás. Ele te abrirá as portas de seu tesouro e terá tudo o que desejares: lápis-lazúli, ouro e cornalina, tirados da sua pilha de tesouros. Ganharás um anel para teu dedo e um manto. Um sacerdote te conduzirá à presença dos deuses. Por tua causa uma esposa, mãe de sete, foi abandonada.”

Enquanto Enkidu dormia sozinho em sua enfermidade, com o coração amargurado ele se virou para o amigo e desabafou: “Fui eu quem abateu o cedro, quem limpou a floresta, quem matou Humbaba, e agora olha o que me aconteceu. Escuta, meu amigo, o sonho que tive esta noite. Os céus troavam e a terra rugia de volta; entre os dois estava eu, diante de um ser aterrador, o homem-pássaro de feições sombrias. Ele havia me escolhido como presa. Seu rosto era como o de um vampiro, seus pés como as patas de um leão, suas mãos como as garras de uma águia. Ele se abateu sobre mim e suas presas agarraram minha cabeça; ele me apertou com força e me senti sufocar; ele então transformou meu corpo de tal maneira que meus braços viraram asas cobertas de penas. Ele me olhou fixamente e levou-me para o palácio de Irkalla, a Rainha das Trevas, à casa de onde ninguém que entra jamais torna a sair, à estrada sem retorno.

“Ali fica a casa onde as pessoas sentam-se no escuro, onde o pó é sua comida e o barro sua carne. Elas se vestem como os pássaros, tendo as asas como traje; elas não veem a luz e sentam-se na escuridão. Eu entrei na casa do pó e vi os reis da terra, suas coroas guardadas para sempre; vi tiranos e príncipes, todos aqueles que outrora usavam coroas reais e governavam o mundo. Aqueles que no passado haviam ocupado o lugar de deuses como Anu e Enlil agora

trabalhavam como servos, buscando carne assada na casa do pó e carregando carne cozida e água fria tirada do odre. Na casa do pó em que entrei estavam os altos sacerdotes e os acólitos, os sacerdotes do êxtase e do encantamento; lá se encontravam os servidores do templo e Etana, o rei de Kish, a quem outrora a águia carregou para o céu. Também vi Samuqan, o deus do gado, e Ereshkigal, a Rainha do Mundo Inferior; e, agachada em frente a ela, Belit-Sheri, escriba dos deuses e guardiã do livro da morte. Ela estava lendo uma tábua que tinha em suas mãos. Ela levantou a cabeça, me viu e falou: ‘Quem trouxe este aqui?’ Eu então acordei e parecia um homem sangrado que erra solitário por entre os juncos; alguém que foi agarrado pelo intendente e cujo coração bate disparado, cheio de agonia e terror.”

Gilgamesh havia se despido; ele escutou as palavras do amigo e chorou intensamente. Ele abriu a boca e disse a Enkidu: “Quem na Uruk das poderosas muralhas tem tamanha sabedoria? Coisas estranhas foram ditas, por que teu coração fala assim tão estranhamente? Teu sonho foi grandioso, mas terrível; devemos conservá-lo na memória apesar de seus horrores, pois ele demonstra que a miséria acaba abatendo-se sobre o homem saudável, que o fim da vida é doloroso.” E Gilgamesh lamentou: “Rezarei agora aos grandes deuses, pois meu amigo teve um sonho ominoso.”

O dia do sonho chegou ao fim, e Enkidu jazia enfermo. Passou um dia inteiro no leito e seu sofrimento aumentou. Enkidu disse a Gilgamesh, o amigo por quem ele abandonara sua vida no meio da natureza: “Houve época em que lutei por ti, pela água da vida, e agora eu não tenho nada.” Enkidu passou um segundo dia no leito e Gilgamesh velou por ele, mas a doença piorou. No terceiro dia, ele chamou Gilgamesh, acordando-o. Enkidu estava fraco e seus olhos já não enxergavam mais de tanto chorar. Dez dias se passaram e seu sofrimento aumentava; onze, doze dias, e Enkidu continuava em seu leito de dor. Ele então chamou Gilgamesh e disse: “Amigo, a grande deusa me amaldiçoou e devo morrer na vergonha. Não morrerei como um homem que tomba durante a batalha; eu temia ser derrubado na luta, mas feliz é aquele que morre lutando, pois eu morrerei na vergonha.” E Gilgamesh chorou por Enkidu. Ao primeiro brilho da alvorada, ele elevou sua voz e falou aos conselheiros de Uruk:

*“Ouvi-me, homens ilustres de Uruk,
Choro por Enkidu, meu amigo.
Com as lágrimas pungentes da mulher aflita,
Choro por meu irmão.
Oh, Enkidu, meu companheiro,
Foste o machado que levava ao meu lado,
A força do meu braço, a espada em meu cinturão,
O escudo que me protegia,*

Um glorioso manto, meu mais belo ornamento;
Um destino cruel roubou-o de mim.
O asno selvagem e a gazela
Que como pai e mãe te criaram,
Todas as criaturas de cauda longa que te alimentaram
Choram por ti.
Todas as coisas agrestes das campinas e dos pastos,
As trilhas que amavas na floresta dos cedros,
Noite e dia murmuram.
Que os homens ilustres de Uruk,
A cidade das poderosas muralhas,
Chorem por ti;
Que o dedo que abençoa
Se estenda para pranteá-lo.
Enkidu, meu jovem irmão, ouve,
Um eco atravessa todo o país
Como um lamento de mãe.
Choram todos os caminhos que juntos percorremos,
E as feras que caçamos: o urso e a hiena,
O tigre e a pantera, o leopardo e o leão,
O veado e o cabrito montês, o touro e a corça.
Os rios cujas margens percorríamos
Choram por ti,
O Ula do Elam e o querido Eufrates,
De onde tirávamos água para os odres.
A montanha que escalamos para o Sentinela matar
Chora por ti.
Os guerreiros de Uruk,
Cidade das poderosas muralhas,
Onde o Touro do Céu foi morto,
Choram por ti.
Todo o povo de Eridu
Chora por ti, Enkidu.
Aqueles que trouxeram cereais para comeres
Choram agora por ti;
Que o óleo em tuas costas esfregavam
Choram agora por ti;
Que te enchiam o copo de cerveja
Choram agora por ti;
A meretriz que com o perfumado unguento te untava
Lamenta-se agora por ti;
As mulheres do palácio, que te deram uma esposa,
Um grupo seleto de boas conselheiras,
Lamentam-se agora por ti.
E os jovens, teus irmãos,
Como se fossem mulheres
De cabelos compridos choram por ti.
Que sono é este que em seu poder te mantém?
Estás perdido no escuro e não me podes ouvir.”

Gilgamesh tocou o coração de Enkidu, mas ele já não batia; seus olhos também não tornaram a se abrir. Gilgamesh então cobriu o

amigo com um véu, como o noivo cobre a noiva. E pôs-se a urrar, a desabafar sua fúria como um leão, como uma leoa cujos filhotes lhe foram roubados. Vagueou em torno da cama, arrancou seus cabelos e os espalhou por toda parte. Arrancou seus magníficos mantos e atirou-os ao chão como se fossem abominações.

Ao primeiro brilho da alvorada, Gilgamesh gritou: “Fiz com que te deitasses num leito real, te reclinaste sobre um divã à esquerda de meu trono, os príncipes da terra beijaram teus pés. Farei com que todo o povo de Uruk chore por ti e te cante hinos fúnebres. As pessoas alegres se curvarão de dor; e, depois de desceres à terra, deixarei que meu cabelo cresça em tua homenagem e errarei pelas matas na pele de um leão.” De novo no dia seguinte, ao primeiro brilho da aurora, Gilgamesh se lamentou; por sete dias e sete noites ele chorou por Enkidu, até que os vermes tomaram-lhe o corpo. Somente então Gilgamesh entregou Enkidu à terra, pois os Anunnaki, os juízes do mundo inferior, o haviam capturado.

Gilgamesh então mandou proclamar um edito por todo o país. Ele convocava todos os caldeireiros, ourives e pedreiros e os intimava: “Fazei uma estátua de meu amigo.” A estátua foi moldada com grande quantidade de lápis-lazúli no peito e de ouro no resto do corpo. Foi então montada uma mesa de madeira de lei, e em cima dela foram colocadas uma tigela de cornalina cheia de mel e uma de lápis-lazúli contendo manteiga. Gilgamesh as ofereceu ao Sol e, chorando, partiu.

4. *A busca da vida eterna*

Gilgamesh chorou amargamente por seu amigo Enkidu. Ele errou pelas matas como um caçador e vagueou pelas planícies. Em sua tristeza ele gritou: “Como posso descansar, como posso ficar em paz? O desespero se instalou em meu coração. Isso que meu irmão é agora, o mesmo serei eu quando morrer. Por medo da morte farei o possível para encontrar Utnapishtim, a quem chamam o Longínquo, pois ele se juntou à assembleia dos deuses.” Gilgamesh então correu o mundo selvagem; vagou pelos campos e pastos numa longa jornada em busca de Utnapishtim, a quem os deuses acolheram após o dilúvio e instalaram na terra de Dilmun, no jardim do sol; e somente a ele, entre todos os homens, os deuses concederam a vida eterna.

À noite, chegando ao desfiladeiro da montanha, Gilgamesh rezou: “Neste desfiladeiro, há muito tempo atrás, encontrei leões. Tive medo e elevei meu olhar para a lua. Eu rezei e os deuses escutaram minha prece; por isso agora, oh, Sin, deus da lua, protegi-me.” Após a oração, ele se deitou para dormir, até ser acordado de um sonho. Ele se viu rodeado de leões que se regozijavam de estarem vivos; tomou então o machado nas mãos, sacou a espada de seu cinturão e se lançou sobre eles como uma flecha disparada por um arco. Ele golpeou as feras, matou-as e dispersou-as.

Finalmente Gilgamesh chegou a Mashu, as grandes montanhas que guardam o nascer e o pôr do sol e sobre as quais ele havia ouvido muitas histórias. Seus picos são gêmeos e da altura das muralhas do céu; suas encostas descem até o mundo inferior. Os Escorpiões vigiam sua entrada. Eles são metade homem e metade dragão; sua fama inspira terror, seu olhar é mortal aos homens e o brilho tremeluzente que deles emana varre as montanhas que guardam o nascer do sol. Ao vê-los, Gilgamesh protegeu os olhos, mas apenas por alguns momentos; ele então tomou coragem e se aproximou. Vendo-o com um ar tão impávido, o Homem-Escorpião gritou para seu companheiro: “Este que ora se aproxima tem a carne dos deuses.” Seu companheiro respondeu: “Ele é dois terços deus, mas um terço

homem.”

Ele então gritou para o homem Gilgamesh, ele gritou para o filho dos deuses: “Por que fizeste tão longa jornada? Por que viajaste de tão longe, cruzando os perigosos mares? Dize-me a razão de tua vinda.” Gilgamesh respondeu: “Por Enkidu, a quem muito amava. Juntos enfrentamos todos os tipos de dificuldade. Por causa dele eu vim, pois caí vítima do destino que assola os homens. Chorei por ele noite e dia e me recusava a entregar seu corpo para o funeral. Pensei que meu pranto fosse trazê-lo de volta. Desde sua partida minha vida deixou de ter sentido; por isso viajei até aqui em busca de Utnapishtim, meu pai; pois se diz que ele se juntou aos deuses e que encontrou a vida eterna. Desejo fazer-lhe algumas perguntas com relação aos vivos e os mortos.” O Homem-Escorpião abriu a boca e disse, falando a Gilgamesh: “Nenhum homem nascido de mulher fez o que tu pedes, nenhum mortal jamais entrou na montanha. Ela se estende por doze léguas de escuridão; não há luz em seu interior e o coração se sente oprimido pelas trevas. Do nascer ao pôr do sol, não há nada além de escuridão.” Gilgamesh disse: “Embora seja para mim um caminho de tristeza e dor, de gemidos e lágrimas, ainda assim devo tomá-lo. Abri o portão da montanha.” E o Homem-Escorpião disse: “Vai, Gilgamesh. Permitirei que atravesSES a montanha de Mashu e as elevadas cordilheiras; que teus pés te levem ao destino em segurança. O portão da montanha está aberto.”

Gilgamesh escutou o que o Homem-Escorpião lhe disse e seguiu, através da montanha, pela estrada do sol até o lugar de seu nascente. Depois de caminhar por uma légua, a escuridão se intensificou ao seu redor, pois não havia mais luz; ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Depois de duas léguas a escuridão era intensa e não havia luz; ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Depois de três léguas a escuridão era intensa e não havia luz; ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Depois de quatro léguas a escuridão era intensa e não havia luz; ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Ao final de cinco léguas a escuridão era intensa e não havia luz; ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Ao final de seis léguas a escuridão era intensa e não havia luz; ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Depois de percorrer sete léguas a escuridão era intensa e não havia luz; ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Depois de percorrer oito léguas, ele soltou um grande grito, pois a escuridão era intensa e ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Depois de nove léguas, ele sentiu o vento

norte em seu rosto, mas a escuridão era intensa e não havia luz; ele não conseguia enxergar nada, nem o que estava à frente nem o que estava atrás. Depois de dez léguas, o final estava próximo. Depois de onze léguas apareceram os primeiros raios da alvorada. Ao final de doze léguas a luz do sol enfim refulgiu.

Lá estava o jardim dos deuses; por todos os lados cresciam arbustos carregados de pedras preciosas. Ao vê-los, ele imediatamente se aproximou, pois havia frutas de cornalina pendendo de uma parreira, lindas de ver; folhas de lápis-lazúli cresciam em profusão por entre as frutas e eram doces ao olhar. No lugar dos espinhos e dos cardos encontravam-se as hematitas e as pedras raras, e mais a ágata e pérolas do mar. Shamash viu Gilgamesh caminhando pelo jardim à beira do mar, e ele viu que o herói estava vestido com peles de animais e que se alimentava de sua carne. Isto o aborreceu, e, falando, ele disse: “Nenhum mortal jamais tomou este caminho antes, nem tomará, enquanto os ventos soprarem por sobre os mares.” E virando-se para Gilgamesh ele falou: “Jamais encontrarás a vida que procuras.” Gilgamesh respondeu ao glorioso Shamash: “Então, depois de errar e me esfaltar pela vastidão selvagem, terei ainda de dormir e deixar que a terra cubra para sempre a minha cabeça? Que meus olhos fitem o sol até seu brilho ofuscá-los. Embora não seja melhor que um homem morto, ainda assim deixai-me contemplar a luz do sol.”

Ao lado do mar ela vive, a mulher do vinhedo, a fabricante de vinho. Siduri fica sentada no jardim à beira do mar, com a tigela e os tonéis de ouro que os deuses lhe deram. Ela está coberta por um véu e, de onde se encontra, vê Gilgamesh se aproximar, vestindo peles, com a carne dos deuses no corpo, mas com o desespero no coração. Seu rosto era como o de alguém que chegou de uma longa jornada. Ela olhou e, observando com atenção o que se passava a distância, disse para si mesma: “Trata-se sem dúvida de um criminoso; aonde estará indo?” E ela fechou o portão com a tranca e passou-lhe o ferrolho. Mas Gilgamesh, ao ouvir o barulho do ferrolho, lançou a cabeça para a frente e deteve a porta com o pé. Ele gritou para Siduri: “Jovem fabricante de vinho, por que trancas tua porta? O que viste que te fez trancar teu portão? Quebrarei tua porta e arrebentarei teu portão, pois sou Gilgamesh, que capturou e matou o Touro do Céu. Eu matei o sentinela da floresta de cedro, derrubei Humbaba que vivia na floresta e matei os leões no desfiladeiro da montanha.”

Siduri então disse a ele: “Se és o Gilgamesh que capturou e matou o Touro do Céu, que matou o sentinela da floresta de cedro, que derrubou Humbaba que vivia na floresta e matou os leões no desfiladeiro da montanha, por que tens as faces tão encovadas e o rosto tão abatido? Por que trazes o desespero em teu coração, e por que teu rosto lembra o de alguém que chega de uma longa jornada?”

Sim, por que tua face está queimada pelo calor e pelo frio, e por que chegas aqui vagando pelos pastos à procura do vento?”

Gilgamesh respondeu-lhe: “E por que meu rosto não haveria de estar encovado e abatido? Trago o desespero em meu coração; meu rosto lembra o de alguém que chega de uma longa jornada e foi queimado pelo calor e pelo frio. Por que não haveria de vagar pelos pastos à procura do vento? Meu amigo, meu irmão mais novo, que caçava o asno selvagem e a pantera das campinas, meu amigo, meu irmão mais novo, que capturou e matou o Touro do Céu e derrubou Humbaba na floresta de cedro, meu amigo, alguém que me era caríssimo e que enfrentou muitos perigos ao meu lado, Enkidu, meu irmão, a quem tanto amava, a morte o alcançou. Chorei por ele durante sete dias e sete noites, até os vermes tomarem-lhe o corpo. Por causa do meu irmão, tenho medo da morte; por causa do meu irmão, vagueio pelas matas e pelos campos e não consigo descansar. Mas agora, oh, jovem que prepara o vinho, já que vi tua face, não permita que eu veja a face da morte a quem tanto temo.”

Ela respondeu: “Gilgamesh, onde vais com tanta pressa? Jamais encontrarás a vida que procuras. Quando os deuses criaram o homem, eles lhe destinaram a morte, mas a vida eles mantiveram em seu próprio poder. Quanto a ti, Gilgamesh, enche tua barriga de iguarias; dia e noite, noite e dia, dança e sê feliz, aproveita e deleita-te. Veste sempre roupas novas, banha-te em água, trata com carinho a criança que te tomar as mãos e faz tua mulher feliz com teu abraço; pois isto também é o destino do homem.”

Mas Gilgamesh disse a Siduri, a jovem: “Como posso ficar calado, como posso descansar, quando Enkidu, a quem amo, tornou-se pó, e quando também por mim a morte e a terra esperam? Vives à beira do oceano e vês o seu interior; dize-me, oh, jovem, como chegar a Utnapishtim, o filho de Ubara-Tutu. O que preciso saber para chegar até ele? Instruí-me, dize o que tenho de fazer. Atravessarei o Oceano se isto for possível; se não for, vagarei por regiões ainda mais desoladas.” A fabricante de vinho lhe disse: “Gilgamesh, não há como atravessar o Oceano; todos os que aqui vieram, desde os dias de outrora, não conseguiram viajar pelo mar. O Sol em sua glória atravessa o Oceano, mas quem além de Shamash jamais logrou tal feito? O lugar é perigoso e a passagem difícil; as águas da morte que por ali correm são profundas. Gilgamesh, como vais atravessar o Oceano? Quando chegares às águas da morte, o que farás? Mas, Gilgamesh, no meio da floresta encontrarás Urshanabi, o barqueiro de Utnapishtim; com ele estão os objetos sagrados, os objetos de pedra. Ele está talhando a proa do barco em forma de serpente. Observa-o bem. Se for possível, talvez consigas atravessar as águas do Oceano com ele; se não, terás de voltar.”

Ao ouvir isso, Gilgamesh ficou furioso. Ele tomou o machado em uma das mãos e sacou o punhal de seu cinturão. Gilgamesh avançou furtivamente e se atirou como um dardo em cima dos apetrechos do barco. Então voltou para dentro da floresta e sentou-se. Urshanabi viu o brilho da faca e escutou o machado, e ficou perplexo, pois Gilgamesh, em sua fúria, havia destroçado o equipamento da embarcação. Urshanabi disse a ele: “Dize-me, qual é o teu nome? Sou Urshanabi, o barqueiro de Utnapishtim, o Longínquo.” Ele lhe respondeu: “Gilgamesh é meu nome. Sou de Uruk, da casa de Anu.” Urshanabi perguntou-lhe então: “Por que tens as faces tão encovadas e o rosto tão abatido? Por que trazes o desespero em teu coração, e por que teu rosto lembra o de alguém que chega de uma longa jornada? Sim, por que tua face está queimada pelo calor e pelo frio, e por que chegas aqui vagando pelos pastos à procura do vento?”

Gilgamesh disse-lhe: “E por que meu rosto não haveria de estar encovado e abatido? Trago o desespero em meu coração; meu rosto lembra o de alguém que chega de uma longa jornada e foi queimado pelo calor e pelo frio. Por que não haveria de vagar pelos pastos à procura do vento? Meu amigo, meu irmão mais novo, que capturou e matou o Touro do Céu e derrubou Humbaba na floresta de cedro, meu amigo, alguém que me era caríssimo e que enfrentou muitos perigos ao meu lado, Enkidu, meu irmão, a quem tanto amava, a morte o alcançou. Chorei por ele durante sete dias e sete noites, até os vermes tomarem-lhe o corpo. Por causa do meu irmão, tenho medo da morte; por causa do meu irmão, vagueio pelas matas e pelos campos. Seu destino pesa sobre mim. Como posso descansar, como posso ficar em paz? Ele virou pó e também eu vou morrer e ser enterrado para sempre. Tenho medo da morte; por isso, Urshanabi, mostre-me o caminho para chegar até Utnapishtim. Se for possível, atravessarei as águas da morte, se não for, vagarei por regiões ainda mais desoladas.”

Urshanabi disse a ele: “Gilgamesh, foram tuas próprias mãos que tornaram impossível tua travessia do Oceano; ao destruíres o equipamento do barco, destruíste também sua segurança.” Os dois então discutiram o assunto, e Gilgamesh disse: “Por que estás tão zangado comigo, Urshanabi? Pois tu mesmo atravessas o mar dia e noite; em qualquer estação tu o atravessas.” “Gilgamesh, estes objetos que destruíste tinham a propriedade de levar-me por sobre as águas da morte, impedindo-as de tocarem em mim. Era por esta razão que eu os preservava, mas tu os destruíste, e com eles liquidaste também as serpentes *urnu*. Mas vai agora à floresta, Gilgamesh, corta com teu machado cento e vinte toras de sessenta côvados de comprimento, pinta-as com betume, reforça-as com virolas e traze-as de volta para mim.”

Ao ouvir isso, ele foi à floresta, cortou cento e vinte toras de

sessenta côvados de comprimento, pintou-as com betume, reforçou-as com virolas e trouxe-as de volta para Urshanabi. Eles então subiram no barco, Gilgamesh e Urshanabi, e o lançaram sobre as ondas do Oceano. Durante três dias eles singraram o mar com velocidade, percorrendo o equivalente a uma jornada de um mês e quinze dias. Urshanabi por fim levou o barco às águas da morte. Ele então disse para Gilgamesh: “Vai em frente, pega uma das toras e empurra-a para dentro do mar, mas não encostes tua mão na água. Gilgamesh, pega uma segunda tora, uma terceira, uma quarta. Agora, Gilgamesh, pega uma quinta, uma sexta e uma sétima tora. Gilgamesh, pega uma oitava, uma nona e uma décima tora. Gilgamesh, pega uma décima primeira; pega uma décima segunda tora.” Depois de empurrar para dentro d’água cento e vinte toras, Gilgamesh ficou sem nenhuma. Ele então tirou a roupa e elevou seus braços para cima para servir de mastro, e usou suas vestimentas como vela. Assim Urshanabi, o barqueiro, trouxe Gilgamesh até Utnapishtim, a quem chamam o Longínquo e que vive em Dilmun, a leste da Montanha, no lugar por onde transita o sol. Somente a ele, entre todos os homens, os deuses concederam a vida eterna.

Enquanto isso, Utnapishtim, confortavelmente instalado, observava tudo a distância e, dentro de seu coração, meditava: “Por que o barco navega por aqui sem seu mastro e sem equipamento? Por que foram destruídas as pedras sagradas, e por que o barco não é conduzido por seu capitão? Aquele homem que chega não é um dos meus; vejo um homem coberto com pele de animais. Quem é este que vem pela praia atrás de Urshanabi, pois certamente que não é um dos meus homens?” Utnapishtim então olhou para ele e disse: “Qual é o teu nome, tu que chegas vestido de pele de animais, com as bochechas famintas e o rosto abatido? Aonde vais com pressa? Por que razão fizeste uma jornada tão longa, atravessando mares cuja passagem é tão difícil? Dize-me a razão de tua vinda.”

Ele respondeu: “Gilgamesh é meu nome. Sou de Uruk, da casa de Anu.” Utnapishtim então disse a ele: “Se és Gilgamesh, por que tens as faces tão encovadas e o rosto tão abatido? Por que trazes o desespero em teu coração, e por que teu rosto lembra o de alguém que chega de uma longa jornada? Sim, por que tua face está queimada pelo calor e pelo frio, e por que chegas aqui vagando pelos pastos à procura do vento?”

Gilgamesh disse-lhe: “E por que meu rosto não haveria de estar encovado e abatido? Trago o desespero em meu coração; meu rosto lembra o de alguém que chega de uma longa jornada e foi queimado pelo calor e pelo frio. Por que não haveria de vagar pelos pastos à procura do vento? Meu amigo, meu irmão mais novo, que capturou e matou o Touro do Céu e derrubou Humbaba na floresta de cedro, meu

amigo, alguém que me era caríssimo e que enfrentou muitos perigos ao meu lado, Enkidu, meu irmão, a quem tanto amava, a morte o alcançou. Chorei por ele durante sete dias e sete noites, até os vermes tomarem-lhe o corpo. Por causa do meu irmão, tenho medo da morte; por causa do meu irmão, vagueio pelas matas e pelos campos. Seu destino pesa sobre mim. Como posso descansar, como posso ficar em paz? Ele virou pó e também eu vou morrer e ser enterrado para sempre.” Gilgamesh tornou a dizer, falando a Utnapishtim: “Foi para ver Utnapishtim, a quem chamamos o Longínquo, que fiz esta jornada. Por isso vagueei pelo mundo, atravessei tantas cordilheiras perigosas, cruzei os mares e me esfaltei viajando; minhas juntas doem e há muito que já não sei o que é uma doce noite de sono. Minhas roupas se esfarraparam antes de chegar à casa de Siduri. Matei o urso e a hiena, o leão e a pantera, o veado e o cabrito montês, o tigre e todos os tipos de caça, e também as pequenas criaturas dos pastos. Comi sua carne e vesti suas peles; e foi assim que cheguei ao portão da jovem fabricante de vinho, que fechou contra mim seu portão de piche e betume. Mas recebi dela instruções sobre a jornada e cheguei então até Urshanabi, o barqueiro, com quem atravessei as águas da morte. Oh, pai Utnapishtim, tu que te juntaste à assembleia dos deuses, desejo fazer-te algumas perguntas sobre os vivos e os mortos: como encontrar a vida que estou buscando?”

Utnapishtim disse: “Não existe permanência. Acaso construímos uma casa para que fique de pé para sempre, ou selamos um contrato para que valha por toda a eternidade? Acaso os irmãos que dividem uma herança esperam mantê-la eternamente, ou o período de cheia do rio dura para sempre? Somente a ninfa da libélula despe-se da larva e vê o sol em toda a sua glória. Desde os dias antigos, não existe permanência. Como são parecidos os adormecidos e os mortos, eles são como um retrato da morte. O que existe entre o servo e o senhor depois de ambos terem cumprido seus destinos? Quando os Anunnaki, os juizes do mundo inferior, se reúnem com Mammetum, a mãe dos destinos, juntos eles decidem a sorte dos homens. Eles distribuem a vida e a morte, mas o dia da morte eles não revelam.”

Gilgamesh então disse a Utnapishtim, o Longínquo: “Olho para ti, Utnapishtim, e vejo que és igual a mim; não há nada estranho em tuas feições. Pensei que fosse encontrar um herói preparado para a batalha, mas aqui estás, confortavelmente refestelado. Conta-me a verdade, como foi que vieste a te juntar aos deuses e ganhaste a vida eterna?” Utnapishtim disse a Gilgamesh: “Eu te revelarei um mistério; eu te contarei um segredo dos deuses.”

5. A história do dilúvio

“Conheces a cidade de Shurruk, que fica às margens do Eufrates? A cidade envelheceu, assim como os deuses que ali moravam. Havia Anu, o senhor do firmamento e pai da cidade; o guerreiro Enlil, seu conselheiro; Ninurta, o ajudante; e Ennugi, que vigiava os canais. Entre eles também se encontrava Ea. Naqueles dias a terra fervilhava, os homens multiplicavam-se e o mundo bramava como um touro selvagem. Este tumulto despertou o grande deus. Enlil ouviu o alvoroço e disse aos deuses reunidos em conselho: ‘O alvoroço dos humanos é intolerável, e o sono já não é possível por causa da balbúrdia.’ Os deuses então concordaram em exterminar a raça humana. Foi o que Enlil fez, mas Ea, por causa de sua promessa, me avisou num sonho. Ele denunciou a intenção dos deuses sussurrando para minha casa de colmo: ‘Casa de colmo, casa de colmo! Parede, oh, parede da casa de colmo, escuta e reflete. Oh, homem de Shurruk, filho de Ubara-Tutu, põe abaixo tua casa e constrói um barco. Abandona tuas posses e busca tua vida preservar; despreza os bens materiais e busca tua alma salvar. Põe abaixo tua casa, eu te digo, e constrói um barco. Eis as medidas da embarcação que deverás construir: que a boca extrema da nave tenha o mesmo tamanho que seu comprimento, que seu convés seja coberto, tal como a abóbada celeste cobre o abismo; leva então para o barco a semente de todas as criaturas vivas.’

“Quando compreendi, eu disse ao meu senhor: ‘Sereis testemunha de que honrarei e executarei aquilo que me ordenais, mas como explicarei às pessoas, à cidade, aos patriarcas?’ Ea então abriu a boca e falou a mim, seu servo: ‘Dize-lhes isto: Eu soube que Enlil está furioso comigo e já não ousa mais caminhar por seu território ou viver em sua cidade; partirei em direção ao golfo para morar com o meu senhor Ea. Mas sobre vós ele fará chover a abundância, a colheita farta, os peixes raros e as ariscas aves selvagens. À noite, o cavaleiro da tempestade vos trará uma torrente de trigo.’

“Ao primeiro brilho da alvorada, toda a minha família se reuniu ao

meu redor; as crianças trouxeram o piche e os homens todo o resto necessário. No quinto dia eu aprontei a quilha, montei a ossatura da embarcação e então instalei o tabuado. O barco tinha um acre de área e cada lado do convés media cento e vinte côvados, formando um quadrado. Construí abaixo mais seis conveses, num total de sete, e dividi cada um em nove compartimentos, colocando tabiques entre eles. Finquei cunhas onde elas eram necessárias, providenciei as zingas e armazenei suprimentos. Os carregadores trouxeram o óleo em cestas. Eu joguei piche, asfalto e óleo na fornalha. Mais óleo foi consumido na calafetagem, e mais ainda foi guardado no depósito pelo capitão da nave. Eu abati novilhos para a minha família e matava diariamente uma ovelha. Dei vinho aos carpinteiros do barco como se fosse água do rio, vinho verde, vinho tinto, vinho branco e óleo. Fez-se então um banquete como os que são preparados à época dos festejos do ano-novo; eu mesmo ungi minha cabeça. No sétimo dia, o barco ficou pronto.

“Foi com muita dificuldade então que a embarcação foi lançada à água; o lastro do barco foi deslocado para cima e para baixo até a submersão de dois terços de seu corpo. Eu carreguei o interior da nave com tudo o que eu tinha de ouro e de coisas vivas: minha família, meus parentes, os animais do campo – os domesticados e os selvagens – e todos os artesãos. Eu os coloquei a bordo, pois o prazo dado por Shamash já havia se esgotado; e ele disse: ‘Esta noite, quando o cavaleiro da tempestade enviar a chuva destruidora, entra no barco e te fecha lá dentro.’ Era chegada a hora. Caiu a noite e o cavaleiro da tempestade mandou a chuva. Tudo estava pronto, a vedação e a calafetagem; eu então passei o timão para Puzur-Amurri, o timoneiro, deixando todo o barco e a navegação sob seus cuidados.

“Ao primeiro brilho da alvorada chegou do horizonte uma nuvem negra, que era conduzida por Adad, o senhor da tempestade. Os trovões retumbavam de seu interior, e, na frente, por sobre as colinas e planícies, avançavam Shullat e Hanish, os arautos da tempestade. Surgiram então os deuses do abismo; Nergal destruiu as barragens que represavam as águas do inferno; Ninurta, o deus da guerra, pôs abaixo os diques; e os sete juízes do outro mundo, os Anunnaki, elevaram suas tochas, iluminando a terra com suas chamas lívidas. Um estupor de desespero subiu ao céu quando o deus da tempestade transformou o dia em noite, quando ele destruiu a terra como se despedaça um cálice. Por um dia inteiro o temporal grassou devastadoramente, acumulando fúria à medida que avançava e desabando torrencialmente sobre as pessoas como os fluxos e refluxos de uma batalha; um homem não conseguia ver seu irmão, nem podiam os povos serem vistos do céu. Até mesmo os deuses ficaram horrorizados com o dilúvio; eles fugiram para a parte mais alta do céu, o

firmamento de Anu, onde se agacharam contra os muros e ficaram encolhidos como covardes. Foi então que Ishtar, a Rainha do Céu, de voz doce e suave, gritou como se estivesse em trabalho de parto: ‘Ai de mim! Os dias de outrora estão virando pó, pois ordenei que se fizesse o mal; por que fui exigir esta maldade no conselho dos deuses? Eu impus as guerras para a destruição dos povos, mas acaso estes povos não pertencem a mim, pois fui eu quem os criou? Agora eles flutuam no oceano como ovas de peixe.’ Os grandes deuses do céu e do inferno verteram lágrimas e se calaram.

“Por seis dias e seis noites os ventos sopraram; enxurradas, inundações e torrentes assolaram o mundo; a tempestade e o dilúvio explodiam em fúria como dois exércitos em guerra. Na alvorada do sétimo dia o temporal vindo do sul amainou; os mares se acalmaram, o dilúvio serenou. Eu olhei a face do mundo e o silêncio imperava; toda a humanidade havia virado argila. A superfície do mar se estendia plana como um telhado. Eu abri uma janelinha e a luz bateu em meu rosto. Eu então me curvei, sentei e chorei. As lágrimas rolavam, pois estávamos cercados por uma imensidade de água. Procurei em vão por um pedaço de terra. A quatorze léguas de distância, porém, surgiu uma montanha, e ali o barco encalhou. Na montanha de Nisir o barco ficou preso; ficou preso e não mais se moveu. No primeiro dia ele ficou preso; no segundo dia ficou preso em Nisir e não mais se moveu. Um terceiro e um quarto dia ele ficou preso na montanha e não se moveu. Um quinto e um sexto dia ele ficou preso na montanha. Na alvorada do sétimo dia eu soltei uma pomba e deixei que se fosse. Ela voou para longe, mas, não encontrando um lugar para pousar, retornou. Então soltei uma andorinha, que voou para longe; mas, não encontrando um lugar para pousar, retornou. Então soltei um corvo. A ave viu que as águas haviam abaixado; ela comeu, voou de um lado para o outro, grasnou e não mais voltou para o barco. Eu então abri todas as portas e janelas, expondo a nave aos quatro ventos. Preparei um sacrifício e derramei vinho sobre o topo da montanha em oferenda aos deuses. Coloquei quatorze caldeirões sobre seus suportes e juntei madeira, bambu, cedro e murta. Quando os deuses sentiram o doce cheiro que dali emanava, eles se juntaram como moscas sobre o sacrifício. Finalmente, então, Ishtar também apareceu; ela suspendeu seu colar com as joias do céu, feito por Anu para lhe agradar. ‘Oh, vós, deuses aqui presentes, pelo lápis-lazúli que circunda meu pescoço, eu me lembrarei destes dias como me lembro das joias em minha garganta; não me esquecerei destes últimos dias. Que todos os deuses se reúnam em torno do sacrifício; todos, menos Enlil. Ele não se aproximará desta oferenda, pois sem refletir trouxe o dilúvio; ele entregou meu povo à destruição.’

“Quando Enlil chegou e viu o barco, ele ficou furioso. Enlil se encheu de cólera contra o exército de deuses do céu. ‘Alguns destes mortais escaparam? Ninguém deveria ter sobrevivido à destruição.’ Então Ninurta, o deus das nascentes e dos canais, abriu a boca e disse ao guerreiro Enlil: ‘E que deus pode tramar sem o consentimento de Ea? Somente Ea conhece todas as coisas.’ Então Ea abriu a boca e falou para o guerreiro Enlil: ‘Herói Enlil, o mais sábio dos deuses, como pudeste tão insensatamente provocar este dilúvio?’

*Inflige ao pecador o seu pecado,
Inflige ao transgressor a sua transgressão,
Pune-o levemente quando ele escapar,
Não exageres no castigo ou ele sucumbirá;
Antes um leão houvesse devastado a raça humana
Em vez do dilúvio,
Antes um lobo houvesse devastado a raça humana
Em vez do dilúvio,
Antes a fome houvesse assolado o mundo
Em vez do dilúvio,
Antes a peste houvesse assolado o mundo
Em vez do dilúvio.*

Não fui eu quem revelou o segredo dos deuses; o sábio soube dele através de um sonho. Agora reuni-vos em conselho e decidi sobre o que fazer com ele.’

“Enlil então subiu no barco, pegou a mim e a minha mulher pela mão e nos fez entrar no barco e ajoelhar, um de cada lado, com ele no meio. E tocou nossas testas para abençoar-nos, dizendo: ‘No passado, Utnapishtim era um homem mortal; doravante ele e sua mulher viverão longe, na foz dos rios.’ Foi assim que os deuses me pegaram e me colocaram aqui para viver longe, na foz dos rios.”

6. A volta

Utnapishtim disse: “Quanto a ti, Gilgamesh, quem irá reunir os deuses por tua causa, de maneira a poderes encontrar a vida que estás buscando? Mas, se quiseses, vem e põe-te à prova: terás apenas que lutar contra o sono por seis dias e sete noites.” Mas, enquanto Gilgamesh estava lá sentado, descansando sobre as ancas, uma bruma de sono, semelhante à lã macia cardada do velocino, pairou sobre ele, e Utnapishtim disse a sua mulher: “Olha para ele agora, o homem forte e poderoso que quer viver por toda a eternidade; as brumas do sono já estão pairando sobre ele.” Sua mulher replicou: “Toca no homem para acordá-lo, para que possa retornar em paz ao seu país, voltando pelo portão pelo qual entrou.” Utnapishtim disse a sua mulher: “Todos os homens são impostores, até a ti ele tentará enganar; por isso, põe-te a assar pães, cada dia um, e coloca-os ao lado de sua cabeça; e marca na parede o número de dias que ele dormiu.”

Ela então se pôs a assar os pães, cada dia um, e a colocá-los ao lado da cabeça de Gilgamesh, marcando na parede o número de dias que ele vinha dormindo. Chegou o dia em que o primeiro pão estava duro, o segundo parecia couro, o terceiro se encharcara, o bolor se formara na crosta do quarto, o quinto havia mofado, o sexto estava fresco e o sétimo ainda estava sobre as brasas. Utnapishtim então tocou em Gilgamesh e ele acordou. Gilgamesh disse a Utnapishtim, o Longínquo: “Eu mal havia começado a dormir quando tocaste em mim e me acordaste.” Mas Utnapishtim disse: “Conta estes pães e vê quantos dias dormiste, pois o primeiro está duro, o segundo parece couro, o terceiro está encharcado, a crosta do quarto está embolorada, o quinto está mofado, o sexto está fresco e o sétimo ainda se encontrava sobre as brasas incandescentes quando toquei em ti e te acordei.” Gilgamesh disse: “Oh, que farei, Utnapishtim, para onde irei? O ladrão da noite já se apoderou do meu corpo, a morte habita o meu espaço; encontro a morte onde quer que pouse meus pés.”

Utnapishtim falou então a Urshanabi, o barqueiro: “Pobre de ti, Urshanabi, de agora em diante este porto de abrigo te odeia; ele não

mais te acolherá, nem tampouco terás permissão para atravessar estas águas. Vai, agora, banido destas margens. Mas este homem, a quem conduziste, trazendo-o aqui, cujo corpo está coberto de imundície e cujos membros perderam sua graça e encanto, tendo sido deteriorados pelo uso de peles de animais, leva-o para se banhar. Ele então lavará seus cabelos na água, deixando-os limpos como a neve; jogará fora suas peles e deixará que as águas do oceano as levem para longe. A beleza de seu corpo será então revelada. A fita que ele usa na testa ficará como nova, e ele receberá roupas para cobrir sua nudez. Até que ele chegue à sua cidade de origem e até que complete sua jornada, estas roupas não darão sinal de uso e parecerão sempre novas.” Assim, Urshanabi pegou Gilgamesh e levou-o para se banhar. Ele lavou seus cabelos, deixando-os limpos como a neve; ele jogou fora suas peles, que foram levadas para longe pelo mar. A beleza de seu corpo foi revelada. A fita que usava na testa ficou como nova, e ele recebeu roupas para cobrir sua nudez, roupas que não dariam sinais de uso, mas pareceriam sempre novas até que ele chegasse a sua cidade de origem e sua jornada chegasse ao fim.

Então Gilgamesh e Urshanabi colocaram o barco na água, embarcaram e se prepararam para partir; mas a mulher de Utnapishtim, o Longínquo, disse ao marido: “Gilgamesh chegou aqui exausto, está extenuado; o que darás a ele para levar de volta a seu país?” Então Utnapishtim falou, e Gilgamesh tomou uma zinga em suas mãos e trouxe o barco de volta à margem. “Gilgamesh, chegaste aqui exausto, e te extenuaste; o que darei a ti para lebares de volta a teu país? Gilgamesh, eu te revelarei um segredo, é um mistério dos deuses que estou te revelando. Existe uma planta que cresce sob as águas; ela tem um espinho que espeta como o de uma rosa. Ela vai ferir tuas mãos, mas, se conseguires pegá-la, terás então em teu poder aquilo que restaura ao homem sua juventude perdida.”

Ao ouvir isso, Gilgamesh abriu as comportas para que uma corrente de água doce pudesse levá-lo ao canal mais profundo. Amarrou pesadas pedras a seus pés e elas o arrastaram para baixo, até o leito do rio. Lá ele encontrou a planta que crescia sob a água. Embora ela o espetasse, Gilgamesh tomou-a nas mãos. Ele então cortou as pesadas pedras presas a seus pés e as águas o carregaram, atirando-o à margem. Gilgamesh disse para Urshanabi, o barqueiro: “Vem ver esta maravilhosa planta. Suas virtudes podem devolver ao homem toda a sua força perdida. Eu a levarei à Uruk das poderosas muralhas. Lá, eu darei a planta aos anciãos para que a comam. O nome dela será ‘Os Velhos Voltaram A Ser Jovens’. E, finalmente, eu mesmo a comerei e recuperarei toda a minha juventude perdida.” Gilgamesh então retornou pelo portão por onde havia entrado.

Gilgamesh e Urshanabi viajaram juntos. Depois das primeiras vinte léguas, eles quebraram seu jejum; depois de mais trinta léguas, pararam para passar a noite.

Gilgamesh encontrou um poço de água fresca e entrou nele para se banhar; mas nas profundezas do poço havia uma serpente, e a serpente sentiu o doce cheiro que emanava da flor. Ela saiu da água e a arrebatou; e imediatamente trocou de pele e voltou para o fundo do poço. Gilgamesh então sentou-se e chorou. As lágrimas corriam por seu rosto e ele tomou a mão de Urshanabi: “Oh, Urshanabi, foi para isso que esfaltei minhas mãos? Foi para isso que arranquei sangue de meu coração? Nada obtive para mim, nada; mas a fera do poço agora usufrui do meu esforço. A corrente já arrastou a planta por vinte léguas, levando-a de volta aos canais onde a encontrei. Eu encontrei algo prodigioso e agora o perdi. Deixemos o barco nesta margem e vamos embora.”

Depois de caminharem vinte léguas, eles quebraram seu jejum; depois de trinta léguas, eles pararam para passar a noite. Em três dias de viagem eles haviam percorrido a pé um percurso equivalente a uma jornada de um mês e quinze dias. Ao completarem a jornada, eles chegaram a Uruk, a cidade das poderosas muralhas. Gilgamesh falou a ele, a Urshanabi, o barqueiro: “Urshanabi, sobe na muralha de Uruk, inspeciona o terraço onde sua estrutura foi fundada, examina bem a alvenaria de tijolos; vê se não foram usados tijolos cozidos. Não foram os sete sábios que assentaram estas fundações? Um terço do todo é cidade, um terço é jardim e um terço é campo, incluindo o períbolo da deusa Ishtar. Estas partes e o períbolo formam toda a Uruk.”

Isto também foi obra de Gilgamesh, o rei, que percorreu as nações do mundo. Ele era sábio, ele viu coisas misteriosas e conheceu muitos segredos. Ele nos trouxe uma história dos dias que antecederam o dilúvio. Partiu numa longa jornada, cansou-se, exauriu-se em trabalhos e, ao retornar, descansou e gravou na pedra toda a sua história.

7. A morte de Gilgamesh

O destino decretado por Enlil da montanha, o pai dos deuses, foi cumprido: “No mundo inferior a escuridão vai mostrar-lhe uma luz: na humanidade, por todas as gerações conhecidas, ninguém legará um monumento que se compare ao dele. Os heróis e os sábios, como a lua nova, têm seus períodos de ascensão e declínio. Os homens dirão: ‘Quem jamais governou com tamanha força e tamanho poder?’ Como no mês escuro, no mês das sombras, sem ele não há luz. Oh, Gilgamesh, era este o significado de teu sonho. Foi-te dado um trono, reinar era teu destino; a vida eterna não era teu destino. Assim, não fiques triste, não te atormentes, nem te deixes oprimir por causa disso. Ele te deu o poder de atar e desatar, de ser as trevas e a luz da humanidade. Ele te concedeu supremacia sem paralelo sobre o povo, vitória nas batalhas de onde não escapam fugitivos; o sucesso é teu nas incursões militares e nos implacáveis assaltos por ti empreendidos. Mas não abuses deste poder; sê justo com teus servos no palácio, faz justiça ante a face do Sol.”

*O rei se deitou e não mais se levantará;
O Senhor de Kullab não mais se levantará;
Ele venceu o mal, ele não mais voltará;
Embora tivesse braços fortes, ele não mais se levantará;*

*Ele era sábio e tinha um belo rosto, ele não mais voltará;
Ele adentrou a montanha, ele não mais voltará;
Em seu leito fatídico ele jaz, ele não mais se levantará;
De seu divã multicolorido ele não mais voltará.*

O povo da cidade, os grandes e os humildes, não estão em silêncio. Eles se lamentam em voz alta; toda a humanidade se lamenta em voz alta. O destino se cumpriu; como uma gazela apanhada num laço, como um peixe fogado, ele jaz estirado sobre a cama. O desumano Namtar pesa sobre ele; Namtar, que não tem mão nem pé, que não bebe água nem come carne.

Por Gilgamesh, filho de Ninsun, eles fizeram inúmeras oferendas; sua esposa querida, seu filho, sua concubina, seus músicos, seu bufão e todos os que pertenciam à sua casa; seus servos, seus camareiros, todos os que viviam no palácio fizeram inúmeras oferendas a Gilgamesh, filho de Ninsun, o coração de Uruk. Eles fizeram inúmeras oferendas a Ereshkigal, a Rainha dos Mortos, e a todos os deuses do inferno. A Namtar, que é o destino, eles fizeram oferendas. Pão para Neti, o Sentinela do Portão; pão para Ningizzida, o deus da serpente, o senhor da Árvore da Vida; pão também para Dumuzi, o jovem pastor, para Enki e Ninki, para Endukugga e Nindukugga, para Enmul e Ninmul, todos eles deuses ancestrais, antepassados de Enlil. Um banquete para Shulpae, o deus dos festejos. Para Samuqan, o deus dos rebanhos, para a mãe Ninhursag e para todos os deuses da criação, para a hoste do céu, sacerdote e sacerdotisa fizeram inúmeras oferendas fúnebres.

Gilgamesh, o filho de Ninsun, jaz em seu túmulo. No lugar das oferendas ele ofertou o pão, no lugar da libação ele derramou o vinho. Naqueles dias partiu o senhor Gilgamesh, o filho de Ninsun, o rei, o incomparável, um homem sem rival que não negligenciou Enlil, seu mestre. Oh, Gilgamesh, senhor de Kullab, grande é a tua glória.

Este glossário apresenta breves referências sobre os deuses, personagens e lugares mencionados na Epopeia. Imputava-se aos deuses, em diferentes épocas, uma grande variedade de atributos e características, algumas vezes contraditórios entre si; apenas as que são relevantes à Epopeia de Gilgamesh são mencionadas aqui. Os poucos deuses e personagens que têm um papel mais importante na história são descritos na Introdução. Nestes casos, uma referência no fim da nota remete à página que contém a descrição. As remissões a outros verbetes do Glossário são indicadas por meio de *itálico*.

ADAD: Deus do clima, da chuva e da tempestade.

ANUNNAKI: Em geral, deuses do mundo inferior; eram os juízes dos mortos e filhos de *Anu*. Ver p. 41.

ANSHAN: Um dos distritos do Elam, no sudoeste da Pérsia; era provavelmente a fonte de suprimento de madeira para a fabricação de arcos. Gilgamesh tem um “arco de Anshan”.

ANTUM: Consorte de *Anu*.

ANU: O An sumário; pai dos deuses e deus do firmamento, o “Grande Acima”. Segundo a cosmogonia suméria, havia em primeiro lugar o mar primitivo, de onde nasceu a montanha cósmica, que continha o céu, “An”, e a terra, “Ki”; eles foram separados por *Enlil*. An então arrebatou o céu, e Enlil a terra. Anu mais tarde foi se tornando cada vez mais uma figura de fundo; ele teve um importante templo em Uruk. Ver p. 33.

APSU: O Abismo; as águas primevas sob a terra; na mitologia posterior do *Enuma Elish*, Apsu representava mais especificamente a água doce que se mistura à água salgada do mar e a um terceiro elemento aquoso, possivelmente as nuvens, de onde foram gerados os primeiros deuses. Achava-se que as águas de Apsu eram mantidas estagnadas no mundo inferior por um “feitiço” de Ea, que as colocou sob um sono mortal.

ARURU: Uma deusa da criação; criou *Enkidu* da argila à imagem

de *Anu*.

AYA: A alvorada, consorte do Deus-Sol *Shamash*.

BELIT-SHERI: Escriba dos deuses do mundo inferior.

DILMUN: O paraíso sumério, talvez o Golfo Pérsico, algumas vezes descrito como “o lugar onde nasce o sol” e “A Terra dos Vivos”; o cenário de um mito sumério da criação, e o lugar para onde Ziusudra, o herói deificado da versão suméria do dilúvio, foi levado para viver eternamente. Ver p. 58.

DUMUZI: A forma suméria de *Tammuz*; um deus da vegetação e da fertilidade, e por isso deus do mundo inferior; também chamado de “o Pastor” e “senhor dos oviários”. Companheiro de *Ningizzida* “para toda a eternidade”, ele guarda o portão do céu. No texto sumério “A Linhagem de Inanna”, ele é apresentado como o marido da deusa Inanna, a correspondente suméria de *Ishtar*. Segundo a lista dinástica suméria, Gilgamesh descendia de “Dumuzi, um pastor”.

EA: O Enki sumério; deus da água doce e da sabedoria, patrono das artes e um dos criadores da humanidade, em relação à qual ele geralmente demonstra boa vontade. O deus principal de Eridu, onde tinha um templo, vivia “nas profundezas”. Sua linhagem é pouco conhecida, mas ele era provavelmente filho de *Anu*. Ver p. 38.

EANNA: O períbolo do templo em Uruk consagrado a *Anu* e *Ishtar*.

EGALMAH: O “Grande Palácio” em Uruk, o lar da deusa *Ninsun*, mãe de Gilgamesh. Ver p. 112.

ENDUKUGGA: Com *Nindukugga*, deuses sumérios que vivem no mundo inferior; pais de *Enlil*.

ENKIDU: Moldado em argila por *Aruru*, deusa da criação, segundo a imagem e a “essência de *Anu*”, o deus do céu, e de *Ninurta*, o deus da guerra, Enkidu, o companheiro de Gilgamesh, representa o homem selvagem e natural; ele foi mais tarde considerado o protetor ou deus dos animais, e talvez tenha sido o herói de um outro ciclo de poemas. Ver p. 44.

ENLIL: Deus da terra, do vento e do ar universal; essencialmente, espírito; o deus que executa as vontades e as funções de *Anu*. Segundo a cosmogonia suméria, ele nasceu da união de An, o céu, com Ki, a terra. Ele separou os dois e arrebatou a terra para si. Mais tarde, suplantou *Anu* como o deus principal. Era o deus da cidade de Nippur. Ver pp. 34-5.

ENMUL: Ver *Endukugga*.

ENNUGI: Deus da irrigação e inspetor dos canais.

ENUMA ELISH: A epopeia semítica da criação que descreve a criação dos deuses, a derrota dos poderes do caos pelo jovem deus Marduk e a criação do homem a partir do sangue de Kingu, o guerreiro derrotado do caos. O título é tirado das primeiras palavras da epopeia “Quando lá no alto...”

ERESHKIGAL: A Rainha do mundo inferior, deusa correspondente a Perséfone; antes, era provavelmente uma divindade celeste. Segundo a cosmogonia suméria, ela foi raptada para o mundo inferior após a separação do céu e da terra. Ver p. 40.

ETANA: Lendário rei pós-diluviano de Kish; na epopeia que leva o seu nome, ele foi levado ao céu nas costas de uma águia.

GILGAMESH: O herói da Epopeia; filho da deusa *Ninsun* e de um sacerdote de *Kullab*. Quinto rei de Uruk depois do dilúvio, ficou famoso como grande construtor e como juiz dos mortos. Um ciclo de poemas épicos foi composto em torno de seu nome. Ver p. 28.

HANISH: Um arauto divino da tempestade e do mau tempo.

HOMEM-ESCORPIÃO: Junto com um monstro similar do sexo feminino, é o sentinela da montanha onde o sol se põe ao cair da noite. É representado nos sinetes e nos entalhos em marfim como uma figura cuja parte superior do corpo é humana e a inferior animal, terminando com a cauda de um escorpião. Segundo o *Eluma Elish*, foi criado pelas águas primitivas para combater os deuses.

HUMBABA: Também Huwawa; sentinela da floresta de cedro que opõe resistência a Gilgamesh e é morto por ele e por *Enkidu*. Uma divindade da natureza, talvez um deus anatólio, elamita ou sírio. Ver p. 48.

IGIGI: Coletivo para designar os grandes deuses do céu.

IRKALLA: Outro nome de *Ereshkigal*, a Rainha do mundo inferior.

ISHTAR: A Inanna suméria; deusa do amor e da fertilidade e também da guerra; era chamada a Rainha do Céu. Ela é filha de *Anu* e padroeira de Uruk, onde tem um templo. Ver p. 37.

ISHULLANA: Jardineiro de Anu, outrora amado por Ishtar, a quem rejeitou; ela o transformou numa toupeira ou numa rã.

KI: A terra.

KULLAB: Bairro de *Uruk*.

LUGULBANDA: Terceiro rei da dinastia pós-diluviana de Uruk; deus, pastor e herói de um ciclo sumério de poemas; protetor de Gilgamesh. Ver p. 26.

MAGAN: Uma região situada a oeste da Mesopotâmia, algumas vezes o Egito ou a Arábia, outras vezes a terra dos mortos, o mundo inferior.

MAGILUM: Significado incerto, talvez “o barco dos mortos”.

MAMMETUM: Deusa ancestral responsável pelos destinos.

MASHU: A palavra significa “gêmeos” na língua acadiana. Uma montanha com dois picos onde o sol se põe ao cair da noite e de onde ele torna a aparecer na alvorada. Algumas vezes identificada com Líbano e Antilíbano.

NAMTAR: A ruína, o destino em seu aspecto funesto, calamitoso e maligno; representado como um demônio do mundo inferior e

também como o mensageiro e principal ministro de *Ereshkigal*; um portador da peste e da doença.

NEDU: Ver *Neti*.

NERGAL: Deus do mundo inferior, algumas vezes descrito como marido de *Ereshkigal*, ele é o tema central de um poema acadiano que descreve seu traslado do céu para o mundo inferior; deus da praga.

NETI: A forma suméria de Nedu, o principal porteiro do mundo inferior.

NINDUKUGGA: Com *Endukugga*, deuses ligados à paternidade, que viviam no mundo inferior.

NINGAL: Consorte do Deus-Lua e mãe do Sol.

NINGIRSU: Uma forma mais primitiva do deus *Ninurta*; deus da irrigação e da fertilidade.

NINGIZZIDA: Também Gizzida; um deus da fertilidade com o título de “Senhor da Árvore da Vida”; algumas vezes é representado como uma serpente com cabeça humana; posteriormente, tornou-se o deus das curas e da magia; companheiro de *Tammuz*, ao lado de quem tomava conta do portão do céu.

NINHURSAG: Deusa-mãe suméria; uma dos quatro principais deuses sumérios, junto de An, *Enlil* e Enki; algumas vezes descrita como consorte de Enki, ela criou toda a vegetação. Seu nome significa “a Mãe”; é também chamada de “Nintu”, senhora do nascimento, e *Ki*, a terra.

NINKI: A “mãe” de *Enlil*, provavelmente uma variante de *Ninhursag*.

NINLIL: Deusa do céu, da terra e do ar e, sob certo aspecto, também do mundo inferior; consorte de *Enlil* e mãe da Lua; cultuada junto de Enlil em Nippur.

NINSUN: Mãe de Gilgamesh, uma deusa menor cujo lar ficava em Uruk; era conhecida por sua sabedoria, e era a consorte de *Lugulbanda*.

NINURTA: Forma posterior do deus *Ningirsu*. Deus das nascentes e da irrigação, Ninurta era também guerreiro e deus da guerra, arauto e o vento sul. Segundo um poema, ele no passado represou as águas amargas do mundo inferior e venceu vários monstros.

NISABA: Deusa dos cereais.

NISIR: Este nome provavelmente significa “Montanha da Salvação”; o topônimo é algumas vezes identificado com a cordilheira Pir Oman Gudrun, ao sul da parte mais baixa de Zab, ou com o Ararat, região montanhosa bíblica ao norte do Lago Van.

PUZUR-AMURRI: O timoneiro de *Utnapishtim* durante o dilúvio.

SAMUQAN: Deus do gado.

SETE SÁBIOS: Os sábios que trouxeram a civilização às sete cidades mais antigas da Mesopotâmia.

SHAMASH: O Utu sumério; o sol; para os sumérios, ele era

principalmente o juiz e o legislador, com alguns atributos ligados à fertilidade. Para os semitas, era também um guerreiro vitorioso, o deus da sabedoria, o filho de *Sin* e um deus “mais eminente e poderoso” que seu pai. Shamash era irmão e marido de *Ishtar*. É representado com o serrote com o qual corta suas decisões. Nos poemas, o nome “Shamash” pode estar se referindo ao deus ou simplesmente ao sol. Ver p. 35.

SHULLAT: Um arauto divino das tempestades e do mau tempo.

SHULPAE: Divindade que presidia banquetes e festejos.

SHURRUPAK: A moderna Fará, que fica vinte e nove quilômetros a noroeste de Uruk; uma das cidades mais antigas da Mesopotâmia e uma das cinco apontadas pelos sumérios como tendo existido antes do dilúvio. O lar do herói da história do dilúvio.

SIDURI: Entidade divina que preparava o vinho e a cerveja: ela vive à beira do mar (talvez no Mediterrâneo), no jardim do sol. Seu nome na língua hurriana significa “mulher jovem”; Siduri pode ser também uma forma variante da deusa *Ishtar*. Ver p. 56.

SILILI: Mãe do garanhão; talvez uma égua divina.

SIN: O Nanna sumério, a lua. A principal divindade astral suméria, pai de Utu/*Shamash*, o sol, e de *Ishtar*. Era filho de *Enlil* e *Ninlil*. Seu principal templo ficava em Ur.

TAMMUZ: O *Dumuzi* sumério; o deus moribundo da vegetação, pranteado por *Ishtar*, em torno do qual foram compostos vários lamentos e ladainhas. Num poema acadiano, *Ishtar* desce ao mundo inferior em busca de seu jovem marido Tammuz; mas, no poema sumério no qual esta obra se baseia, é a própria Inanna a responsável pelo envio de Dumuzi ao mundo inferior, por causa de seu orgulho e para que servisse de penhor e garantia do retorno seguro da deusa ao céu.

TOURO DO CÉU: Personificação da seca, criada por *Anu* para *Ishtar*.

UBARA-TUTU: Rei de *Shurruk* e pai de *Utnapishtim*. O único rei de Kish, além de Utnapishtim, apontado na lista dinástica antediluviana.

URSHANABI: O Sursunabu da versão babilônica arcaica. Barqueiro de *Utnapishtim*, Urshanabi atravessa diariamente as águas da morte que dividem o jardim do sol do paraíso onde Utnapishtim vive eternamente (o *Dilmun* sumério). Ao aceitar Gilgamesh como passageiro, ele acaba perdendo este privilégio e decide então acompanhar Gilgamesh de volta a Uruk.

URUK: A Erech bíblica, atualmente conhecida como Warka, situada ao sul da Babilônia, entre Fará (*Shurruk*) e Ur. As escavações mostram que desde muito cedo Uruk já era uma cidade importante, possuindo grandes templos consagrados aos deuses *Anu* e *Ishtar*.

Tradicionalmente, a cidade era rival e inimiga de Kish e após o dilúvio tornou-se a sede de uma dinastia de reis, entre os quais se incluía Gilgamesh, que foi o quinto e o mais famoso deles.

UTNAPISHTIM: Utanapishtim para os antigos babilônicos, Ziusudra para os sumérios. Nos poemas sumérios, além de um rei sábio, Ziusudra era sacerdote de *Shurrapak*; as fontes acadianas o descrevem como um cidadão sábio de Shurrapak. Ele é filho de Ubara-Tutu, e seu nome é geralmente traduzido por “Aquele que viu a vida”. Era o protegido do deus *Ea*, com a conivência de quem sobreviveu ao dilúvio na companhia de sua família e das “sementes de todas as criaturas vivas”; depois disso, foi levado pelos deuses para viver para sempre “na foz dos rios” e recebeu o epíteto de “o Longínquo”; ou, segundo as fontes sumérias, foi viver no *Dilmun*, onde nasce o sol.

Já indicamos as principais fontes usadas para esta versão da Epopeia (ver pp. 75-82). Para uma relação bibliográfica completa basta consultar *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, organizado por James B. Pritchard; *Gilgameš et sa légende*, do Cahiers du Groupe François-Thureau-Dangin; e o *Reallexikon der Assyriologie*. O que ora se segue é uma breve nota sobre a distribuição do material textual entre as diferentes tábuas.

(i) O poema sumério “Gilgamesh e a Terra dos Vivos”; texto tirado de quatorze tábuas encontradas em Nippur, de uma tábua achada em Kish e de mais duas de origem desconhecida, totalizando 175 versos. Todo este material data da primeira metade do segundo milênio e cobre os seguintes incidentes: a amizade entre o Senhor Gilgamesh e seu servo Enkidu; o desejo de deixar um nome para a posteridade; a súplica a Utu (Shamash), que designa forças sobrenaturais para ajudá-los; o armamento de Gilgamesh e Enkidu; a partida com cinquenta companheiros; a derrubada do cedro; a fraqueza que toma conta de Gilgamesh; o anoitecer na montanha; o diálogo com Enkidu; a descoberta de Huwawa (Humbaba), que é encontrado em sua casa; a destruição causada por Gilgamesh, que arranca as árvores da floresta e vai à casa de Huwawa, onde este implora por sua vida e tem seu pedido negado a conselho de Enkidu; a morte de Huwawa e a apresentação do seu corpo ao furioso Enlil. Neste ponto o texto sumério é interrompido.

(ii) O texto sumério “A Morte de Gilgamesh” está ainda muito fragmentado e não se conhece ao certo sua relação com os demais poemas do ciclo, especialmente com “Gilgamesh e a Terra dos Vivos”. O texto seguido aqui é tirado de três tábuas encontradas em Nippur, datadas da primeira metade do segundo milênio. Dois fragmentos, “A” e “B”, narram o “Destino” de Gilgamesh, proclamado por Enlil, e o lamento ao rei morto, com a relação das oferendas fúnebres. Recentemente, contudo, o Professor Kramer identificou outros fragmentos que sugerem que o texto da “Morte” foi inscrito numa

tábua de pelo menos 450 versos.

(iii) Versões do babilônico antigo, que datam do período da primeira dinastia da Babilônia, na primeira metade do segundo milênio: a chamada “Tábua da Pensilvânia” descreve a chegada de Enkidu e os sonhos de Gilgamesh referentes a seu companheiro. A “Tábua de Yale” contém a preparação para a jornada da floresta até a partida dos heróis. O fragmento “Meissner”, vindo de Sippar, narra o episódio de Siduri e o encontro com o barqueiro Sursunabu (Urshanabi). Uma edição independente deste material foi apresentada por M. Jastrow e A. T. Clay em 1920 sob o título *An Old Babylonian Version of the Epic of Gilgamesh*. Recentemente mais um fragmento do babilônico antigo, encontrado em Tell Iscali, foi publicado por T. Bauer (ver *Ancient Near Eastern Texts referring to the Old Testament*). Ele trata da morte de Humbaba e não difere tanto da narrativa suméria como o fazem as versões acadianas mais recentes. As tábuas de Ur no Museu Britânico (UET VI) nos oferecem hoje uma versão um pouco mais completa do texto babilônico médio que narra a doença de Enkidu: C. J. Gadd, *Iraq*, 28, 1966, pp. 105-21, e alguns fragmentos do babilônico antigo (publicados por A. R. Millard, *Iraq*, 26, 1964, p. 99) acrescentam alguma coisa à nona tábua.

(iv) Versão hitita, tirada de tábuas encontradas em Boghazköy, na Anatólia Central, datadas da metade do segundo milênio. Este material contém fragmentos da descrição de Gilgamesh e seus dotes, o episódio da floresta com a derrubada do cedro, o sonho de Enkidu doente e moribundo e parte da jornada em busca de Utnapishtim, incluindo o incidente com Siduri e o encontro com Urshanabi. Deste ponto em diante a história se afasta substancialmente das demais versões. A tradução foi publicada por J. Friedrich no *Zeitschrift fur Assyriologie*, 39, 1929, e por H. Otten, *Istanbul Mitteilungen* 8, 1958, pp. 93-125. Um outro fragmento tirado das tábuas hititas de Boghazköy (KUB VIII, 48, 1924), publicado por R. Stefanini no *Journal of Near Eastern Studies*, 28, 1958, fornece uma versão ligeiramente diferente do Conselho dos Deuses no sonho que Enkidu tem em seu leito de morte.

(v) Um fragmento hurrita, também vindo de Boghazköy, fornece parte da jornada até Utnapishtim. Ele foi publicado no *Zeitschrift fur Assyriologie*, 35, 1923.

(vi) Versões semíticas. Havia uma versão acadiana em uso no Império Hitita, e fragmentos dela foram encontrados em Boghazköy; mas a mais completa de todas as versões é a assíria. Ela foi escrita originalmente em doze tábuas de seis colunas; cada tábua continha aproximadamente trezentos versos. Partes de todas as doze tábuas ainda existem; quase todas provêm da biblioteca do palácio de Nínive e datam do século VII antes de Cristo. Baseado em material mais

antigo, este texto cobre todos os incidentes da história até o retorno da busca de Utnapishtim. O material está dividido da seguinte maneira: na Tábua I, as descrições de Gilgamesh e Enkidu, até o fim do segundo sonho de Gilgamesh sobre Enkidu. A Tábua H, bastante fragmentária, provavelmente continha o encontro de Gilgamesh e Enkidu e a primeira menção à floresta de cedro. A Tábua III, também bastante fragmentária, provavelmente continha as entrevistas de Gilgamesh com os conselheiros da cidade, com Ninsun, e a exortação a Enkidu. A Tábua IV, da qual nos chegaram apenas alguns versos, provavelmente cobria a jornada à floresta e a chegada ao portão. A Tábua V continha a descrição da floresta, os sonhos na montanha e provavelmente o encontro com Humbaba e seu assassinato. A Tábua VI continha o encontro de Gilgamesh e Ishtar, a aventura do Touro do Céu e o começo da doença de Enkidu. A Tábua VII trazia a continuação da doença de Enkidu, seus sonhos e sua morte. A Tábua VIII relatava os lamentos por Enkidu e provavelmente uma descrição do funeral. A Tábua IX cobre a jornada de Gilgamesh em busca de Utnapishtim até o encontro com Siduri. A Tábua X cobre o episódio de Siduri, o encontro com Urshanabi e Utnapishtim. A Tábua XI é a mais completa e mais bem preservada de todas, com trezentas linhas. Ela descreve o Dilúvio, os testes a que Gilgamesh é submetido e seu retorno a Uruk. A recensão assíria não faz nenhuma menção à morte de Gilgamesh, e a décima segunda e última tábuia reconta um episódio independente, uma versão alternativa à morte de Enkidu narrada na Tábua VII. A Tábua XII é uma tradução direta de um original sumério, que também sobreviveu parcialmente. A relação entre as duas versões foi discutida pelo prof. Kramer no *Journal of American Oriental Society*, 64, 1944, e por vários escritores, especialmente L. Matous, em *Gilgameš et sa légende*.

(vii) O fragmento acadiano de Sultantepe. Este material foi escavado pelo sr. Seton Lloyd e por Bay Nuri Gökçe em 1951. Foram encontradas duas tábuas de uma coluna cada; uma delas continha um fragmento da doença de Enkidu e a outra o lamento de Gilgamesh pelo amigo, e provavelmente também uma descrição do funeral e da estátua de Enkidu erigida por Gilgamesh. Embora muito curtos, ambos os fragmentos preenchem lacunas deixadas pela recensão de Nínive, da qual diferem ligeiramente, e foram publicados no *Journal of Cuneiform Studies*, 8, 1954, e no *Anatolian Studies*, II, 1952, pelo dr. Gurney, que considera os dois textos como tendo sido escritos por aprendizes, devido a seus erros característicos.